

VENDA PROIBIDA



SEJAM FIRMES

Ensino Sadio e
Caráter Santo nas
Cartas Pastorais



SILAS QUEIROZ

SEJAM FIRMES

Ensino Sadio e Caráter Santo
nas Cartas Pastorais

SILAS QUEIROZ

1ª Edição



CPAD

Rio de Janeiro
2023

Todos os direitos reservados. Copyright © 2023 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembleias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

É proibida a duplicação ou reprodução deste volume, no todo ou em parte, sob quaisquer formas ou meios (eletrônico, mecânico, gravação, fotocópia, distribuição na *web* e outros), sem permissão expressa da Editora.

Preparação dos originais: Miquéias Nascimento

Revisão: Daniele Pereira

Capa, projeto gráfico e editoração: Elisangela Santos

Conversão para Ebook: Cumbuca Studio

CDD: 240 – Moral Cristã e Teologia Devocional

e-ISBN: 978-65-5968-221-8

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Corrigida, edição de 2009, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso *site*: <https://www.cpad.com.br>

SAC — Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800-021-7373

Casa Publicadora das Assembleias de Deus

Av. Brasil, 34.401, Bangu, Rio de Janeiro – RJ

CEP 21.852-002

1ª edição: 2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar ao Deus Eterno, que me alcançou por sua graça e misericórdia e que me sustenta e guarda a cada dia. DEle vem a alegria, a força e a inspiração, das quais fui provido durante a escrita deste livro.

Minha gratidão à CPAD por mais uma honrosa oportunidade.

À minha família, pelo imprescindível apoio.

Aos meus irmãos da Assembleia de Deus do Jardim Presidencial III, em Ji-Paraná–RO, e de toda a Assembleia de Deus rondoniense e de outras partes do país pelas manifestações de estímulo e pelas orações.

Lanço também uma nota de gratidão ao pastor Nelson Luchtenberg, pela sua liderança e expressões de apreço.

SUMÁRIO

Agradecimentos

Introdução

Capítulo 1 – Introdução à Primeira Carta a Timóteo (1 Tm 1.1-7)

Capítulo 2 – O Problema dos Falsos Mestres (1 Tm 1.3-11)

Capítulo 3 – Instruções a Respeito da Oração (1 Tm 2.1-8)

Capítulo 4 – Instruções para as Mulheres (1 Tm 2.9-15)

Capítulo 5 – Instruções para os Pastores (1 Tm 3.1-7)

Capítulo 6 – Qualidades Pessoais e Essenciais para os Diáconos (1 Tm 3.8-13)

Capítulo 7 – Instruções sobre o Comportamento na Igreja (1 Tm 3.14-16)

Capítulo 8 – O Respeito às Pessoas e o Cuidado com as Viúvas (1 Tm 5.1-16)

Capítulo 9 – Conselho de Paulo a Timóteo (1 Tm 5.21-25)

Capítulo 10 – A Segunda Carta a Timóteo (2 Tm 1.1,2; 2.1,2; 3.1-5)

Capítulo 11 – Seja Firme (2 Tm 1.3-18)

Capítulo 12 – Venha Depressa (2 Tm 4.1-22)

Capítulo 13 – Organizar a Igreja em Creta (Tt 1.1-16)

INTRODUÇÃO

Muitos eruditos já escreveram acerca das Cartas Pastorais com profundidade e riqueza de detalhes quanto à sua historicidade, autoria, estilo, canonicidade, conteúdo e propósito. São ricos comentários que, nas suas introduções, analisam e refutam críticas antigas e modernas quanto à autenticidade e à autoria paulina.

Esta obra não ignora as modernas controvérsias acadêmicas em torno das Pastorais, mas, propositalmente, passa ao largo delas. Em primeiro lugar, porque o caráter minoritário, periférico e insustentável das críticas dispensa novas discussões. Em segundo lugar, porque o próprio estudo das Pastorais ensina-nos que não é necessário deter-nos no campo de questões intermináveis, que não produzem edificação (1 Tm 1.4; Tt 3.9-11). E em terceiro lugar, porque com o presente texto sequer se esboça a pretensão de alcançar a erudição de tantos excelentes estudiosos do Novo Testamento. Nosso foco maior será ressaltar o caráter prático dos ensinamentos paulinos, buscando, o tanto quanto possível, contextualizá-los com a vida da igreja de nossos dias.

Apesar de tornar-se verdadeiro lugar-comum dizer que esse ou aquele livro da Bíblia é singular por conta da peculiaridade de cada um e de todos eles, não há como deixar de acentuar a distinção das cartas de Paulo a Timóteo e a Tito em relação a todos os demais livros das Sagradas Escrituras, até pelo título que passaram a receber a partir do século XVIII: Cartas Pastorais.¹

Dos 27 livros do Novo Testamento, 1 e 2 Timóteo e Tito foram os únicos escritos a pastores, com notas pessoais e, principalmente, exortações práticas a respeito da função dos dirigentes eclesiásticos, especialmente o seu testemunho pessoal e o compromisso com a ortodoxia, que Paulo seguidas vezes denomina de “boa doutrina” (1 Tm 4.6), “sã doutrina” (2 Tm 4.3; Tt 2.1), “sãs

palavras” (1 Tm 6.3; 2 Tm 1.13) ou simplesmente “doutrina” (1 Tm 1.4.16; 5.17; 6.1,3).

Além do caráter eclesiológico prático das cartas, um dos aspectos mais impressionantes das Pastorais é como elas são encaixadas na história do Novo Testamento e, em especial, da vida e do ministério de Paulo, complementando a narrativa que ficou visivelmente inacabada com o relato produzido por Lucas em Atos. O Autor das Escrituras cuidou para que os registros prosseguissem e a Igreja fosse brindada com a riqueza das Pastorais.

Talvez a singularidade das Pastorais não nos impressione tanto, já que é característico das Escrituras Sagradas ter cada um dos seus 66 livros como uma produção literária ímpar, formando o todo da revelação divina escrita de maneira a expressar uma das extraordinárias belezas das Escrituras, que é a sua completude. Na Bíblia, nada falta e nada sobra.

As missivas de Paulo a Timóteo e a Tito exercem um papel fundamental no contexto da revelação de Deus escrita, lançando luz sobre um período da vida do apóstolo dos gentios não coberto por qualquer outro texto neotestamentário. As cartas às igrejas já estavam em circulação (49–63 d.C.). A carta pessoal a Filemom também já havia sido escrita (62 d.C.). De igual modo, o livro de Atos (63 d.C.), que Lucas encerrara com Paulo preso em Roma.

O que teria acontecido depois dos fatos narrados em Atos 28? É nesse contexto que surgem as Cartas Pastorais, relevando-nos que, depois de livre da sua prisão domiciliar, Paulo realizou mais uma viagem missionária, indo, provavelmente, à Espanha — desejo este que expressou na carta que escreveu aos Romanos (Rm 15.28) — e retornando a terras onde já estivera, como é o caso de Creta, onde deixou Tito, e Éfeso, onde rogou a Timóteo que ficasse.²

Durante a continuidade da sua viagem pela Ásia Menor (parte asiática da atual Turquia), Macedônia (sudeste da Europa) e Acaia (região sul da Grécia), Paulo escreveu 1 Timóteo e Tito. O apóstolo esperava rever a Timóteo, talvez na própria Éfeso (1 Tm 3.14), e reencontrar-se com Tito em Nicópolis (Tt 3.12), na costa ocidental da Grécia.

Não houve tempo! O sanguinário imperador romano Nero, que governou de 54 a 68 d.C., havia inaugurado uma terrível perseguição aos cristãos, a quem atribuíra a culpa pelo incêndio de Roma (julho de 64 d.C.), que, provavelmente, ele mesmo causara. Paulo foi novamente preso, talvez na própria Nicópolis, em Trôade ou Mileto (2 Tm 4.13,20) e levado para a capital do império.

Foi de dentro de uma das várias prisões romanas — talvez da fria e escura Prisão Mamertina, como diz a tradição — que Paulo escreveu a sua segunda carta a Timóteo, já por volta do ano 67 d.C., consciente de que a sua vida e ministério estavam chegando ao fim: “O tempo da minha partida está próximo” (2 Tm 4.6). Ele foi martirizado provavelmente naquele mesmo ano, 67, por ordem de Nero.

Se Paulo não tivesse escrito as Pastorais, não conheceríamos com tanta clareza como era a estrutura dos ministérios locais nas igrejas do primeiro século e quais são as qualificações fundamentais para os presbíteros e diáconos. Não teríamos detalhes importantes do seu profundo e afetuoso relacionamento com o seu “amado filho” Timóteo (2 Tm 1.2), e um pouco mais da sua extrema confiança (e também afeição) devotada a Tito, o seu “verdadeiro filho” (Tt 1.4). Aliás, com eles vemos sinais claros da transição e continuidade do serviço pastoral nas igrejas do primeiro século, já que Timóteo e Tito eram verdadeiros “delegados apostólicos”, ou seja, legítimos representantes de Paulo, com autoridade para organizar igrejas, ensinar, corrigir desvios doutrinários, estabelecer presbíteros e exercer a disciplina eclesiástica.

Talvez o que mais impressione nas Pastorais seja a confirmação de como dois jovens talentosos como Timóteo e Tito tenham sido capacitados para serem tão dedicados e perseverantes no serviço cristão em tempos tão remotos e difíceis. Sabemos que não foi outra a razão senão a graça de Deus operando neles e por intermédio deles. Isso, porém, não retira a participação de ambos com a disposição própria e a firmeza de caráter, fruto de decisões pessoais sustentadas por renúncia contínua, a despeito de todos os desafios, sofrimentos e, decerto, tentações.

Nas Pastorais, encontramos dois jovens que, por não terem desistido de servir a Deus do jeito certo — compreendendo todos os aspectos do verdadeiro ministério, o que inclui a submissão e a obediência a um autêntico e equilibrado líder espiritual —, foram dignos de receber missões difíceis e de alta relevância de ninguém menos que Paulo, o apóstolo dos gentios, o mais destacado de todos os servos de Cristo, digno de ser imitado, como ele próprio afirmou: “Sede meus imitadores, como também eu, de Cristo” (1 Co 11.1).

Nas Pastorais, Timóteo e Tito dizem o mesmo para nossa geração. Que sejamos os seus imitadores, devotando o melhor de nossa vida para a causa de nosso Mestre.

¹ Embora seja corrente dizer que o título de Pastorais tenha sido dado às cartas de Paulo a Timóteo e a Tito somente no século XVIII por D. N. Berdot, alguns estudiosos afirmam que Tomás de Aquino já lhes havia dado tal classificação no século XIII.

² Eruditos discutem se Paulo realmente esteve em Éfeso ou em alguma outra cidade da Ásia Menor, como a vizinha Mileto, já que, em Atos 20.25, ele disse aos anciãos da igreja efésia que eles não veriam mais o seu rosto.

Capítulo 1

INTRODUÇÃO À PRIMEIRA CARTA A TIMÓTEO

(1 Tm 1.1-7)

J á com cerca de 60 anos de idade e depois de experimentar cinco longos anos de prisão,³ Paulo lança-se a mais uma viagem missionária, a quarta e última da sua vida e ministério apostólico. Na ilha de Creta, na Grécia, deixa Tito cuidando das igrejas que havia fundado (Tt 1.5). Já em Éfeso, capital da Ásia Menor, deixa Timóteo com semelhante missão. Algum tempo depois, escreve para ambos: primeiro, para Timóteo; depois, para Tito. Mais tarde, enquanto novamente preso em Roma, volta a escrever para Timóteo. Assim, Paulo produz as três cartas que, a partir do século XVIII, passariam a ser conhecidas como Epístolas Pastorais: 1 e 2 Timóteo e Tito.

As Pastorais, portanto, são cartas de um experiente apóstolo, “Paulo, o velho” (Fm 9), para dois jovens e fiéis colaboradores, Timóteo e Tito. As cartas foram escritas para reforçar recomendações que já haviam sido dadas e conferir autoridade às missões pastorais na terceira mais importante igreja do primeiro século, Éfeso,⁴ e na enorme ilha grega onde o apóstolo fundara igrejas em algumas das suas muitas cidades. Mais do que textos pessoais, as Pastorais contêm ensinamentos práticos para a vida da igreja e apresentam “lampejos de conceitos doutrinários”, como assinala Donald Guthrie.⁵

O Contexto Histórico

As datas atribuídas a muitos eventos da era neotestamentária (o primeiro século da era cristã) e à escrita dos 27 livros que compõem o Novo Testamento não são exatas, como também ocorre com textos do Antigo Testamento que não possuem datação precisa. É possível chegar a datas aproximadas a partir de muitos fatos da história geral citados nas obras, mas não a datas específicas e precisas para a escrita de cada livro.

Esta obra trabalha com datas em torno das quais há significativo consenso, encontradas a partir de uma visão geral dos livros canônicos à luz da cronologia dos fatos que neles são narrados. Seguindo esse padrão geral, podemos estabelecer as seguintes datas para os eventos que mais nos importam no estudo das Cartas Pastorais:

- Nascimento de Paulo: 5 d.C.;
- Conversão de Paulo: 35 d.C.;
- Primeira viagem missionária: 47–49 d.C.;
- Segunda viagem missionária: 49–51 d.C.;
- Terceira viagem missionária: 52–57 d.C.;
- Prisão de Paulo em Jerusalém e Cesareia: 58–60;
- Primeira prisão de Paulo em Roma: 61–63 d.C.;
- Quarta viagem missionária de Paulo: 63–65 d.C.;
- Segunda prisão de Paulo em Roma: 65–67 d.C.;
- Martírio de Paulo: 67 d.C.

Alguns eventos circunstanciais contemporâneos aos acontecimentos acima narrados são de indispensável nota:

- 1) A conversão de Timóteo, ocorrida provavelmente por volta do ano 48 d.C. durante a primeira viagem missionária de Paulo (At 14.6-23), e a sua aceitação ao convite do apóstolo para tornar o seu cooperador imediato durante a sua segunda viagem missionária (50 d.C.) (At 16.1-5).
- 2) O período de governo do imperador Nero: 54–68 d.C.
- 3) O incêndio de Roma entre os dias 18 e 24 de julho de 64 d.C., ocorrido muito provavelmente a mando do próprio Nero;

4) O período da grande perseguição aos cristãos sob o governo do sanguinário Nero: 64–68 d.C.

5) O suicídio de Nero: 68 d.C.

Consideradas essas datas, podemos estabelecer o contexto histórico de 1 Timóteo e Tito, que, como já afirmado, foi o período de 63 a 65 d.C., quando Paulo, liberto do seu primeiro aprisionamento em Roma, volta a viajar livremente até ser novamente preso e levado à capital do Império (65–67), onde permaneceu até a sua execução por ordem de Nero (67 d.C.). Seguindo a cronologia já apresentada, 2 Timóteo foi escrita no ano 67, já próximo da morte de Paulo.

Em 64 d.C. — durante, portanto, a quarta viagem missionária de Paulo —, Nero comete a insanidade de atear fogo em Roma. Com a péssima repercussão do incidente, lança a culpa sobre os cristãos e inicia contra eles uma terrível perseguição, que teve o seu auge no ano 67.⁶

Paulo foi uma das muitas vítimas da perseguição de Nero. A sua segunda prisão em Roma provavelmente ocorreu entre o fim do ano 65 e o início do ano 66, e a sua execução no fim de 67, por decapitação.

O Roteiro da Quarta e Última Viagem de Paulo

É um tanto impreciso o roteiro da viagem de Paulo depois do seu primeiro aprisionamento em Roma. As Cartas Pastorais são os únicos textos escriturísticos que cobrem esse período. Por elas, podemos saber quais as regiões visitadas. Cidades da Ásia Menor, da Macedônia e da Acaia são mencionadas 1 e 2 Timóteo e Tito. Pelo desejo que o apóstolo expressara aos romanos de ir à Espanha (Rm 15.24,28), é possível que tenha incluído também esse país no seu roteiro de viagem, o que se deduz, por exemplo, da referência ao “extremo Oeste”, feita por Clemente de Roma trinta anos depois, como assinala o teólogo suíço Hans Bürki (1925–2002).⁷

Dentre as citações diretas de Paulo nas suas cartas, temos a ilha de Creta, na Grécia, onde deixou Tito (Tt 1.5) e algumas cidades da Ásia Menor: Trôade e Mileto (2 Tm 4.13,20), região de onde comissionou Timóteo para que ficasse em Éfeso (1 Tm 1.3), além da Macedônia: Nicópolis (1 Tm 1.3; Tt 3.12) e da Acaia: Corinto (2 Tm 4.20).

Como a expressão usada por Paulo em 1 Timóteo 1.3 não é precisa acerca de onde estava ele e o seu companheiro Timóteo quando do comissionamento deste para a igreja efésia, não se pode afirmar com segurança que o apóstolo tenha ido a Éfeso. A expressão “Como te roguei, quando parti para a Macedônia, que ficasses em Éfeso [...]” (1 Tm 1.3) indica que tanto Paulo quanto Timóteo provavelmente estavam na Ásia, mas não exatamente em que cidade (ou cidades). Alguns estudiosos do Novo Testamento acreditam que Paulo estava em Mileto, e não em Éfeso, principalmente pela afirmação feita pelo apóstolo aos anciãos daquela igreja em ocasião bem anterior — no fim da sua terceira viagem missionária, quando já se dirigia para Jerusalém, onde foi preso — de que não veriam mais o seu rosto (At 20.25).

Dentre os autores que consideram que Paulo não esteve novamente em Éfeso, está Charles R. Swindoll: “É mais provável que ele tenha evitado visitar a cidade a fim de diminuir a probabilidade de se envolver nos assuntos locais (cf. At 20.16)”.⁸ Já Donald Guthrie destaca: “A referência a Éfeso não implica necessariamente que o próprio Paulo tivesse estado recentemente na cidade, já que o particípio grego *poreuomenos* (tempo presente) pode indicar que ele deixou Timóteo enquanto este estava a caminho de Éfeso e o incumbiu de permanecer ali”.⁹

Muitos outros estudiosos consideram que Paulo tenha retornado a Éfeso acompanhado de Timóteo, permanecendo lá por algum tempo. De qualquer sorte, se Paulo chegou ou não a retornar a Éfeso, o certo é que ele designou Timóteo para este permanecer ali e cumprir uma relevante missão pastoral, como analisaremos nos próximos capítulos.

O Contexto Bíblico-Literário

As Cartas Pastorais ocupam um espaço singular na História da Igreja do Novo Testamento. Enquanto Lucas encerra a narrativa dos “atos dos apóstolos” com Paulo cumprindo prisão domiciliar em Roma (61–63 d.C.) (At 28.30,31), as pastorais cobrem um período histórico posterior, culminando com os últimos meses ou dias da vida de Paulo, novamente encarcerado em Roma (2 Tm 4.6-9).

É com base em 1 e 2 Timóteo e Tito que sabemos que Paulo foi solto do seu primeiro encarceramento e voltou a viajar por aproximadamente mais três ou quatro anos até ser novamente preso e levado a Roma para o seu julgamento e execução, cuja iminência ele descreve vividamente na sua segunda carta a Timóteo, chamada por alguns eruditos como o “Canto do Cisne” de Paulo: “Porque eu já estou sendo oferecido por aspersão de sacrifício, e o tempo da minha partida está próximo” (2 Tm 4.6).

São as pastorais, portanto, que completam o profícuo trabalho literário de Paulo, o mais prolífico dos autores do Novo Testamento. Paulo escreveu 13 dos 27 livros neotestamentários. Nove são cartas dirigidas a igrejas, sendo elas: Gálatas (49 d.C.), 1 Tessalonicenses (51 d.C.), 2 Tessalonicenses (51 ou 52 d.C.), 1 Coríntios (55/56 d.C.), 2 Coríntios (55/56 d.C.), Romanos (57 d.C.), Efésios (62 d.C.), Colossenses (62 d.C.) e Filipenses (62/63 d.C.). Filemom é uma carta pessoal. Três cartas são enviadas a pastores, as quais são objeto de estudo nesta obra: 1 e 2 Timóteo e Tito.

Cinco das treze obras paulinas foram escritas durante os aprisionamentos de Paulo em Roma: Colossenses, Efésios, Filipenses e Filemom são fruto do seu labor durante o primeiro aprisionamento. Já 2 Timóteo, o último dos 13 livros, foi escrito durante o segundo aprisionamento.

O que temos, por conseguinte, é que, enquanto Lucas encerra o registro da vida de Paulo com a sua prisão domiciliar em Roma (At 20.30,31), as pastorais descortinam-nos uma nova fase da vida do apóstolo, na qual temos uma verdadeira transição de ministério pelo comissionamento que faz a Timóteo e Tito, os seus filhos na fé e autênticos representantes apostólicos. Quanto ao contexto geral do

Novo Testamento, tudo o que foi produzido depois desse período são os escritos de Judas (70–80 d.C.) e de João: as suas epístolas (85–95 d.C.), o seu Evangelho (80–95 d.C.) e o livro de Apocalipse (90–96 d.C.).

Autoria e Designação de “Pastorais”

A autoria paulina das cartas a Timóteo e a Tito foi amplamente aceita desde os Pais da Igreja.¹⁰ John N. D. Kelly faz referência à citação das pastorais por Clemente de Roma (95 d.C.), Inácio de Antioquia (110 d.C.) e Policarpo de Esmirna (135 d.C.).¹¹

Com autoria paulina e canonicidade incontestáveis, as cartas a Timóteo e a Tito não eram identificadas com o título de “pastorais” até o século XVIII. Atribui-se a D. N. Berdot a autoria dessa designação. Conforme Donald Guthrie, Berdot teria utilizado o título “pastorais” pela primeira vez em 1703, tendo sido seguido mais tarde, em 1726, por Paul Anton, que popularizou o termo.¹² Outros eruditos, contudo, apontam que o primeiro a referir-se às cartas como “pastorais” foi o teólogo católico Tomás de Aquino (1225–1274)¹³, como assinala J. Glenn Gould:

A designação “pastorais”, apesar de sua conveniência óbvia, não foi aplicada a estas cartas desde tempos imemoriais, mas é de origem relativamente recente. É verdade que Tomás de Aquino (século XIII) foi o primeiro a mencionar esse termo denominativo, mas foi só no início do século XVIII que as cartas receberam o nome de “Epístolas Pastorais”. Esta maneira de referir-se a elas tornou-se habitual quando esta designação foi adotada pelo afamado comentarista Dean Alford, em 1849.¹⁴

As cartas de Paulo a Timóteo e a Tito passaram a ser conhecidas como “pastorais” por terem sido dirigidas a eles na condição de pastores e terem como conteúdo a orientação acerca do trabalho pastoral que deveriam desempenhar. Fato é também que alguns estudiosos, como William Hendriksen, consideram que a designação não é exata, visto que “Timóteo e Tito não eram ‘pastores’, no sentido usual e atual do termo. Não eram ministros de uma congregação local, mas, antes, delegados apostólicos, enviados

especiais ou comissionados do apóstolo Paulo, para cumprirem missões específicas”.¹⁵

Embora Timóteo e Tito realmente não tenham sido designados para assumir de maneira definitiva o pastorado de Éfeso e Creta¹⁶ respectivamente, o fato é que o trabalho que deveriam realizar em tais igrejas era de efetivo pastoreio, ainda que em caráter temporário. Por delegação apostólica, tinham poder para ensinar a igreja e organizar os ministérios locais, constituindo presbíteros (pastores locais) para atuar de forma definitiva nas igrejas. Isso está expresso nas recomendações tanto para Timóteo (1 Tm 3.1-13) quanto para Tito (Tt 1.5).

O ensino geral às comunidades locais, incluindo a refutação dos falsos mestres, era típica missão pastoral a ser repassada aos presbíteros que fossem ordenados para darem sequência ao trabalho. Paulo diz isso textualmente a Timóteo: “E o que de mim, entre muitas testemunhas, ouviste, confia-o a homens fiéis, que sejam idôneos para também ensinarem os outros” (2 Tm 2.2). A missão dada a Tito era no mesmo sentido: estabelecer presbíteros que fossem poderosos para defender a verdade do Evangelho (ver Tt 1.5-10).

Além disso, as orientações práticas de organização e funcionamento da igreja, incluindo questões litúrgicas e disciplinares, não deixam dúvida quanto ao caráter pastoral de grande parte do conteúdo das cartas — daí ser bem apropriada a designação de “pastorais”, mesmo porque são textos de estilo e propósito únicos em todo o Novo Testamento. Não há em nenhum outro dos demais livros do cânon neotestamentário qualquer conteúdo que se aproxima dos textos das pastorais quanto às questões de organização e disciplina eclesiais.

A Singularidade das Pastorais

Quanto mais compreendemos e cremos na inspiração divina verbal e plenária da Bíblia Sagrada — e na sua inerrância, infalibilidade e completude —, mais nos maravilhamos com o papel que cada um dos 66 livros canônicos representa no contexto da única revelação

escrita de Deus aos homens. As Cartas Pastorais fazem parte desse rol de registros indispensáveis, formados e selecionados segundo a mente e o propósito perfeitos de Deus para integrar o cânon sagrado. Sem elas não poderia haver a plena compreensão da vontade de Deus para o seu povo.

As questões práticas que se sobressaem nas Pastorais, como se vê especialmente na Primeira Carta a Timóteo — a mulher e o culto público, a lista de qualificações dos presbíteros e o cuidado das viúvas, por exemplo —, fazem-nos refletir sobre as três razões plausíveis que John R. Higgins aponta o propósito de Deus com o registro de parte da sua revelação especial,¹⁷ que são as Escrituras Sagradas.

As razões citadas por Higgins são, em síntese:

Primeiro: é necessário um padrão objetivo para testar as alegações de crença e prática religiosas. A experiência subjetiva é por demais obscura e variável para oferecer certezas a respeito da natureza e da vontade de Deus. [...] Segundo: a revelação divina escrita garante que a revelação que Deus fez de si mesmo seja completa e tenha continuidade. Sendo a revelação especial progressiva, a posterior edifica sobre a anterior. É importante que cada ato da revelação seja [registrado], visando uma compreensão mais completa da mensagem integral de Deus. [...] Terceiro: uma revelação registrada por escrito preserva melhor a forma da mensagem de Deus no seu caráter integral. No decurso de longos períodos, a memória e a tradição humanas tendem a uma fidedignidade cada vez mais frágil. O conteúdo crucial da revelação divina deve ser transmitido de modo exato às gerações que se sucedem.¹⁸

Ao ler as Pastorais, portanto, precisamos ter em mente que estamos diante de um documento inspirado, perfeitamente aplicável em nossos dias. Não há mudança histórica, econômica, política ou cultural que supere a revelação divina, sempre atual e perfeita.

Singularidade na Completude

A singularidade de cada livro bíblico reforça nossa compreensão da completude das Escrituras Sagradas. Isso se aplica às Cartas Pastorais, que desempenham um papel essencial e indispensável no contexto geral da Revelação Escrita. Ter a convicção de que a

Bíblia é um livro completo equivale a crer que não apenas o registro da revelação divina — isto é, a confecção dos 66 livros —, mas também a seleção deles e a formação do cânon¹⁹ foram um processo inteiramente dirigido pelo Espírito Santo. A singularidade está ligada ao aspecto da completude. Cada livro é singular; logo, todos os livros são necessários para a formação completa do cânon. E por que é importante refletir sobre a completude da Bíblia?

Como será demonstrado nos capítulos seguintes, a Primeira Carta de Paulo a Timóteo contém textos que têm sido alvo de grande contestação atualmente, com a popularização de teologias progressistas, inclusive em nosso país. Recomendações de Paulo como as contidas em 1 Timóteo 2.11,12, de que a mulher deve aprender “em silêncio, com toda a sujeição” e que não deve ensinar “nem [usar] de autoridade sobre o marido, mas [estar] em silêncio” provocam verdadeiros protestos de teólogos de escol.

Quando isso acontece, além do uso de métodos hermenêuticos que visam desconstruir o texto, os que distorcem as Escrituras chegam ao ponto de propor que ela precisa ser atualizada, ou complementada, à luz de uma visão contemporânea. Por isso, entender a completude das Escrituras é fundamental, como acentua o pastor Claudionor Corrêa de Andrade:

Há duas verdades quanto às Escrituras que andam de mãos dadas: sua autoridade e completude; é impossível dissociá-las. A primeira é a palavra final em matéria de fé e prática; a segunda não admite quaisquer autoridades que contrariem a Bíblia, quer diminuindo-lhe a revelação, quer acrescentando outros dados além daqueles que nos foram apresentados pelo Senhor através da inspiração do Espírito Santo. [...] Completude é aquilo que, pela excelência de suas qualidades, satisfaz plenamente, não admitindo acréscimos nem diminuições; é aquilo que é suficiente por si mesmo.²⁰

Estudemos, pois, as Pastorais com profundo zelo e inteira sujeição, em santo temor, aplicando-as inteiramente ao nosso viver.

Prefácio e Saudação

Como era comum em todas as suas cartas, Paulo inicia a sua missiva a Timóteo com a sua apresentação e saudação. Trata-se da primeira das muitas evidências internas da autoria paulina, aceita desde os Pais da Igreja.

“Paulo, apóstolo de Jesus Cristo” (1.1). A primeira pergunta que geralmente se faz é por que Paulo inicia uma carta pessoal com uma apresentação tão formal como se vê em 1 Timóteo 1.1. Ora, se o apóstolo estava escrevendo para alguém tão próximo dele — Timóteo, o seu “verdadeiro filho na fé” (1.2) —, então qual a necessidade de fazer uma referência tão expressa do seu apostolado?

Duas razões apresentam-se para isso. A primeira é “facilitar para Timóteo a execução das instruções que Paulo está para ministrar”. A segunda é “acrescentar peso às palavras de incentivo contidas nessa carta”.²¹

Conquanto enviadas por Paulo diretamente a Timóteo e a Tito, as cartas também seriam conhecidas das respectivas igrejas de Éfeso (Ásia Menor — atual Turquia) e de Creta (Grécia). Assim, não seriam apenas cartas pessoais, mas também semipúblicas, o que teria levado o apóstolo a apresentar o seu apostolado de maneira contundente, a fim de que os seus legítimos representantes — verdadeiros emissários apostólicos — tivessem a necessária autoridade para a transmissão do ensino às igrejas.

Na primeira carta a Timóteo, o apóstolo identifica-se como “Paulo, apóstolo de Jesus Cristo, segundo o mandado de Deus, nosso Salvador, e do Senhor Jesus Cristo, esperança nossa” (1 Tm 1.1). A autoridade apostólica estava firmada no chamado que ele recebeu diretamente do Senhor Jesus, de quem partira o “mandado” ou ordem para que pregasse o Evangelho (At 9.1-16). Portanto, a afirmação de autoridade era necessária, porque, como sabemos, o apostolado de Paulo já havia sido contestado por muitos e em muitos lugares, principalmente em Corinto (1 Co 9.1-3; 2 Co 12.11-15).

Após apresentar o fundamento da sua fé e perseverança — “Cristo, esperança nossa” (1 Tm 1.1) —, Paulo expressa a sua

afeição a Timóteo, chamando-o de o seu “verdadeiro filho na fé” (1.2), o que também indica um propósito que vai além do próprio cooperador, demonstrando para a igreja em Éfeso o quanto Paulo considerava a Timóteo, embora isso não fosse desconhecido dos crentes efésios, pois o apóstolo e o seu jovem auxiliar já haviam trabalhado juntos naquela igreja (At 19.1-22).

Timóteo, Verdadeiro Filho

Timóteo nasceu provavelmente na cidade de Listra, na então província romana da Galácia. Acredita-se que ele, a sua mãe Eunice e a sua avó Lóide, que eram judias, tenham-se convertido por ocasião da primeira viagem missionária de Paulo, junto com Barnabé, pois muitos se tornaram discípulos de Cristo pela pregação do apóstolo em Listra (At 14.6-23).

Quando Paulo retorna a Listra, agora junto com Silas, na sua segunda viagem missionária, encontra Timóteo, “filho de uma judia que era crente, mas de pai grego, do qual davam bom testemunho os irmãos que estavam em Listra e em Icônio” (At 16.1,2). A mãe e a avó ensinaram-lhe as Escrituras desde a sua infância, como testifica Paulo (2 Tm 1.5; 3.14,15).

O bom testemunho de Timóteo, fruto do seu progresso na fé, motivou Paulo a convidá-lo para seguir com ele na sua jornada missionária. Como Timóteo não era circuncidado, Paulo decidiu circuncidá-lo “por causa dos judeus que estavam naqueles lugares” (At 16.3). Paulo não circuncidou a Timóteo por considerar que isso fosse necessário à salvação, mas, sim, para evitar que os judeus tivessem um pretexto para rejeitar o Evangelho. Em muitas ocasiões, o apóstolo já ensinara sobre a suficiência da fé em Cristo como o meio de receber a graça salvadora, como deixaria registrado em diversas epístolas (Ef 2.8,9; Rm 3.21-28; Gl. 2.16). Paulo tinha uma compreensão espiritual muito clara da obra da salvação, acima de qualquer prática legalista.

Antes de ser comissionado por Paulo para ser o pastor da igreja em Éfeso, Timóteo serviu ao apóstolo por longos anos, desde o dia em que foi convidado para acompanhá-lo nas suas viagens (At 16.3-

8). Considerando a opinião de estudiosos como Gordon Fee — de que Timóteo “estava, no mínimo, acima dos trinta anos” quando pastoreava os efésios (65 d.C.)²² —, é possível afirmar que ele tenha iniciado como cooperador de Paulo com menos de 20 anos de idade (50 d.C.).

Foi assim tão jovem que ele acompanhou fielmente o apóstolo na sua segunda e terceira viagens missionárias e logo alcançou confiança para missões de alta relevância espiritual, como quando designado para servir nas igrejas em Tessalônica (1 Ts 3.1-10), Corinto (1 Co 4.16,17; 16.10,11) e Filipos (Fp 2.19-24). Por ocasião do primeiro aprisionamento de Paulo em Roma, lá estava Timóteo. O apóstolo cita-o em três das quatro cartas da prisão (Cl 1.1; Fp 1.1; Fm 1). Solto, leva-o consigo na sua quarta e última viagem missionária, quando roga para que fique servindo na igreja em Éfeso (1 Tm 1.3).

³ Esse período corresponde ao tempo aproximado decorrido desde a prisão de Paulo em Jerusalém, os dois anos que ficou encarcerado em Cesareia, a longa viagem a Roma e os dois anos de prisão domiciliar na capital do Império (At 21.33; 24.27; 28.16,30). Quanto à idade de Paulo, o ano do seu nascimento provavelmente foi o ano 5 d.C. Na época das Pastorais, portanto, já tinha em torno de 60 anos de idade e já se sentia velho (Fm 9).

⁴ Jerusalém e Antioquia foram, nessa ordem, as igrejas mais importantes no primeiro século. Na primeira, ocorrera o Pentecostes, e estava lá a maioria dos apóstolos até a Diáspora ocorrida a partir de 70 d.C. Na segunda, os discípulos foram chamados de cristãos pela primeira vez e foi de lá que Barnabé e Paulo foram enviados para a obra missionária (At 11.26; 13.1-3).

⁵ GUTHRIE, Donald. **1 e 2 Timóteo e Tito. Introdução e Comentário**. 1.ed. São Paulo: Vida Nova, 2020, p. 58.

⁶ Como menciona Deborah Menken Gill, outros autores consideram que o auge da perseguição de Nero deu-se entre os anos 64 e 65 d.C. (cf. **Comentário Bíblico Pentecostal. Novo Testamento**. Vol. 2. 4.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2009, p. 637).

⁷ BOOR, Werner de & BÜRKI, Hans. **Carta aos Tessalonicenses, Timóteo, Tito e Filemom**. 1.ed. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2007, p. 165.

⁸ SWINDOLL, Charles R. **Comentário Bíblico Swindoll 1 e 2 Timóteo. Tito**. 1.ed. São Paulo: Hagnos. 2018, p. 19.

⁹ GUTHRIE, Donald. **1 e 2 Timóteo e Tito. Introdução e Comentário**. 1.ed. São Paulo: Vida Nova, 2020, p. 63.

¹⁰ Questionamentos acerca da autoria paulina surgiram apenas no século XIX através de teólogos liberais, como, por exemplo, J. Schmidt, F. Schleiermacher e H. J. Holtzmann. Os seus argumentos já foram muito bem analisados pelos mais conceituados eruditos, tais como Donald Guthrie, J. N. D. Kelly, William Hendriksen, Hans Bürki, Gordon D. Fee e outros, que atestaram a mais absoluta ausência de fundamentos para as contestações, razão que, nesta obra, não se dedicará espaço para reproduzir tais refutações, que estão postas nas obras dos autores precitados e que constam das referências bibliográficas deste livro. As refutações também podem ser encontradas nos seguintes comentários: *Comentário Bíblico Pentecostal. Novo Testamento. Vol. 2* (p. 631/33) e *Comentário Bíblico Beacon* (p. 440/44);

¹¹ KELLY, John N. D. **I e II Timóteo e Tito. Introdução e Comentário**. 1.ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1983, p. 12.

¹² GUTHRIE, Donald. **1 e 2 Timóteo e Tito. Introdução e Comentário**. 1.ed. São Paulo: Vida Nova, 2020, p.17.

¹³ Hernandez Dias Lopes afirma que o designativo “pastoral” foi mencionado por Tomás de Aquino em 1274, referindo-se a 1 Timóteo. Ele teria dito: “É como se esta carta fosse uma regra pastoral que o apóstolo deu a Timóteo” (*Op. cit.*, p. 11).

¹⁴ In: **Comentário Bíblico Beacon**. Vol. 9. Rio de Janeiro: CPAD, 2020, p. 439.

¹⁵ HENDRIKSEN, William. **Comentário do Novo Testamento. 1 e 2 Timóteo e Tito**. 2.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 10.

¹⁶ Em 1 Timóteo, é Paulo que pretende ir ao encontro de Timóteo, provavelmente em Éfeso (1 Tm 3.14). Já em 2 Timóteo e Tito, é possível ver que Paulo esperava que os seus fiéis cooperadores fossem ao encontro dele (Tito, a Nicópolis, e Timóteo, a Roma), o que denota que deixariam de pastorear as igrejas, deixando-as a cargo dos respectivos presbíteros ou pastores locais. No caso de Tito, Paulo também menciona os seus cooperadores Ártemas ou Tíquico. Um deles seria enviado para Creta antes que Tito pudesse ir ao encontro de Paulo (2 Tm 4.9; Tt 3.12).

¹⁷ “As duas categorias primárias da revelação divina são a revelação geral e a especial. A geral envolve a revelação que Deus fez de si mesmo a todos os homens em toda parte. A especial é o desvendamento que Deus faz de si mesmo de modo imediato e sobrenatural. A teologia natural e a revelada são os conceitos teológicos utilizados para denotar a revelação geral e a especial. Usualmente, entende-se que a revelação geral consiste em Deus se fazer conhecido através da história, do ambiente natural e da natureza humana. [...] Posto não podermos conhecer o plano divino da redenção por meio de alguma teologia natural, precisamos de uma teologia revelada mediante uma revelação especial de Deus.

[...] Certamente os modos de revelação especial não estão limitados às Escrituras. Deus se revelou nos seus poderosos atos de redenção através dos profetas e apóstolos, e mais dramaticamente mediante o seu Filho (Hb 1.1). [...] Deus achou necessário, ou importante, mandar registrar, por escrito, boa parte dessa revelação, criando as Escrituras como uma revelação especial e exclusiva de si mesmo[...]" (HORTON, Stanley. **Teologia Sistemática. Uma Perspectiva Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 1996, p. 73,80,83.

¹⁸ In: HORTON, Stanley. **Teologia Sistemática. Uma Perspectiva Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 1996, p. 83,84.

¹⁹ "O termo 'cânion' provém da palavra grega *kanōni*, que denota uma régua de carpinteiro ou algum tipo de vara de medir. No mundo grego, cânion veio a significar 'padrão ou norma para julgar ou avaliar todas as coisas'. Foram desenvolvidos cânones para a arquitetura, a escultura, a literatura, a filosofia, e assim por diante. Os cristãos começaram a empregar o termo de modo teológico para designar os escritos que tinham cumprido os requisitos para serem considerados Escrituras Sagradas. Os livros canônicos, pois, são considerados a revelação autorizada e infalível da parte de Deus". (Idem, p. 114).

²⁰ In: **Teologia Sistemática Pentecostal**. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2009, p. 43.

²¹ HENDRIKSEN, Willian. **Comentário do Novo Testamento. 1 e 2 Timóteo e Tito**. 2.ed. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2011, p. 65.

²² FEE, Gordon D. **Novo Comentário Bíblico Contemporâneo. 1 & 2 Timóteo e Tito**. 1.ed. São Paulo: Editora Vida, 1994, p.13.

Capítulo 2

O PROBLEMA DOS FALSOS MESTRES

(1 Tm 1.3-11)

Um ambiente religioso pode tornar-se altamente tóxico e pernicioso quando os seus integrantes agem movidos por sentimentos pecaminosos, como a vaidade, o orgulho e a soberba. Desejos facciosos podem comprometer a saúde de uma comunidade espiritual, gerando elementos destrutivos, quando deveriam ser edificantes e construtivos. Nenhuma igreja está livre desse tipo de mal, nem mesmo Éfeso, a principal e maior das igrejas fundadas por Paulo, à qual ele dedicou mais tempo em relação a todas as demais e para quem escreveu uma das mais belas e teológicas cartas.

De acordo com os registros feitos por Lucas em Atos 19, Paulo permaneceu cerca de três anos em Éfeso por ocasião da sua terceira viagem missionária. O trabalho de Paulo foi tão produtivo naquela cidade que ali floresceu uma igreja bem alicerçada na doutrina. Isso pode ser constatado especialmente pelo teor da carta que Paulo escreveu aos efésios durante o seu primeiro aprisionamento em Roma (por volta do ano 62 d.C.).

Para Donald Stamps, Efésios é “um dos picos elevados da revelação bíblica, ocupando um lugar único entre as Epístolas de Paulo”. O teólogo pentecostal ainda ressalta que a carta “não foi elaborada no árduo trabalho da bigorna da controvérsia doutrinária ou dos problemas pastorais (como muitas outras epístolas de Paulo)”, mas que, “Ao contrário, Efésios transmite a impressão de

um rico transbordar de revelação divina, brotando da vida de oração de Paulo”.²³

Poucos anos depois de viver esse clima espiritual tão rico, o ambiente em Éfeso estava modificado.²⁴ A igreja estava sendo atacada por falsos mestres. Por volta do ano 57, no fim da sua terceira viagem missionária, Paulo já havia percebido, certamente pelo seu discernimento espiritual ou uma específica revelação divina, que os crentes efésios enfrentariam dias difíceis. Viriam ataques externos e internos, perpetrados por homens que, pensando mais em si mesmos e na propagação dos seus próprios nomes, agiriam buscando atrair para si os discípulos. O apóstolo advertira os presbíteros de Éfeso na reunião que teve com eles na cidade portuária de Mileto, quando seguia para Jerusalém:

Olhai, pois, por vós e por todo o rebanho sobre que o Espírito Santo vos constituiu bispos, para apascentardes a igreja de Deus, que ele resgatou com seu próprio sangue.

Porque eu sei isto: que, depois da minha partida, entrarão no meio de vós lobos cruéis, que não perdoarão o rebanho.

E que, dentre vós mesmos, se levantarão homens que falarão coisas perversas, para atraírem os discípulos após si. (At 20.28-30)

Assim como em Éfeso, o antídoto contra os falsos ensinamentos é o efetivo pastoreio do rebanho pela transmissão cuidadosa do genuíno ensino verdadeiro (Hb 13.7). Isso deve ser feito continuamente pelos pastores locais, especialmente em nossos cultos semanais de doutrina. Temos também a Escola Bíblica Dominical como extraordinária ferramenta de defesa da ortodoxia bíblica.

Fama e Poder

A busca de fama nas igrejas ou por intermédio delas não é algo novo. A disputa de poder, consistente na possibilidade de domínio de grupos ou das massas, é algo que, infelizmente, sempre ocorreu na seara eclesiástica, e uma das formas de fazer isso é criando teses teológicas distintas do ensino tradicional, apostólico. O teologizar diferente pode ser atrativo para os incautos, que buscam

novidades e passam a desprezar a ortodoxia, a “doutrina dos apóstolos”, citada por Lucas em Atos 2.42. Em Coríntios 11.1-3, Paulo havia feito advertência semelhante à que fez aos presbíteros de Éfeso.

Este era o perigo que também rondava Éfeso: o afastamento da simplicidade de Cristo e do seu Evangelho. Falsos mestres haviam-se infiltrado, e, pelo que se percebe, havia a tendência de que outros surgissem; daí a exortação de Paulo para que Timóteo ficasse em Éfeso “para [advertir] a alguns que não [ensinassem] outra doutrina, nem se [dessem] a fábulas ou a genealogias intermináveis, que mais [produziam] questões do que edificação de Deus, que consiste na fé” (1 Tm 1.3,4).

O ensino tradicional e ortodoxo — a transmissão do Evangelho na sua simplicidade e pureza bíblica —, não atrai o homem carnal. É de nossa tendência pecaminosa o desejo de conhecer e experimentar o diferente, como aconteceu com Eva (Gn 3.1-6). Sem uma vida de vigilância, de oração e de leitura diária da Bíblia — ou seja, sem que busquemos andar em Espírito (Gl 5.16) —, é muito fácil ser seduzido por “novos ensinamentos”, “novas teologias”, que se mostram atrativos pelo seu aparente “ineditismo” ou pelas diferenças que apresentam em relação às doutrinas tradicionalmente expostas. Por vezes exóticas, certas novidades teológicas, apesar de bizarras, encontram não poucos seguidores. Não são poucas as igrejas (ou seitas) que surgiram a partir de interpretações particulares de textos bíblicos!

Bem-Intencionados, mas igualmente Errados

Nem sempre os hereges produzem as suas heresias conscientemente interessados em dividir a igreja. Alguns o fazem movidos por um zelo que consideram puro, mas que, ao fim, está igualmente calcado no engano. O mesmo pode ser dito de muitos profetas. Em meio às profecias verdadeiras, como manifestação do Espírito Santo em nossos dias (1 Co 12.7-10), muitos profetizam sobre o que realmente pensam ter visto — e realmente veem, mas na sua própria imaginação (e isso quando não são influenciados

pelo Diabo, o grande enganador). Mesmo que os hereges identificados por Paulo tivessem índole destrutiva — eram “lobos cruéis”, cf. At 20.29 —, surgiram nos primeiros séculos da Igreja homens e mulheres inicialmente piedosos, que também passaram a produzir heresias.

De igual forma, hoje também surgem bons e cativantes líderes — alguns bem carismáticos; outros, com forte persuasão motivacional — que inicialmente não esboçam intenções nocivas à Igreja, mas que, com as suas práticas, terminam produzindo ensinamentos teológicos que prejudicam a comunidade cristã, por não estarem de acordo com a sã doutrina. Como salienta Roger Olson: “Todas as heresias cristãs primitivas continuaram a aparecer em formas diferentes sob nomes diferentes ao longo da história cristã. Todas ainda estão por aí, entre os cristãos, de alguma forma”.²⁵

A melhor maneira de identificar os falsos ensinamentos continua sendo conhecer o verdadeiro. Para isso, temos em nossas mãos as Sagradas Escrituras e farta literatura teológica ortodoxa. Em 2017, o Pentecostalismo Clássico brasileiro ganhou um documento oficial que reúne sinteticamente todas as doutrinas fundamentais da Bíblia. Trata-se da *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*. Amplamente fundamentada nas Escrituras, a obra apresenta o mais genuíno pensamento teológico dos cristãos bíblicos pentecostais.²⁶ O CREMOS assembleiano foi elaborado por uma Comissão Especial composta por vários teólogos da denominação, liderados pelo pastor Esequias Soares. O texto foi apreciado e aprovado na 43ª Assembleia Geral Ordinária da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB) em 27 de abril de 2017.

A Missão de Timóteo

A missão de Timóteo em Éfeso era combater os falsos mestres e zelar pela pureza do ensino na igreja, o que Paulo chama seguidas vezes de “sã doutrina” nas Pastorais (1 Tm 1.10; 2 Tm 4.3; Tt 1.9; 2.1); “boa doutrina” (1 Tm 4.6) e “sãs palavras” (1 Tm 6.3; 2 Tm 1.13). Hoje, de forma semelhante, precisamos estar cada vez mais apegados ao detido estudo das Escrituras em nossa vida devocional

e valorizar o genuíno ensino bíblico em nossas Escolas Bíblicas Dominicais, cultos de ensino e outras oportunidades que temos em nossa igreja local. Assim fazendo, estaremos bem fundamentados para discernir entre o certo e o errado, o verdadeiro e o falso, no turbilhão de informações e opiniões teológicas que estão ao nosso alcance, especialmente na Web, a rede mundial de computadores, e em todos os demais recursos da Internet.

Fica claro no texto de Paulo a sua pouca preocupação com a descrição da natureza em si das heresias que estavam sendo pregadas. Ele não as expõe em detalhes. Duas explicações podem ser dadas para isso: a primeira é que Timóteo já as conhecia bem. Por isso, era desnecessário ao apóstolo detalhá-las na carta. A segunda é que não interessaria ao jovem pastor analisar os falsos ensinos, mas transmitir o ensino verdadeiro, o que bastaria para prevenir a igreja de qualquer falsificação doutrinária.

Há, ainda, uma terceira observação que geralmente é feita quanto a esse ponto, que é o fato de Paulo preocupar-se mais em estampar os desvios de caráter dos falsos mestres, na linha do que Jesus já havia dito: “Por seus frutos os conhecereis” (Mt 7.16). No caso dos falsos mestres de Éfeso, as suas heresias seriam detectadas pelo resultado produzido: questões, debates e litigiosidade em vez de edificação na fé (1 Tm 1.4).

Se isso já era perceptível naqueles dias — o que exigia, seguramente, um contato muito próximo com a comunidade cristã local —, o que dizer hoje, com o advento da Internet, quando todos os dias são produzidas novas polêmicas, alimentadas de um ciclo doentio de contendas e debates!

O combate às heresias é necessário, só que é preciso refletir quando, como e onde isso realmente deve ser feito. Fomentar o debate em torno de declarações ou ensinos heréticos pode representar, na verdade, um verdadeiro desserviço ao Reino de Deus. Sim! Ir às redes sociais para fazer críticas ou fomentar confrontos a toda e qualquer declaração que destoe da ortodoxia bíblica pode não passar de mais um sinal pecaminoso, qual seja, a revanche contra o irmão para ganhar visualizações, *likes* e mais seguidores. Verdadeiros “patrulheiros” da doutrina bíblica

apresentam-se nas redes aumentando a visibilidade dos que estão trilhando o caminho de teologias exóticas — muitas delas tão sem sentido que sequer mereciam um comentário.

Gastar tempo nas redes sociais para discutir ou assistir discussões sobre questiúnculas teológicas pode tornar-se patológico; é um costume doentio, um vício para roubar nosso precioso tempo, que poderíamos estar dedicando à devoção pessoal e à frequência qualitativa aos cultos de nossa igreja local para a busca de comunhão com Deus por intermédio da oração e do estudo das Escrituras Sagradas. Paulo orava para que os crentes efésios fossem fortalecidos espiritualmente e crescessem no conhecimento de Deus (Ef 3.14-19).

Quanto à avalanche de desvios teológicos vistos na Internet e os inúmeros debates em torno deles, não nos esqueçamos da recomendação de Paulo a Tito: “Ao homem herege, depois de uma e outra admoestação, evita-o, sabendo que esse tal está pervertido e peca, estando já em si mesmo condenado” (Tt 3.10,11). Isso deve bastar para não sermos incautos, aplaudindo os que fazem uso do “combate às heresias” em busca de autopromoção. No fim das contas, o espírito é o mesmo: a busca de popularidade, ou seja, atrair os discípulos após si (At 20.30), para o seu próprio fã-clube. Fazer isso “batendo” fortemente no herege passa a imagem de uma grande espiritualidade, mas isso nem sempre é verdadeiro.

Um Delegado Apostólico

A expressão “delegado apostólico” é usada por alguns eruditos, como William Hendriksen, para evidenciar a posição e o papel de Timóteo em Éfeso (assim como de Tito, em Creta).²⁷ O jovem ministro não foi enviado para ser um pastor local na exata acepção do termo, tampouco tinha a mesma estatura ministerial de Paulo, que recebera o seu apostolado do próprio Jesus, quando do seu encontro com Ele no caminho de Damasco (At 9.1-6), como viria testemunhar depois, algumas vezes, em defesa do seu ministério apostólico (1 Co 9.1; 1 Co 15.3,4,7,8).

Paulo, portanto, era “apóstolo de Jesus Cristo, segundo o mandado de Deus” (1 Tm 1.1).²⁸ Sofreu muita resistência, principalmente entre os coríntios, para que o seu apostolado fosse reconhecido, porque as credenciais dos apóstolos da Igreja Primitiva necessariamente incluíam ter estado pessoalmente com Jesus, conforme as palavras de Pedro registradas por Lucas em Atos 1.21,22.

Embora Paulo não tenha convivido com Jesus e os apóstolos do Colégio dos Doze, Jesus apareceu a ele e comissionou-o diretamente para levar o evangelho aos gentios, como disse a Ananias: “Disse-lhe, porém o Senhor: Vai, porque este é para mim um vaso escolhido para levar o meu nome diante dos gentios, e dos reis, e dos filhos de Israel” (At 9.15). Agora, Paulo enviava os seus representantes, como Timóteo, Tito, Epafrodito, Epafras, Ártemas, Tíquico, etc., aos quais dava missões especiais junto às igrejas que ele havia fundado.

Os pastores locais eram os anciãos ou presbíteros, que foram ordenados pelo próprio Paulo ou pelos presbitérios locais (At 14.23; 1 Tm 4.14; 2 Tm 1.6). Outros deveriam ser designados pelos seus representantes apostólicos, como Timóteo (1 Tm 3.1-6; 2 Tm 2.2) e Tito (Tt 1.5). Assim eram organizados os ministérios locais na Igreja Primitiva: com presbíteros e diáconos (Fp 1.1).

Esse, inclusive, é um dado relevante, pois tanto Timóteo quanto Tito eram solteiros (além do próprio Paulo), parecendo, assim, um contrassenso a exigência de que os pastores locais fossem casados (1 Tm 3.2; Tt 1.6). A explicação está justamente no fato de que o caráter itinerante do ministério desses homens era incompatível com a vida em família. Por outro lado, era próprio dos pastores locais que fossem, em primeiro lugar, forjados no ambiente familiar, tendo nele o necessário êxito, “porque, se alguém não sabe governar a sua própria casa, terá cuidado da igreja de Deus?” (1 Tm 3.5).

Fato é, contudo, que a igreja católica valeu-se da condição de solteiros de homens como Paulo para instituir o celibato, além de considerações paulinas sobre o casamento, tomadas fora do contexto geral dos seus ensinios (1 Co 7.29). Wycliffe esclarece,

todavia, o pensamento filosófico que estava por trás da “teologia” católica do celibato:

Na verdade, a visão católica romana da natureza física está por trás desta prática de celibato. Tendo adotado a visão pagã de que o material, o corpo em especial, é mau por natureza, como expressa a filosofia neo-Plotiniana, esta igreja procura a santidade para os seus sacerdotes e freiras por meio de uma vida de completa pobreza, castidade e obediência nos mosteiros e conventos.²⁹

Esse engano católico, que se manifesta há milênios também em outras religiões e culturas, produz, na verdade, efeitos contrários à santidade, como se conhece desde os porões do catolicismo medieval. Muitas obras literárias e cinematográficas descrevem essa negra e brutal realidade, além das inúmeras notícias estampadas em periódicos contemporâneos, que tanto perturbam o Vaticano.

As Heresias em Éfeso

Uma das heresias que estavam sendo implantadas em Éfeso era exatamente a proibição do casamento, além da abstinência a determinados alimentos (1 Tm 4.3). As doutrinas estranhas tinham nítidas características das seitas judaicas (“fábulas” e “genealogias intermináveis”), principalmente porque, conforme Paulo, os falsos mestres queriam ser “doutores da lei” (1.7). Acredita-se ainda que poderia haver, mesmo que bem no começo, certa inclinação gnóstica, o que se extrai da expressão “falsamente chamada ciência”, presente em 1 Timóteo 6.20.

Como já assinalado, Paulo não se preocupou em detalhar as heresias, mas em insistir com Timóteo para que este batalhasse pela preservação da sã doutrina. Ao que se observa, assim como havia ocorrido em outras igrejas desde os primeiros anos da fé cristã, muitos judeus insistiam em misturar a doutrina do Caminho — como o cristianismo era conhecido nos seus primórdios, cf. At 9.2 (NAA); 24.14 — com elementos judaicos, o que, aliás, motivou a ida de Paulo com Barnabé e outros a Jerusalém, para o conhecido Concílio de Atos 15. Pior ainda se dava quando judeus místicos,

influenciados pelo paganismo grego, buscavam trazer as suas religiosidades para o seio do cristianismo, o que produzia um sincretismo ainda mais agudo, corrompendo a fé cristã.

Das muitas e variadas opiniões a respeito das heresias que se infiltraram em Éfeso, John Kelly considera que a característica mais óbvia é a combinação de ingredientes judaicos e gnósticos:

De um lado, seus expoentes professam ser “mestres da lei” (1 Tm 1:7), embora, conforme o escritor, não saibam como fazer uso apropriado dela; em Creta um grupo deles até é chamado de “os da circuncisão” (Tt 1:10). Dedicam-se a disputas acerca da lei (Tt 3:9), e estão muito ocupados com “fábulas e genealogias” (1 Tm 1:4), para o que é provável um fundo judaico visto que ouvimos falar em “fábulas judaicas” em Tt 1:14.³⁰

Duas observações feitas por John Kelly e que também são relevantes para serem destacadas são: a primeira é que a indicação de que os falsos mestres judeus que atuavam em Éfeso “não eram judaizantes do tipo que Paulo tinha de combater no seu ministério anterior. A doutrina deles era ascética, envolvendo, por exemplo, a renúncia ao casamento e a abstinência de certos tipos de alimento, possivelmente também do vinho (1 Tm 4:3; 5:23)”; a segunda é que, muito provavelmente, as heresias nada tinham a ver com o gnosticismo, porque “nada há nos indícios esparsos e vagos que recebemos para indicar que a doutrina atacada fosse tão elaborada ou coerente com os grandes sistemas gnósticos”.³¹

Kelly diz mais:

Tudo sugere que era algo muito mais elementar; e é significativo que boa parte da polêmica do escritor é dirigida, não tanto contra qualquer doutrina específica, quanto contra a contenção e a vida dissoluta que encoraja. Talvez seja melhor definida como sendo uma forma gnosticizante do cristianismo judaico. Isto por si só é iluminador, porque é reconhecido hoje em dia que o judaísmo, e especialmente o judaísmo sectário, fornecia um solo fértil em que o gnosticismo vicejava livremente. Fica aparente que já nos tempos da Gálatas Paulo se via confrontando os assim-chamados cristãos que combinavam ideias gnósticas acerca dos dominadores do mundo com a aderência rigorosa à lei mosaica.³²

Opinião semelhante à de John Kelly é exposta por Mark L. Bailey, para quem “As evidências das epístolas sugerem que o erro não era

um sistema de pensamento totalmente desenvolvido” e que “A mensagem dos falsos mestres parece ser uma mistura de tradição judaica e ascetismo gnóstico”.³³ O dualismo platônico, que considerava a matéria inerente má, certamente estaria influenciando o pensamento judaico e trazendo inquietações para as igrejas nascentes. No caso de Éfeso, isso ficaria bem evidente poucas décadas depois, quando a igreja foi pastoreada por João, o apóstolo do amor.

Como destaquei no livro *Jesus, o Filho de Deus*, o que se percebe é que os gnósticos tentaram usurpar a fé cristã para o seu próprio sistema dualístico, que concebia a existência de um constante confronto entre as forças do bem e do mal, que seriam ambas de origem divina. Com os seus próprios “apóstolos”, os gnósticos diziam-se cristãos e tinham Cristo como uma emanção do Deus Perfeito, que teria sido enviado ao mundo para trazer ao homem um conhecimento elevado — daí a expressão grega “*gnosis*”, conhecimento — capaz de salvá-lo das amarras da matéria, o mundo mal, que teria sido criado por um “deus mal”, a quem identificavam sendo o Deus do Antigo Testamento, uma emanção imperfeita do Deus Perfeito.³⁴

A Cidade de Éfeso

Alguns estudiosos consideram que o histórico pagão e sincretista da cidade de Éfeso tenha ligação direta com os problemas que a igreja efésia passou a enfrentar. De fato, é muito comum que a cultura local influencie o Corpo de Cristo em qualquer lugar, sobretudo numa cidade de costumes religiosos tão efervescentes como Éfeso.

Principal cidade da Ásia Menor, Éfeso era uma cidade portuária, um agitado centro econômico, o que fazia dela um lugar de grande ebulição religiosa, cultural e filosófica. Era grande o paganismo em Éfeso, cidade da conhecida deusa Diana (Ártemis), cujo templo foi uma das sete maravilhas do mundo antigo. O culto a Diana dava muito lucro para os efésios (At 19.24-28).

Charles Swindoll traz outras informações relevantes acerca de Éfeso que contribuem para uma melhor compreensão do ambiente

em que havia florescido a igreja que agora Timóteo tinha a missão de atuar como delegado apostólico:

Éfeso, de todas as cidades do Império Romano, seria um dos lugares mais difíceis para levar uma vida tranquila e serena (1 Tm 2.2), que dirá liderar uma igreja tranquila e serena. Essa cidade portuária ficava ao lado do mar Egeu, na foz do rio Caístro, perto da interseção de duas importantes passagens na montanha. Éfeso, portanto, tinha uma posição estratégica, oferecendo acesso ao mar em todas as direções, tornando a cidade um movimentado e influente centro econômico para a província romana da Ásia. Os materiais e conhecimento fluíam do mundo inteiro para a cidade, alimentando seu apetite voraz por mais riquezas e novas filosofias.

Éfeso era conhecida por seu paganismo — cinquenta deuses e deusas diferentes eram adorados ali. No entanto, ninguém questionava o poder econômico e místico do alto templo de Ártemis, uma das sete maravilhas do mundo antigo. A adoração da mãe Terra passara a ser uma atração intensa, combinando turismo e idolatria sexual com tal sucesso que estimulou o coração da economia da cidade (At 19), a despeito do comércio já desenvolvido de Éfeso de importação-exportação. As autoridades da cidade reservavam um mês de cada ano para honrar a deusa com uma grande celebração, durante a qual todo trabalho parava. O estádio recebia jogos atléticos, o teatro produzia peças, o odeão organizava concertos, e multidões de todos os cantos da Ásia e além dela faziam ofertas no bosque sagrado, o mítico lugar de nascimento de Ártemis.³⁵

Não é de admirar, portanto, que, numa cidade tão cosmopolita quanto Éfeso, surgiram tantas novidades teológicas, fazendo brotar heresias diversas. De qualquer sorte, a missão de Timóteo, assim como a dos pastores de todas as épocas, é ensinar a verdadeira doutrina para que tudo o que é falso seja expurgado.

O Propósito do Mandamento (1.5)

Em vez de ficar preocupado com a natureza das heresias, como já assinalado, Paulo buscou apontar as suas consequências em contraponto com os frutos da boa doutrina, que são: “o amor de um coração puro”, “uma boa consciência” e “uma fé não fingida” (1 Tm 1.5). Todo mestre deve estar atento para o verdadeiro propósito do seu coração ao ensinar, a fim de a sua motivação jamais ser corrompida. Todo discípulo deve buscar discernimento espiritual

para não ser iludido com falsos ensinamentos. Todo ensino que produz divisão e contenda, que atenta contra o Corpo de Cristo para enfraquecê-lo, que promove culto à personalidade e que alimenta a soberba de indivíduos ou grupos deve ser refutado.

Como enfatiza Donald Stamps:

O alvo supremo de toda a instrução da Palavra de Deus não é o conhecimento bíblico em si mesmo, mas uma transformação moral interior da pessoa, que se expressa no amor, na pureza de coração, numa consciência pura e numa fé sem hipocrisia [...] produzir santidade e uma vida piedosa que se conforme com os caminhos de Deus.³⁶

A essencialidade da fé para servir a Deus deve manter-nos vigilantes em relação a todo e qualquer ensino que tenha o potencial de afastar-nos do caminho da salvação. Em Éfeso, alguns líderes enveredaram-se por caminhos diferentes, naufragando na fé. Paulo cita nominalmente Himeneu e Alexandre, que rejeitaram uma boa consciência e sofreram naufrágio espiritual (1 Tm 1.18-20).

Timóteo é exortado a “conservar a fé e a boa consciência” para o que é fundamental, a saber, dedicar-se a uma vida de piedade e santificação, que necessariamente inclui o estudo devocional da Palavra de Deus, além da vigilância e da oração constantes (Mt 26.41; 1 Tm 4.8-16). Isso sempre foi um grande desafio para todo cristão, principalmente agora, em tempos pós-modernos, de uma vida tão frenética e de tanta perversidade (2 Tm 3.1-5). Contudo, não podemos desfalecer (Lc 18.1-8), mas perseverar sempre (Rm 12.12; Cl 4.2).

O problema dos falsos mestres foi o desprezo ao verdadeiro propósito das Escrituras, que é gerar em nós um coração puro e cheio de amor, uma boa consciência e uma verdadeira fé. Que tenhamos a cada dia um autêntico crescimento espiritual, longe de toda disputa e farisaísmo. Cheios do amor de Deus e da alegria do Espírito Santo, cultivando uma vida de comunhão diária com nosso Salvador e Senhor.

²³ In: **Bíblia de Estudo Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 1995, p. 1803.

²⁴ Considerando que Éfeso foi escrita em 62 d.C., e 1 Timóteo, em 65 d.C., em menos de três anos houve uma significativa alteração do ambiente espiritual na igreja efésia por causa dos falsos mestres.

²⁵ *Op. cit.*, p. 23.

²⁶ **Declaração de Fé das Assembleia de Deus**. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

²⁷ HENDRIKSEN, William. **Comentário do Novo Testamento. 1 e 2 Timóteo e Tito**. 2.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 10.

²⁸ A palavra “apóstolo”, do grego *apostolos*, significa, literalmente, “enviado”.

²⁹ **Dicionário Bíblico Wycliffe**. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2006, p. 399.

³⁰ KELLY, John Norman Davidson. **I e II Timóteo e Tito. Introdução e Comentário**. 1.ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1983, p. 18.

³¹ Ibidem, p. 18,19.

³² Ibidem, p. 19,20.

³³ In: ZUCK, Roy B. **Teologia do Novo Testamento**. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2018, p. 374.

³⁴ QUEIROZ, Silas. **Jesus, o Filho de Deus**. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2022, p. 158.

³⁵ SWINDOLL. Charles R. **Comentário Bíblico Swindoll. 1 & 2 Timóteo e Tito**. 1.ed. São Paulo: Hagnos, 2018, p. 21,22.

³⁶ In: **Bíblia de Estudo Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 1995, p. 1864.

Capítulo 3

INSTRUÇÕES A RESPEITO DA ORAÇÃO

(1 Tm 2.1-8)

Depois da saudação pessoal e da recomendação feita a Timóteo quanto aos falsos mestres, Paulo principia o aspecto prático da sua carta falando de algo que deve ser essencial na vida de todo cristão e de toda a igreja: a oração (1 Tm 2.1). O jovem pastor deveria zelar pela oração na sua vida e ensinar a igreja local e os seus líderes a fazerem o mesmo, o que incluía o culto público (2.8). A expressão “antes de tudo” revela o caráter prioritário da oração. As múltiplas formas de oração (“deprecações, orações, intercessões e ações de graças” — 2.1) indicam, por um lado, como a prática deveria estar inserida no viver individual e coletivo dos efésios; e, por outro, como deveriam ser amplas.

Acerca das formas de oração em si, podemos dizer em poucas palavras que deprecação é uma súplica por uma necessidade específica. Oração é um termo genérico e pode expressar desde petições feitas em favor de si mesmo, ou por necessidades gerais, sendo, portanto, toda e qualquer expressão verbal dirigida ao Senhor Deus. Interceder é orar em favor de outra pessoa. Ação de graças é uma expressão de gratidão.

Timóteo e toda a igreja deveriam fazer todo tipo de oração: por eles mesmos, por todos os homens e, como uma nota especial no texto, por todas as autoridades (2.2). Orar é, antes de tudo, uma

recomendação que se aplica a todos nós em relação a toda e qualquer área da vida. Há nisso um aspecto temporal e prático.

Orar *primeiro* e orar *antes de tudo* significa, por exemplo, que não devemos começar o dia sem orar; que não devemos iniciar uma viagem sem orar; que precisamos orar e buscar a vontade de Deus para todas as decisões de nossa vida (Tg 4.13-16). Orar é, antes de tudo, reconhecer a soberania de Deus e dar a Ele o controle de nosso viver. Devemos orar sem cessar (1 Ts 5.17; Cl 4.2).

Oração e Relacionamento

A oração sempre fez parte do cotidiano de todos os que buscaram ter um relacionamento com Deus, o Senhor. Essa comunhão pessoal diária foi estabelecida pelo próprio Criador, que vinha ao jardim do Éden todos os dias para falar com Adão e Eva (Gn 3.8). Abel tinha o costume de oferecer sacrifícios ao Senhor (Gn 4.4). Nos dias de Sete, o terceiro filho do primeiro casal, “Sob o incentivo de [seu filho] Enos, tiveram começo as orações e o culto público ao Senhor”.³⁷ A comunhão de Enoque com Deus foi tão intensa que ele foi trasladado, ou seja, levado diretamente ao Céu sem provar a morte (Gn 5.24). Outros heróis da fé, como Abraão, Isaque e Jacó, levantavam altares ao Senhor e lutavam em oração (Gn 18.17-33; 24.63; 32.22-30; 33.18-20).

Jesus passava longas horas em oração — às vezes, noites inteiras (Mc 1.35; Lc 5.16; 6.12; Mt 14.23; 26.36-40) — e deixou-nos uma expressa recomendação sobre a necessidade imperativa de orar (Mt 26.41). Os crentes primitivos eram perseverantes na oração (At 2.42; 3.1; 4.24-31; 12.5). Paulo escreveu seguidas vezes sobre a essencialidade da oração para a vida cristã: “Orai sem cessar” (1 Ts 5.17); “perseverai na oração” (Rm 12.12); “orando em todo o tempo” (Ef 6.18). Ele próprio vivia lutando em oração por si mesmo e em favor de todos os santos (Ef 1.16; 3.14-19; Cl 1.9; Fp 1.3,4).

A oração é simplesmente vital para um viver espiritual vitorioso. Nossa comunicação verbal com Deus todos os dias, especialmente assim que acordamos, restaura nossas forças (Sl 5.3; 88.13; 119.147). Nossa alma é fortalecida. Recebemos ânimo para encarar

os desafios diários. Através da oração, podemos *guardar o contacto* com nosso Salvador, como diz o hino sacro 77 da *Harpa Cristã*. Isso nos permite “cantar nas lutas e na dor” e “ser alegre, qual bom lutador”. Quando estamos vivendo em oração, “a nuvem do mal não [nos cobre]”, e podemos, “neste mundo, todo o mal vencer”.

Oração e Dependência de Deus

Quando nos lembramos de orar em primeiro lugar, é porque nos consideramos dependentes de Deus acima de tudo; e quanto mais nos lançamos a fazer as coisas sem antes orarmos ao Senhor, mais estamos demonstrando nossa ausência de fé, um sinal trágico dos últimos dias, do qual Jesus alertou-nos em várias ocasiões, como quando contou a parábola do juiz iníquo (Lc 18.1-8).

Na apresentação do clássico *Heróis da Fé*, no qual se relata a história de “vinte homens extraordinários que incendiaram o mundo”, Orlando Boyer testemunha que, após ler cuidadosamente as biografias dos maiores vultos da Igreja de Cristo, se conclui que “nunca se pode atribuir êxito de qualquer deles unicamente a seus próprios talentos e força de vontade”. Boyer cita a experiência específica que ele teve durante a pesquisa sobre a vida de Adoniran Judson:

Quando estávamos quase a concluir que houvesse alguns verdadeiros heróis da Igreja, realmente grandes em si mesmos, encontramos outra biografia dele, escrita por um de seus filhos, Eduardo Judson. Nessa preciosa obra descobre-se que esse talentoso missionário passava diariamente horas a fio, de noite e de madrugada, em íntima comunhão com Deus, em oração.

Qual foi, então, o mistério do incrível êxito dos heróis da Igreja de Cristo? Esse mistério foi a profunda comunhão com Deus que esses homens observaram.³⁸

O Perigo do Secularismo

Tem-se tornado recorrente a refutação à prática da oração diante de inúmeras questões da vida moderna, incluindo as de ordem política, como assistimos em nosso país recentemente. Quantas vezes a

exortação à oração tem sido duramente rechaçada por muitos cristãos, que insistem que a saída é “agir”, como se oração tivesse o sentido de inação ou inatividade. Isso tem a ver com o secularismo, a “doutrina que ignora os princípios espirituais na condução dos negócios humanos”.³⁹ Conforme assinala o pastor Claudionor Corrêa de Andrade: “O secularismo, ou materialismo, tem o homem, e somente o homem, como a medida de todas as coisas”.⁴⁰ Isso explica o excesso de confiança em estruturas humanas, como a política secular.

Muito longe de representar inatividade ou omissão, orar é uma das ações mais difíceis, porém mais eficazes — na verdade, a mais eficaz. Por isso, Paulo adverte Timóteo a que, “antes de tudo”, ele e a igreja efésia deveriam dedicar-se a todo tipo de oração: “deprecações, orações, intercessões e ações de graças por todos os homens, pelos reis e por todos os que estão em eminência, para que tenhamos uma vida quieta e sossegada, em toda a piedade e honestidade” (1 Tm 2.1,2). Paulo não ensinou que a prioridade fosse qualquer outra atitude, nem mesmo sair às ruas e protestar.

É fundamental, portanto, que busquemos nas Escrituras a orientação correta para nossas atitudes individuais como cristãos e nossa atitude coletiva como igreja local e, por extensão, em todo o plano nacional (isso para ficarmos limitados ao nosso país). Qual o papel da igreja brasileira ante às questões públicas que nos inquietam? Esse é um assunto bastante controverso e complexo. Uma coisa sabemos de antemão: antes de qualquer outra atitude, devemos orar. Essa é a lição básica do texto de 1 Timóteo 2.1-8.

O Contexto Político de 1 Timóteo

Quando Paulo escreveu 1 Timóteo, no ano 65 d.C., o Império Romano estava em agitação por causa dos atos insanos do seu jovem imperador, Nero Cláudio César Druso Germânico, que começou a governar Roma em 54 d.C. com apenas 17 anos de idade e ficou no poder até a sua morte, em 68. Orlando Boyer resume a sua história assim:

O nome Nero não aparece nas Escrituras, mas foi a esse César que o apóstolo Paulo apelou, At 25.11. Era um monstro de crueldade. Envenenou a Britânico; mandou matar à espada a sua própria mãe, Agripina; sua mulher, Otávia, suicidou-se, abrindo as veias por ordem do marido; ele próprio matou com um pontapé sua segunda mulher, Popéia. Atribui-se-lhe o incêndio de Roma, a que assistiu declamando versos que compusera. Fez morrer nos suplícios milhares de cristãos, a quem acusou desse incêndio. Por fim o Senado declarou-o inimigo público. Vendo-se perdido, suicidou-se.⁴¹

Apesar dessa dura realidade política, não encontramos Paulo fazendo qualquer referência no sentido de instigar Timóteo ou os crentes de Éfeso a envolverem-se em projetos de dominação humana. John Stott qualifica a exortação de Paulo como uma “instrução notável” e explica:

[...] naquela época, não existia nenhum governante cristão em nenhum lugar do mundo. O imperador que reinava era Nero, cuja vaidade, crueldade e hostilidade à fé cristã eram conhecidas por todos. A perseguição à igreja, a princípio intermitente, logo se tornaria sistemática, e os cristãos estavam compreensivelmente apreensivos. No entanto, recorreram à oração.⁴²

Na verdade, a vida de Paulo desde a sua conversão havia sido posta em prova diante de perseguições dos judeus e de várias prisões pelas autoridades romanas, como durante os cinco anos que passou encarcerado, desde Jerusalém, passando por Cesareia, até os dois anos em prisão domiciliar em Roma (58–63 d.C.). Assim, todo o seu ministério foi marcado por conflitos públicos. Nem por isso vemos Paulo entregue ao ativismo político. A sua recomendação a Timóteo — para que a igreja tivesse uma vida quieta e sossegada — era, antes de tudo, a prática intensa da oração.

Para alguns dos críticos de Paulo, ele seria um conformista que deveria ter-se levantado contra as injustiças do seu tempo. Contudo, o mais importante é considerar a visão paulina da natureza espiritual do Reino de Deus, herdada do próprio Cristo, que declarou abertamente que o seu Reino não era deste mundo: “[...] se o meu Reino fosse deste mundo, lutariam os meus servos, para que eu não fosse entregue aos judeus [...]” (Jo 18.36)

A maneira mais eficaz de buscar o Reino de Deus e a sua justiça continua sendo exatamente por meio da oração. Isso extraímos da própria oração modelo, ensinada por Jesus: “Portanto, vós orareis assim: Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome. Venha o teu Reino. Seja feita a tua vontade, tanto na terra como no céu” (Mt 6.9,10).

Não ao Domínio, Sim ao Dever

A preocupação da igreja não deve ser com o domínio das estruturas políticas, mesmo que a alegação seja garantir a sua vida em piedade, facilitar ou proporcionar a expansão do evangelho. Eventual controle político não assegura isso a ninguém! O poder espiritual, acima de tudo, deve ser o alvo da igreja. A participação política da igreja pode ocorrer de forma orgânica, ou seja, como um processo natural, por intermédio dos seus membros que, tendo vocação para a vida pública, alcançam posições nas estruturas de governo. Isso pode acontecer em cargos eletivos ou não. O problema é quando isso é confundido com a participação da igreja como instituição, ou com a confusão do sagrado com o secular, isto é, o uso dos espaços do culto para a promoção de projetos de poder pessoais ou de grupos.

A exposição da boa doutrina deve ter em si mesma o poder de libertar do engano e conduzir-nos a atitudes sábias, diante de Deus e dos homens, incluindo as escolhas políticas. Já o fascínio pelo poder pode levar-nos a negligenciar o mais importante, que é a oração pelas autoridades. Quando Paulo recomenda ao jovem pastor Timóteo que ore e ensine a igreja a orar, é porque ele sabe que é mediante a busca da presença e ação divinas que serão debelados todos os levantes dos inimigos da obra de Deus — que podem estar entre os homens em geral (“todos os homens”, cf. 1.1) ou especificamente entre os “que estão em iminência”, dentre os quais estão “os reis” (1.2).

Orar pelos “reis” da terra — as autoridades constituídas em geral — faz com que o Senhor dirija o seu coração dentro da sua vontade soberana, o que resulta em proporcionar uma vida quieta e

sossegada para o seu povo. Provérbios 21.1 diz: “Como ribeiros de águas, assim é o coração do rei na mão do SENHOR; a tudo quanto quer o inclina”. Por isso, podemos crer que as atitudes das autoridades podem ser direcionadas diretamente por Deus, segundo o seu propósito, à medida que a igreja ora.

O propósito dos cristãos ao orar pelas autoridades deve ser obter condições favoráveis para adorar a Deus e viver de forma justa diante dos homens, dando bom testemunho. É isso que entendemos da expressão “em toda a piedade e honestidade” (1.2). Assim, temos: primeiro, a oração pelas autoridades; segundo, a ação divina guiando-as para que seja construído um ambiente favorável para o povo de Deus (“vida quieta e sossegada”); terceiro, uma vida de entrega à vontade de Deus, “em toda a piedade e honestidade”.

O desapego quanto ao domínio político é visto do começo ao fim do processo. O início é a oração, e a sua consecução é uma vida espiritual plena (“toda a piedade”), corroborada por uma vida de testemunho público que glorifique a Deus (“toda a [...] honestidade”). Esse viver glorificando a Deus pode ocorrer, inclusive, no exercício de funções públicas, ocupadas em decorrência de eleição ou concurso público, como cargos efetivos nas estruturas públicas de quaisquer níveis, instâncias ou poderes. Qualquer que seja o processo, só funciona para o cristão se for trilhado com justiça e ética.

Assim, a despeito de não ser parte de um projeto de poder institucional ou de grupo, o cristão que tem visão espiritual correta e senso de dever guiado por Deus pode desempenhar papéis relevantes em cargos executivos, no Legislativo, no Judiciário, no Ministério Público, em escolas e universidades, em hospitais, em corporações e unidades de segurança, em empresas e em muitos outros espaços públicos ou privados. Deus pode levar qualquer servo seu a ocupar posições estratégicas, mas não por um desejo de poder ou dominação, mas por nossa disposição de cumprir nossa missão como sal da terra e luz do mundo (Mt 5.13-16).

O Trágico Exemplo dos Judeus

O ensino de Paulo estava na contramão da conhecida e reiterada conduta de muitos judeus que, inconformados com o juízo de Deus sobre a nação desde o início dos exílios e da primeira Diáspora, ocorridos quando do cativeiro sob a Assíria, em 734 e 722 a.C. (2 Rs 15.29; 17.5,6),⁴³ tentavam reconquistar pela força a independência política, a liberdade religiosa, os costumes e tradições e o domínio do território de Israel, como ocorreu na Revolta dos Macabeus e em tantos outros levantes dos judeus.

O historiador judeu Flávio Josefo detecta bem o nascimento desse sentimento de revolta dos judeus. Ele conta a história do sacerdote Matatias, que expressava o seu inconformismo aos seus filhos e incitava-os a agir pela força em defesa das leis e da religião judaica:

Esse virtuoso e nobre judeu queixava-se frequentemente a seus filhos do estado deplorável em que a nação se encontrava: da ruína de Jerusalém, da desolação do Templo e de tantos outros males que a afligiam. E acrescentava que lhes seria melhor morrer pela defesa das leis e da religião de seus pais que viver sem honra em meio a tantos sofrimentos.⁴⁴

Matatias e os seus filhos lideraram uma revolta armada quando receberam enviados do rei Antíoco IV Epifânio (215–162 a.C.), da dinastia selêucida,⁴⁵ que chegaram à aldeia onde moravam para obrigar os judeus a executar as suas ordens, como narra Josefo:

[...] dirigiram-se primeiramente a Matatias, por ser o principal, a fim de forçá-lo a oferecer os abomináveis sacrifícios, pois não duvidavam que os outros lhes seguiriam o exemplo. Disseram-lhe que o rei demonstraria a todos, por meio de recompensas, a gratidão de que lhes seria devedor. Ele respondeu que, mesmo que todas as outras nações obedecessem, pelo medo, a tão injuriosa determinação, nem ele nem seus filhos abandonariam jamais a religião de seus antepassados.

Como um judeu se encaminhasse para sacrificar segundo a intenção do rei, Matatias e os seus filhos, inflamados pelo justo zelo, lançaram-se sobre ele de espada em punho e não somente o mataram como também a esse oficial, de nome Apeles, e aos soldados que ele tinha levado para obrigar o povo a cometer tão grande impiedade.⁴⁶

Josefo narra a continuidade dessa revolta, assim como de tantas outras perpetradas pelos judeus, o que culminaria com a destruição de Jerusalém no ano 70 d.C. e a segunda grande Diáspora dos

judeus por toda a terra. Não foi diferente nos dias de Jesus. Os judeus, incluindo os discípulos, esperavam que Cristo fosse trazer-lhes libertação do jugo romano, implantando o seu governo político em Israel (Mt 16.21,22; Jo 6.15; At 1.6). Pedro lançou mão da sua espada no afã de defender Jesus (Jo 18.10-12).

Como sabemos, a restauração política de Israel ocorreu somente em 1948, e a sua restauração espiritual só acontecerá com o retorno de Jesus à terra, ao fim da Grande Tribulação, quando o Espírito Santo for derramado sobre toda a nação. Como afirma Garret, “O verdadeiro fim do exílio será quando Israel voltar-se para Jesus, o seu Messias, chorando por aquele a quem eles traspassaram (Zc 12.6-14)”.⁴⁷

A lição que tiramos disso é que o povo de Deus, seja Israel, seja a Igreja, precisa entender que a sua vitória está nas mãos do Senhor e que a solução é sempre o caminho da humilhação e da busca da intervenção divina: “Se o povo meu povo, que se chama pelo meu nome, se humilhar, e orar, e buscar a minha face, e se converter dos seus maus caminhos, então, eu ouvirei dos céus, e perdoarei os seus pecados, e sararei a sua terra” (2 Cr 7.14).

Orar pelas autoridades, portanto, deve continuar sendo a prioridade da Igreja, a fim de que haja a intervenção divina necessária a assegurar-nos uma vida quieta e sossegada; um ambiente de quietude e sossego, no qual possamos estar intensamente dedicados a uma vida de piedade (comunhão e adoração a Deus) e honestidade (a prática da justiça diante dos homens). Claro, isso não nos isenta de cumprir nosso papel como cidadãos dessa terra, mas orienta-nos no propósito maior de toda a nossa existência.

A Salvação de todos os Homens

O propósito da oração da igreja por todos os homens e pelas autoridades constituídas não era, jamais, alcançar um cômodo bem-estar do cristão. Na sequência da sua exortação quanto à prática da oração, Paulo escreve: “Porque isto é bom e agradável diante de

Deus, nosso Salvador, que quer que todos os homens se salvem e venham ao conhecimento da verdade” (1 Tm 2.3,4).

O que entendemos, portanto, é que a oração leva o Senhor a trabalhar em favor da Igreja de forma geral, para que haja um ambiente favorável não apenas para o viver tranquilo dos cristãos, mas também para a fluente prática da missão primordial da Igreja, que é a pregação do evangelho. Assim, a vida de adoração dos crentes e a proclamação do evangelho, corroborada pelo testemunho cristão, contribuem para o crescimento da Igreja, com a salvação de almas. Isso é “bom e agradável diante de Deus, nosso Salvador”, cuja vontade é que “todos os homens se salvem e venham ao conhecimento da verdade”.

A finalidade de nossa oração pelas autoridades não pode, portanto, ser egoísta, mas altruísta. Nesse sentido, não é demais refletir se determinados quadros desfavoráveis vividos atualmente pelos cristãos não são reflexos de comodismo e de sentimento de dominação, com o conseqüente abandono de nossa verdadeira missão, o *querigma*, o anúncio do Evangelho.

Se Deus quer a salvação de todos os homens, isso inclui as figuras públicas que nos sejam politicamente desafetas. Pode um cristão, por motivação política, desejar a morte de quem quer que seja? É razoável que coloquemos nossas preferências partidárias ou ideológicas acima da vontade de Deus, que é a salvação de todos os homens? Há, porventura, algum limite ou exceção para esse propósito divino? A resposta, certamente, é não!

Como assinala Charles Swindoll, “temos de orar para o bem e a felicidade de nossos líderes — mesmo quando reprovamos o caráter deles e nos opomos à sua política”. Diz mais: “Embora a questão final da salvação esteja nas mãos de Deus, ele ainda assim nos chama a orar pela salvação de todas as pessoas, incluindo os que nos governam e, em especial, nossos inimigos”.⁴⁸

Não ao Universalismo

Deus tem uma vontade perfeita, que é a salvação de todos os homens. A salvação, contudo, não é imposta a ninguém; antes, é

oferecida mediante a graça de Deus em Cristo Jesus. Assim, a expressão paulina de que Deus “quer que todos os homens se salvem” (2.4) não importa em abono algum ao universalismo, que prega que todos os homens serão salvos no fim de tudo.

Nas palavras de Justo L. González, o universalismo é

A doutrina segundo a qual posteriormente todos serão salvos, não há condenação final, o inferno é somente um estado passageiro cuja função é purificar as almas antes que possam estar na presença de Deus. [...] Nos Estados Unidos e nas terras aonde chegaram os missionários norte-americanos, o universalismo tem relações históricas com as formas mais racionalistas do unitarismo.⁴⁹

Norman Geisler (1932–2019) define e apresenta uma síntese histórica do universalismo:

O Universalismo, derivado da palavra *apokatastasis* (isto é, “restauração,” em At 3.21), é a ideia de que, ao final, todas as pessoas serão salvas. Ele foi inicialmente proposto por Orígenes (c. 185–c. 254), um Pai Eclesiástico parcialmente não-ortodoxo. Um dos teólogos mais famosos da era moderna a abraçar o Universalismo foi o pensador neo-ortodoxo Karl Barth (1886-1968); o notável filósofo John Hick (nascido em 1922) também é um proponente desta posição [...]. Muitos teólogos liberais, um grande número de seitas, e várias religiões extravagantes defendem algum tipo de Universalismo ou de Aniquilacionismo. A exemplo dos universalistas, os aniquilacionistas acreditam que ninguém sofrerá o castigo eterno, já que todos os que não crerem serão aniquilados. Até mesmo alguns notáveis mestres como, por exemplo, Clark Pinnock (nascido em 1920), John Wenham (nascido em 1913), e John Stott (nascido em 1925) abraçaram certas formas de Aniquilacionismo. O Universalismo, entretanto, é herético, tendo sido condenado no Quinto Concílio Ecumênico de Constantinopla no ano de 553 d.C.⁵⁰

O universalismo não tem respaldo bíblico algum. A Bíblia apresenta repetidas vezes os dois destinos distintos que serão dados aos salvos e aos perdidos (Mt 7.13,14; Hb 9.27; Ap 21.7,8). A salvação é para quem crê e permanece fiel por toda a vida, e não para os que não creem, nem para os que creem, mas não perseveraram até o fim (Mc 16.16; Mt 24.13; Ap 2.10). Isso, todavia, não anula a vontade de Deus, que é a salvação de todos os homens, incluindo as autoridades hostis (1 Tm 2.4). Orar coloca-nos

em sintonia com essa vontade e impede que nosso coração esteja fechado para nossa missão, que é a pregação do evangelho a toda criatura (Mc 16.15).

³⁷ **Bíblia de Estudo Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2009, p. 39.

³⁸ BOYER, Orlando. **Heróis da Fé**. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2014, p. iv.

³⁹ ANDRADE, Claudionor Corrêa. **Dicionário Teológico**. 8.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1999, p. 261.

⁴⁰ Idem.

⁴¹ BOYER, Orlando. **Pequena Enciclopédia Bíblica**. 36ª impressão. Rio de Janeiro: CPAD, 2016, p. 379.

⁴² STOTT, John. **Lendo Timóteo e Tito com John Stott**. 1.ed. Viçosa: Ultimato, 2019, p. 28.

⁴³ Duane A. Garret explica que “exílio” e “Diáspora” são conceitos relacionados, porém distintos. Conforme Garret, “Exílio é a remoção forçada da maior parte da população, em especial as pessoas mais habilidosas e de classe superior, de sua pátria para outro país”, enquanto “Diáspora é a dispersão dos judeus em todo o mundo”, processo que “começou no tempo da destruição de Samaria e continuou como resultado do exílio babilônico”. Quanto aos exílios, Garret observa que “O primeiro foi o exílio dos israelitas do reino do norte (Samaria), efetuado pelos assírios”. Esse exílio “ocorreu em duas fases, a primeira em 734 a.C. sob Tiglate-Pileser III (2 Rs 15.29) e, então, culminantemente, em 722 sob Salmaneser e seu sucessor, Sargão II, quando a cidade de Samaria foi destruída e o reino do norte deixou de existir (2 Rs 17.5-6)”. (In: **Bíblia de Estudo Holman**. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2018, p. 611).

⁴⁴ JOSEFO, Flávio. **História dos Hebreus**. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 563.

⁴⁵ Seleuco foi um dos generais que conquistou parte do Império Grego após a morte de Alexandre (323–281 a.C.).

⁴⁶ *Op.cit.*, p. 563, 564.

⁴⁷ In: **Bíblia de Estudo Holman**, 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2018, p. 611.

⁴⁸ SWINDOLL, Charles R. **Comentário Bíblico Swindoll. 1 & 2 Timóteo e Tito**. 1.ed. São Paulo: Hagnos, 2018, p. 49, 50.

⁴⁹ GONZÁLES, Justo. **Breve Dicionário de Teologia**. 1.ed. São Paulo: Hagnos, 2009, p. 331.

⁵⁰ GEISLER, Norman. **Teologia Sistemática**. Vol 2. 4ª impressão. Rio de Janeiro, CPAD, 2017, p. 301.

Capítulo 4

INSTRUÇÕES PARA AS MULHERES

(1 Tm 2.9-15)

Logo depois de tratar da importância da oração e referir-se ao comportamento do homem no culto público (2.8), Paulo passa a referir-se aos deveres das mulheres cristãs. A primeira prescrição diz respeito ao vestuário: “Que do mesmo modo as mulheres se ataviem em traje honesto, com pudor e modéstia, não com tranças, ou com ouro, ou pérolas, ou vestidos preciosos” (2.9). A segunda diretriz está relacionada ao papel da mulher no culto: “A mulher aprenda em silêncio, com toda a sujeição. Não permito, porém, que a mulher ensine, nem use de autoridade sobre o marido, mas que esteja em silêncio” (2.11,12). Percebe-se também que, na segunda prescrição feita por Paulo, está contido um princípio geral relativo ao relacionamento entre a mulher e o seu marido, que é a vedação do “uso de autoridade” por parte dela, ou seja, uma eventual pretensão de mando.

Apesar das muitas discussões sobre o comportamento ideal da mulher cristã (a conhecida pauta dos usos e costumes), devemos considerar que é preciso haver uma distinção clara na conduta das mulheres “que fazem profissão de servir a Deus” (2.10). Quando a mulher realmente assenta no coração o propósito de viver como uma serva de Deus, está pronta para abster-se do padrão definido pelo mundo e buscar um “traje honesto, com pudor e modéstia” (2.9).

Todo cristão equilibrado foge do radicalismo e não alimenta o legalismo; mas, de igual forma, não despreza o ensino bíblico e a correção, que produzem a necessária diferença entre quem serve a

Deus e quem não serve. É disso que Paulo trata em 1 Timóteo 2.9,10. A expressão “em traje honesto, com pudor e modéstia” deve ser tomada como um princípio de sobriedade na maneira de vestir-se, aplicável em todas as épocas e lugares em contraposição ao padrão mundano:

A palavra ‘pudor’ (gr. *aidos*), subentende vergonha em exhibir o corpo. Envolve a recusa de vestir-se de tal maneira que atraia atenção para o seu corpo e ultrapasse os limites da devida moderação. [...] Vestir-se de modo imodesto para despertar desejos impuros nos outros é tão errado como o desejo imoral que isso provoca. Nenhuma atividade ou condição, justifica o uso de roupas imodestas que exponham o corpo de tal maneira que provoquem desejo imoral ou concupiscência em alguém (cf. Gl 5.13; Ef. 4.27; Tt 2.11,12; Mt 5.28).⁵¹

Fazendo um estudo do vernáculo grego, Donald Guthrie assim comenta o texto de 1 Timóteo 2.9:

A palavra traduzida por *se vistam* (*katastole*) provavelmente se refere à conduta bem como ao vestuário. A ênfase recai sobre a modéstia que acompanha a roupa. Apenas o comportamento ordeiro ou decente está em conformidade com o espírito da adoração cristã. Isso reflete uma atitude mental correta, pois Paulo era suficientemente perspicaz para saber que a roupa de uma mulher é um espelho de sua mente. Ele parece estar excluindo qualquer ostentação exterior por ser contrária a uma atitude de oração e devoção.

As palavras *decência* [...] e *discrição* são acrescentadas para explicar o que é roupa aceitável. De novo, é uma questão de dignidade e seriedade de propósitos, em oposição à leviandade e à frivolidade. Mediante o acréscimo de uma lista de proibições relacionadas com adornos exteriores, Paulo não deixa nenhuma dúvida quanto ao que quer dizer.

Fazer trança nos cabelos era um aspecto comum do penteado das mulheres judias, e as tranças requintadas eram presas com fitas e tiaras [...]. É claro que Paulo não está falando contra a atenção razoável do penteado, mas contra aquele penteado feito para chamar a atenção e que seria inadequado às mulheres cristãs. O mesmo princípio se aplica ao uso de joias ou roupas caras. Qualquer forma de ostentação tendia a prejudicar a finalidade principal da adoração.⁵²

Uma Questão de Caráter

O texto paulino indica que, na época, as mulheres não cristãs tinham o costume de usar “tranças”, “ouro”, “pérolas” e “vestidos preciosos” no afã de tornarem-se atraentes. Os efésios apelavam muito para a sensualidade por meio da exposição do corpo da mulher. O uso de trajes imodestos era o meio de despertar o desejo sexual masculino, o que acontecia, inclusive, nos cultos pagãos. As mulheres da igreja efésia deveriam abster-se de tais usos, preferindo costumes recatados a fim de não chamarem a atenção para si e para os seus corpos. Esse deve ser o padrão em qualquer época: a descrição da mulher cristã como uma marca da sua conduta, fruto de uma transformação do seu caráter, o que o texto expressa com o uso dos adjetivos da honestidade, do pudor e da modéstia.

Infelizmente, tem sido muito comum existirem intensos debates focados em questões externas pontuais, quando o problema reside no interior de cada um. Quando somos transformados em nosso íntimo, o que expressamos através de nosso corpo e atitudes torna-se apenas um reflexo. Enquanto o “espírito de sensualidade” domina, a consequência é a rebelde insistência para expor o corpo visando atrair o sexo oposto, ainda que essa intenção não seja reconhecida. Por isso, conforme salientado no *Comentário do Novo Testamento Aplicação Pessoal*, o que se verifica do texto é que “Paulo enfatizou que o caráter interior era muito mais importante do que a aparência exterior”:

O padrão de vestir para as mulheres cristãs deveria ser caracterizado por **traje honesto**. O apelo que Paulo faz aqui é ao bom gosto e ao bom senso na cultura. As mulheres crentes deveriam “vestir” o seu comportamento de uma maneira que complementasse o seu caráter, em vez de discordar dele. As mulheres que adoravam na igreja cristã não deveriam ser dadas à ostentação, a enfeites caros, a e adornos excessivos. Tampouco era apropriado um modo de vestir sedutor ou sexualmente sugestivo. Elas não deveriam prejudicar a adoração, atraindo a atenção para si mesmas. Dizer que as mulheres de Éfeso não usassem **tranças, ou ouro, ou pérolas, ou vestidos preciosos** queria dizer, uma vez mais, que a sua ênfase deveria estar não na sua aparência, mas sim em quem elas eram.⁵³

Cobiça e Assédio Sexual

O corpo da mulher deve ser adequadamente coberto para não despertar desejos sexuais. Convém lembrar, contudo, que a mesma Bíblia que reprovava o mal comportamento da mulher com a exposição sensual do seu corpo também condena o pecado do homem, que, pelos olhos, se dá à cobiça (Mt 5.28; Mt 6.22,23; 1 Jo 2.16). De nada vale um culpar o outro, seja o homem cobiçoso, culpando a mulher por expor o seu corpo, seja a mulher vestida sem a devida decência, culpando o homem por conta do seu olhar malicioso. Deus não tem o culpado por inocente (Nm 1.3). “[...] cada um de nós dará conta de si mesmo a Deus” (Rm 14.12).

Se, por um lado, o assédio sexual deve ser reprovado, por outro é preciso que também reprovemos os comportamentos sensuais e provocativos. O cristão não pode pautar-se pelo mesmo padrão de juízo mundano, no qual falta o devido equilíbrio para censurar o pecado reinante de ambos os lados. Além do mais, há um exacerbado protecionismo da mulher pela cultura atual, como se ela agisse como uma ingênua e inocente vítima do homem em todos os casos. Isso nega a pecaminosidade e a malícia feminina. Como fez no Éden, o Senhor exerce e exercerá o perfeito juízo sobre todas as suas criaturas na proporção das suas culpas (Gn 3.14-19; Ap 20.11,12).

Uma “Doutrina de Homem”?

Há quem ignore o ensino sobre a necessidade de vestir-se bem, cobrindo adequadamente o corpo, como se isso fosse uma exigência de homens. No Éden, após a Queda, Adão e Eva vestiram-se com aventais de folhas de figueira (Gn 3.7). O próprio Senhor preparou para eles roupas decentes, “túnicas de peles” (Gn 3.21). O cuidado com o corpo é, portanto, inspirado num ato pessoal do próprio Senhor Deus. O Novo Testamento ensina-nos com clareza que nosso corpo é templo do Espírito Santo (1 Co 6.19). A maneira como cuidamos dele deve, acima de tudo, glorificar a Deus, o Senhor (1 Co 10.31; Rm 15.1,2).

A mulher que decide servir a Deus precisa atentar com humildade para esse valioso ensino. O seu comportamento e vestuário devem ser santos, evitando roupas extravagantes (luxuosas, decotadas, transparentes, curtas ou muito coladas ao corpo). (Nesse último caso, os homens também estão incluídos!)

Não à Cultura da Afirmação

Ensinos bíblicos como o de 1 Timóteo 2.9 vão de encontro à cultura da afirmação vigente nas sociedades modernas, orientadas pelo antropocentrismo e por todo o espírito de “divinização” do homem. O esforço do indivíduo para afirmar-se perante a sociedade faz com que ele insista na ostentação dos seus padrões de conduta que não se sujeitam a qualquer tipo de paradigma convencional. Aliás, qualquer tipo de controle ou sugestão de limites para o comportamento é rotulado de cultura opressora. Isso se reflete, por exemplo, na relutância em aceitarem-se os modelos básicos de vestuário e outros usos e costumes no âmbito das igrejas.

Uma igreja onde a liderança busca estabelecer um padrão mínimo para o comportamento do seu próprio coletivo é considerada como um “ambiente de opressão”, que reprime as pessoas quanto às suas liberdades individuais, como o “direito” de expressar a sua identidade através do seu próprio estilo — o que inclui as roupas que decidir vestir e os adereços que quiser usar. Para quem pensa assim, Paulo difundiu um padrão opressor, porque foi bem enfático em prescrever às mulheres cristãs de Éfeso o abandono de qualquer traje ou enfeite que não pudesse ser considerado honesto, decoroso e modesto.

Não há, porém, abertura para qualquer dúvida quanto ao propósito de Paulo: que Timóteo ensinasse a igreja de Éfeso a assumir um estilo de vida distinto da cultura mundana da época. O uso da expressão “como convém a mulheres que fazem profissão de servir a Deus” deixa claro que o comportamento feminino já não mais poderia ser resultado de uma decisão pessoal de cada uma. Assim deve ser com todos que decidem ser discípulos de Cristo,

seja homem, seja mulher, pois o chamado para servi-lo sempre importa em renúncia dos próprios desejos (Lc 9.23,24).

Entre os discípulos de Cristo, portanto, não pode funcionar a tal “cultura da afirmação”, mas a “cultura da negação” (Lc 9.23). Deve prevalecer um espírito de mansidão e humildade (Mt 11.29), inspirador de atitudes concretas de renúncia de nossas vontades pessoais (Mt 16.24).

O Ministério Feminino

Após ensinar a respeito da conduta da mulher no seu jeito de vestir, Paulo passa a tratar da participação feminina no culto público, como ele já havia feito na carta aos Coríntios, o que demonstra, desde logo, que o seu ensino não estava circunscrito a uma realidade exclusiva de Éfeso: “As mulheres estejam caladas nas igrejas, porque lhes não é permitido falar; mas estejam sujeitas, como também ordena a lei. E, se querem aprender alguma coisa, interroguem em casa a seus próprios maridos; porque é indecente que as mulheres falem na igreja” (1 Co 14.34,35). O ensino em Éfeso deveria ser semelhante: “As mulheres aprendam em silêncio, com toda a sujeição”.

Esses textos estão entre os que mais incomodam os teólogos progressistas, que não se conformam com ensinamentos que contrariam as suas próprias visões de temas relativos a pautas como o ministério feminino. Herdeiros do liberalismo teológico, tais teólogos negam a plena inspiração das Escrituras, bem como a sua inerrância e infalibilidade, e sustentam a tese de que a Bíblia precisa ser atualizada. cremos, contudo, que as Escrituras são a Palavra de Deus eterna e imutável (Sl 119.89), não contêm erros e têm forma normativa para a vida humana em todos os tempos.

O texto bíblico sob análise é bastante claro em alguns aspectos: o primeiro é que a mulher pode aprender — isso é um avanço trazido pelo cristianismo —, mas “em silêncio, com toda a sujeição”. A postura humilde da mulher para aprender é condição fundamental. Aprender em silêncio na igreja é a condição clara contida no versículo 11. Na sequência, Paulo afirma que a mulher não deve

ensinar. Até aqui, a recomendação está claramente mais voltada para o aspecto público, mas quando o apóstolo diz “nem use de autoridade sobre o marido”, fica clara uma aplicação de aspecto geral.

A mulher não usar de autoridade sobre o marido quanto ao ambiente da igreja deixa indubitosa a impossibilidade do pastorado feminino. Cogitar diferentemente seria o mesmo que afirmar que a mulher não deve usar de autoridade sobre o marido em aspecto algum da vida, exceto se exercer a condição de “pastora”. Fato é que a expressão complementar contida no versículo 12 — “mas que esteja em silêncio” — é nitidamente um reforço ao ensino relativo ao culto público, ou seja, ao ambiente em que ela poderá aprender, só que em silêncio.

É preciso compreender, contudo, que o ensino paulino não corresponde a uma proibição total à participação da mulher no serviço público do Reino de Deus. Como sabemos, as mulheres tiveram participação ativa no ministério de Jesus. Elas acompanhavam o Mestre junto com os seus discípulos e contribuía com os seus bens (Lc 8.1-3). Em vários outros textos do Novo Testamento, elas aparecem como importantes cooperadoras, inclusive ensinando a outros (At 16.11-15; 18.24-26; Rm 16.1-15; Fp 4.3; Cl 4.15). O que não há nas Escrituras é fundamento para o ministério feminino de liderança ou pastoreio de igrejas. Como comenta Donald Stamps: “O homem e a mulher são igualmente amados e preciosos à vista de Deus (Gl 3.27,28). Porém, foi ao homem que Deus entregou a responsabilidade de direção da família e da igreja”:

[1 Tm 2.12-25] mostra que não é permitido na igreja a mulher ensinar de modo normativo, diretivo e terminante, como faz o dirigente da congregação (cf. 1 Co 14.34). Entretanto, isto não quer dizer que é proibido à mulher cristã ensinar a homens individualmente (como em At 18.26); profetizar no culto da igreja, sob o impulso direto do Espírito Santo (1 Co 11.5,6 [...]); ensinar na igreja a outras mulheres, inclusive aos jovens (Tt 2.3,5 [...]); evangelizar em sua casa, instruindo homens e mulheres nos caminhos do Senhor (At 16.14,40).⁵⁴

Assim, em vez de intensificar-se o debate acerca do pastorado feminino — tema, por sinal, totalmente ausente da Bíblia —, o mais sábio é que a mulher cristã concentre os seus esforços em tudo o que pode fazer no Reino de Deus em vez de insistir no que as Escrituras não prescrevem que ela faça. O cristianismo ampliou as oportunidades da mulher, e não as restringiu, mas responsabilidades como o pastorado foram dadas aos homens.

A Peculiaridade de Éfeso

Por que Paulo foi tão contundente ao tratar do comportamento da mulher na sua carta a Timóteo? São várias as opiniões. O mais provável é que estivesse havendo algum excesso na igreja de Éfeso, a favor ou contra a participação da mulher no culto. Por isso, foi preciso tratar do assunto de maneira enfática.

Antes de vermos um caráter repressivo na conduta paulina, precisamos considerar que a mulher enfrentava sérias restrições tanto na cultura grega como na judaica, inclusive para estudar. Conforme Donald Guthrie:

Proibições rabínicas eram muito mais sérias do que as proibições cristãs, já que a mulher, embora teoricamente tivesse permissão para ler a Torá em público, na prática não tinha autorização para ensinar nem mesmo crianças pequenas.⁵⁵

O que temos, então, é que o cristianismo trouxe verdadeira revolução quanto à oportunidade de a mulher aprender, e não o contrário. É possível, assim, que a instrução de Paulo estava apenas trazendo ordem para um aspecto liberalizante e não restritivo produzido pela fé cristã.

Independentemente da questão local que tenha chegado à mente de Paulo para que este escrevesse sobre esse assunto tão específico na sua carta a Timóteo, o fundamento para a sua prescrição normativa não é casuístico ou isolado, ou seja, o ensino para que a mulher aprendesse em silêncio não era exclusivo para Éfeso por alguma distorção local.

Se Paulo tivesse terminado o seu ensino sobre as mulheres no versículo 12, seria possível aos hermeneutas progressistas buscarem mil razões fora do texto para um suposto “porquê” da norma contida nos versos 11 e 12. Contudo, o “porquê” de a mulher não poder ser a fonte do ensino diretivo da igreja — exercer o ofício de liderança do rebanho — está nos versículos 13 e 14: “Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E Adão não foi enganado, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão”.

A primeira razão é a precedência do homem em relação à mulher. Quando Gênesis descreve a criação do homem e, depois, da mulher (Gn 1.26,27; 2.18-22), está apresentando o propósito divino de ter o homem como líder e a mulher como a sua ajudadora (Gn 2.18).⁵⁶ A narrativa bíblica é clara no sentido de a mulher ter sido criada para suprir a necessidade do homem de ter uma companheira, “uma auxiliadora que lhe fosse idônea” (Gn 2.18, ARA). Foi o próprio Criador quem disse: “Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma adjutora que esteja como diante dele”, isto é, que lhe assista.

A segunda razão apresentada por Paulo é o fato de Eva ter sido enganada e caído em transgressão (2.14). “Eva, ao agir como chefe, independente do seu marido, comeu do fruto proibido”.⁵⁷ Essas são, portanto, as razões bíblicas citadas por Paulo pelas quais o homem deve ser o chefe e líder espiritual no lar e na igreja; são razões imutáveis, sem nenhuma possibilidade de alteração em função de contextos econômicos, sociais, políticos ou culturais.

Calada sempre?

Os ensinamentos de Paulo em 1 Timóteo 2.11-14 são específicos para o culto público ou também representam um princípio aplicável à vida da mulher em todas as esferas da vida? Como já abordado, a Bíblia apresenta a mulher desempenhando vários ministérios (serviços) na igreja. O texto paulino tem uma aplicação no culto público relacionado ao ensino “normativo, diretivo e terminante”, como já assinalado. Apesar dessa aplicação *a priori* específica, há que se considerar, todavia, que, em um sentido geral, o que a Palavra de Deus estabelece é que a mulher deve ter uma vida discreta. Ela

pode expressar-se, mas é sábio que observe o tempo, o lugar e o modo corretos. Ao falar da mulher virtuosa, Salomão diz que ela “abre a boca com sabedoria e a lei da beneficência está na sua língua” (Pv 31.26).

A mulher pode ser muito útil com as suas opiniões e instruções em muitos âmbitos, conquanto que “abra a boca com sabedoria” e esteja subordinada a uma permanente lei, a da beneficência, para que jamais fale o que possa fazer mal a alguém. O que se espera é que as palavras da mulher (assim como as do homem!) sempre façam o bem para quem a ouve.

Temos vários exemplos na Bíblia de mulheres que falaram com sabedoria. Abigail foi uma delas (1 Sm 25.24-26). O apóstolo Pedro aconselhou à mulher cujo marido não é crente a manter-se sujeita a ele e com um bom comportamento, para que ele seja “ganho sem palavra” (1 Pe 3.1). Aliás, de forma semelhante a Paulo, Pedro ensina às mulheres que tenham uma vida pura, em temor a Deus, valorizando mais a sua beleza interior do que a exterior (1 Pe 3.2-6).

Sem temer a Deus e confiar plenamente na sua Palavra, nenhuma mulher encontrará condições de fazer tudo isso, ainda mais numa sociedade tão progressista, na qual as mulheres que ainda resistem e insistem no seu papel de esposa e mãe são desprezadas e até ridicularizadas, notadamente pelo público feminino, ante o espírito feminista que se multiplica em todas as esferas da sociedade e com muita influência nas igrejas evangélicas.

O Feminismo Evangélico

O Brasil é um país majoritariamente cristão e com um contingente evangélico muito grande. Dados da prévia do Censo de 2022 divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 28 de dezembro de 2022 dão conta de que o país tem 207,8 milhões de habitantes. Desse universo, cerca de 64,6% são católicos e 22,2% são evangélicos. Portanto, em torno de 86,8% da população considera-se cristã.

Nos últimos anos, tornou-se bem acentuada a polarização política e ideológica entre Direita e Esquerda em nosso país, principalmente

em função de valores morais e costumes. Dentre os cristãos, a absoluta maioria declara-se de Direita. Entretanto, em certos temas, a prática demonstra o contrário. Uma delas é a que trata do papel da mulher e a sua posição na família, na igreja e na sociedade em geral.

Cresce assustadoramente no Brasil o chamado “feminismo evangélico”, fenômeno que já assombrou e causou muitos prejuízos na Europa protestante e nos Estados Unidos da América. Mas, ao que se percebe, a grande preocupação com a “esquerda teológica” em nosso país tem deixado ao largo um dos mais inflamados temas do esquerdismo, que é o feminismo. Não são poucos os evangélicos que se consideram de Direita, mas que, quando o assunto é o papel da mulher, falam e agem segundo a agenda esquerdista, talvez em nome do politicamente correto.

O grande problema é o que o feminismo evangélico causa na vida da igreja, especialmente pela abertura de caminho para outras distorções teológicas. Estudioso do assunto, Wayne Grudem alerta para o fato de que “o feminismo evangélico está se tornando um novo caminho para o liberalismo teológico para os evangélicos da nossa geração”.⁵⁸ Citando trechos da sua obra *Evangelical Feminism: A New Path to Liberalism?* [Feminismo Evangélico: Um Novo Caminho para o Liberalismo?], Grudem denuncia o feminismo como uma evidente manifestação da teologia liberal e observa as consequências de negar-se a autoridade das Escrituras para acomodar o pensamento feminista moderno:

Uma vez corroída ou negada a autoridade da Escritura, certas consequências decorrem previsivelmente em uma denominação após a outra e algumas dessas consequências já se veem entre os feministas evangélicos, conforme observadas nos seguintes pontos:

As tendências recentes mostram agora que os feministas evangélicos caminham para a negação de tudo o que for particularmente masculino, para um Adão andrógino, que não é homem nem mulher, e para um Jesus cuja humanidade não tem importância. Esse já é um passo comum nos textos dos feministas evangélicos.⁵⁹

Na sequência do seu texto, Grudem aponta que os passos seguintes são (1) “defender que Deus seja chamado de ‘nossa Mãe

no céu”; (2) “o crescente movimento a favor da aprovação da legitimidade moral do homossexualismo e (3) a “ordenação de homossexuais e a aprovação deles, colocando-os nas altas posições de liderança da igreja”.⁶⁰

Essa é uma das razões pelas quais é um terrível engano imaginar-se estar combatendo a Esquerda com movimentos políticos, enquanto acolhemos os seus fundamentos em nossos púlpitos, práticas eclesiais e vida cotidiana, com pouca ou nenhuma contestação, como é o que se vê em relação ao crescente discurso feminista evangélico. A defesa do pastorado feminino é o carro-chefe nesse escandaloso movimento esquerdista. A grande questão, portanto, não é ser de Direita ou de Esquerda, é ser bíblico. É crer na Palavra de Deus e viver de acordo com o que ela prescreve.

“Salvar-se-á Gerando Filhos”

Fechando o ensino relativo às mulheres, Paulo faz mais uma declaração que não encontra consenso entre os exegetas. Trata-se do versículo 15 de 1 Timóteo 2. O que Paulo realmente quis dizer com a expressão “[A mulher] salvar-se-á, porém, dando à luz filhos”? A primeira coisa a ser afirmada é que gerar filhos não é uma condição para a salvação. Do contrário, o que seria das estéreis? Todos — homens e mulheres — somos salvos pela graça de Deus, e não por qualquer mérito nosso (Ef 2.8-10).

Por outro lado, é evidente que Paulo não fez uma afirmação aleatória e sem sentido algum. O que entendemos é que Paulo mencionou a geração de filhos como uma condição natural a que a mulher é submetida, tendo em vista, certamente, as dores que ela passou a sentir após o pecado (Gn 3.16). Assim, como todos os seres humanos devem obedecer a Deus e cumprir os seus propósitos, a mulher deve fazê-lo exercendo a maternidade, propósito a ela atribuído: “As mulheres que desempenham o seu papel designado por Deus, de dar à luz e de criar os filhos, estão demonstrando um verdadeiro compromisso e uma verdadeira obediência a Cristo”.⁶¹

John Kelly vê uma ligação indispensável entre o versículo 15 e os versos anteriores, no sentido de que Paulo teria tido a intenção de retirar qualquer impressão de que a mulher estivesse sujeita ao “desagrado permanente de Deus”, eis que também seria salva. A sua salvação, porém, não se daria “por meio de realizar tarefas masculinas, tais como ensinar na igreja, mas, sim, *através da sua missão de mãe*”:

Seu caminho para a salvação, noutras palavras, consiste em aceitar o papel que foi claramente destinado a ela em Gn 3:16 (“em meio de dores darás à luz filhos”). Até mesmo isto, no entanto, exige uma qualificação adicional, visto que a maternidade é o destino comum de todas as mulheres, e, de qualquer maneira, a salvação não é obtida mediante meras obras. Destarte, o Apóstolo acrescenta, como uma segunda condição vital, *se elas permanecerem em fé e amor e santificação, com bom senso*.

[...]

Esta parece ser a única interpretação natural da passagem, por mais desagradável que a atitude para com as mulheres aqui subentendida seja vista por padrões cristãos contemporâneos.⁶²

Por que será, então, que se discute tanto sobre o exercício de funções executivas para a mulher, inclusive na igreja, e tanto se minimiza o seu papel como esposa e mãe? Não há como deixar de ver nisso, mais uma vez, o esforço humano de tentar fazer prevalecer a sua própria vontade sobre a vontade de Deus.

Hans Bürki desenvolve um pensamento que nos faz entender que o ensino de Paulo tinha como finalidade evitar o orgulho espiritual das mulheres, que poderiam passar a acreditar que o fato de receberem dons e desempenhá-los na igreja iria torná-las isentas dos seus deveres primários:

Uma profetisa (e suas seguidoras) ou um herege e seu grupo poderiam ter declarado por “instrução divina”: por meio de Cristo a nova ordem do mundo já se concretizou. Ele libertou a mulher de sua comunhão de jugo com o homem, porque o Espírito de Deus lhe fala diretamente e lhe ordena o que tem de fazer e ensinar. A profetisa é consagrada a Deus e por isso redimida de sua sexualidade, de parir filhos e dos fardos domésticos. Agora possui uma incumbência superior que supera tudo o que havia antes.

[...]

A mulher casada, porém, não encontra a salvação soltando-se dos laços matrimoniais e maternos, acreditando alcançar uma liberdade superior. No meio de suas labutas e dores cotidianas, terrenas e naturais ela é capaz de concretizar em todos os sentidos a **santificação**, de ativar **a fé e o amor**, e de fazer brilhar em tudo a verdadeira força ética da mulher. Permanecendo nisso, e não se deixando seduzir para outro caminho, ela será salva, mesmo através das dores da maternidade.⁶³

Nem Feminismo e nem Machismo

O que se pode ser dito, para concluir, é que homens e mulheres devem viver em amor, honrando e respeitando uns aos outros, atentos para os seus respectivos deveres. Isso agrada e glorifica ao Senhor Deus. As razões apresentadas por Paulo para tratar da posição da mulher no lar e na igreja não foram culturais, mas bíblicas — logo, imutáveis. Bem faremos se atentarmos para o ensino das Escrituras, em vez de enredarmo-nos com as ideias progressistas, que não encontram outro fundamento senão os próprios desejos da sociedade moderna. Hoje, mais do que nunca, há teologia para todos os gostos. Como Paulo já havia advertido, chegaria o tempo em que a sã doutrina não seria suportada, o que levaria ao surgimento de muitos doutores segundo os desejos das massas (2 Tm 4.3).

A Bíblia não é um livro feminista e nem machista. Ela não tem compromisso com movimentos, conceitos ou ideologias humanas. Como Palavra de Deus, prescreve condutas e papéis distintos para pessoas distintas, conforme o plano divino para cada uma delas. Todos os que creem e praticam o que nela está escrito serão salvos se permanecerem “com modéstia na fé, no amor e na santificação” (1 Tm 2.15).

⁵¹ **Bíblia de Estudo Pentecostal**, p. 1865.

⁵² GUTHRIE, Donald. **1 e 2 Timóteo e Tito. Introdução e Comentário**. 1.ed. São Paulo: Vida Nova, 2020, p. 80.

⁵³ **Comentário do Novo Testamento. Aplicação Pessoal**. Vol. 2. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2021, p. 489.

⁵⁴ **Bíblia de Estudo Pentecostal**, p. 1866.

⁵⁵ *Op.cit.*,p. 81, 82

⁵⁶ Na obra *Fundamentos Bíblicos para a Masculinidade e a Feminilidade*, Wayne Grudem apresenta “Dez Motivos que Mostram a Liderança Masculina no Casamento Antes da Queda”, sendo eles: “1. *A ordem*. Adão foi criado primeiro, depois Eva (perceba a sequência em Gn 2.7 e Gn 2.18-23) [...]. 2. *A representação*: Adão, e não Eva, tinha o papel especial de representar a raça humana [...]. 3. *O dar nome à mulher*: Quando Deus fez a primeira mulher ‘e a trouxe ao homem’, a Bíblia diz: *E disse o homem: Esta, afinal, é osso dos meus ossos e carne da minha carne*; chamar-se-á mulher, *porquanto do homem foi tomada*. —Gn 2.23 [...]. 4. *O dar nome à raça humana*: Deus deu à raça humana o nome ‘homem’, e não ‘mulher’ [...]. 5. *A principal responsabilidade*. Deus falou primeiro a Adão após a Queda [...]. 6. *O propósito*. Eva foi criada como auxiliadora para Adão, e não Adão como auxiliador para Eva [...]. 7. *O conflito*. A maldição trouxe uma distorção dos papéis anteriores, e não a introdução de novos papéis [...]. 8. *A restauração*: Quando chegamos ao Novo Testamento, a salvação em Cristo reafirma a ordem criada [...]. 9. *O mistério*. Desde o começo da criação, o casamento foi um retrato do relacionamento entre Cristo e a igreja [...]. 10. *O Paralelo com a Trindade*. A igualdade, as diferenças e a unidade entre homens e mulheres refletem a igualdade, as diferenças e a unidade na Trindade” (GRUDEM, Wayne. **Fundamentos Bíblicos para a Masculinidade e a Feminilidade**. 1.ed. Niterói: Templo de Colheita, 2013, p. 25/36).

⁵⁷ **Bíblia de Estudo Pentecostal**, p. 1866.

⁵⁸ GRUDEM, Wayne. **Confrontando o Feminismo Evangélico**. 1.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2009, p. 220.

⁵⁹ *Op. cit.*,p. 220, 221.

⁶⁰ Idem, p. 221.

⁶¹ **Comentário Aplicação Pessoal**, p. 493.

⁶² John N. D. Kelly. **I e II Timóteo e Tito. Introdução e Comentário**. 1.ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1983, p. 72.

⁶³ HANS, Bürki & BOOR, Werner de. **Carta aos Tessalonicenses, Timóteo, Tito e Filemom**. 1.ed. Curitiba, Editora Esperança, 2007, p. 205.

Capítulo 5

INSTRUÇÕES PARA OS PASTORES

(1 Tm 3.1-7)

No primeiro capítulo do livro *Maturidade Espiritual do Líder*, reflito sobre a crise de liderança que vivemos atualmente não apenas por falta de líderes, mas também pela existência de líderes imaturos e despreparados para o exercício das funções próprias das posições que ocupam. Na verdade, talvez o problema maior não esteja na quantidade de pessoas que desejam a liderança, mas na ausência de preenchimento dos requisitos necessários para liderar.⁶⁴

Não é demais pensar, então, que já existisse essa dicotomia nos dias de Paulo: muita gente desejando ser líder, mas poucos apresentando qualificações condizentes. O texto paulino faz-nos entender que muitos queriam ser “doutores da lei” em Éfeso (1 Tm 1.7), ou seja, queriam liderar o povo como ensinadores ou instrutores. O desejo destes, portanto, era absolutamente impuro. É bem provável também que outros tivessem uma motivação correta, mas nem por isso deveriam ser admitidos no ministério sem que demonstrassem cabalmente o cumprimento dos requisitos éticos e morais compatíveis com a liderança espiritual.

Em suma, podemos afirmar que é legítimo aspirar o exercício de cargos de liderança no Reino de Deus. É trágico, contudo, quando isso é feito sem o mínimo senso da responsabilidade que a tarefa impõe. Empolgantes motivações para servir a Deus não são suficientes. Os desafios que as lides espirituais apresentam-nos exigem a presença de qualificativos morais essenciais na vida do

líder. Esse é o assunto tratado por Paulo no capítulo 3 da sua Primeira Carta a Timóteo.

Uma Palavra Fiel

Paulo abre a seção relativa aos presbíteros (pastores locais)⁶⁵ com uma expressão singular e exclusiva nas Cartas Pastorais. A declaração “esta é uma palavra fiel”, que aparece cinco vezes nas Pastorais (1 Tm 1.15; 3.1; 4.9; 2 Tm 2.11; Tt 3.8), não é vista em nenhum outro livro do Novo Testamento. Segundo Deborah Menken Gill, era um “provérbio aparentemente famoso”, que fazia parte de uma “coleção de curtas declarações (*logia*), de modo resumido, porções memoráveis de verdades comumente sustentadas pelos crentes [da igreja primitiva]”.⁶⁶

Ainda conforme Menken Gill, “esta declaração cristã valida a aspiração que um crente possa ter de servir à igreja em uma posição de liderança ou supervisão”.⁶⁷ Timóteo deveria estar ciente disso, mas também precisava estar cômico da imperativa necessidade de submeter o aspirante a um rigoroso processo de observação a fim de certificar se estavam presentes ou não as qualificações exigidas para o ofício pretendido.

Em outras palavras, não basta querer liderar. É preciso estar apto mediante a apresentação de uma conduta moral irrepreensível, demonstrada por diversos aspectos da vida pessoal, familiar e pública, como se observa na lista contida do versículo 2 ao 7 do capítulo 3 (presbíteros) e do versículo 8 ao 13 (diáconos).

O Episcopado

É preciso fazer uma rápida referência e comparação entre as expressões singulares “episcopado” e “bispo”, contidas, respectivamente, nos versículos 1 e 2 de 1 Timóteo 3, e a expressão plural “presbíteros”, que aparece em 1 Timóteo 5.17. *A priori*, pode parecer que Paulo estivesse tratando aqui de uma espécie de “episcopado monárquico”, um bispo que seria responsável por uma “diocese”, formada por várias “paróquias”, onde estariam os

presbíteros. Esse é o sistema adotado pela Igreja Católica e igrejas cristãs históricas em diversos países, como é o caso das igrejas Luterana e Anglicana.

Ocorre que esse sistema não se sustenta diante de outros textos neotestamentários, como Atos 20.28 e Filipenses 1.1, que apresentam vários “bispos” numa mesma igreja local. A narrativa de Lucas é bastante clara: “De Mileto, mandou a Éfeso chamar os anciãos da igreja” (At 20.17). Observa-se, portanto, que não há guarida para o entendimento da existência da figura do bispo como figura única em uma igreja, superior a um conjunto de presbíteros, como acentua Lothar Coenen, comentando o texto de 1 Timóteo 3.1:

Nada há neste quadro para entrar em contradição com At 20:28 e Fp 1:1, que mostram vários “bispos” trabalhando numa igreja local única. A referência às qualidades exigidas para um “bispo” (sing.) em Tt 1:7 não oferece apoio algum para a teoria de um episcopado monárquico com um único bispo supervisionando todos os demais detentores de ofícios. Este sistema acabou triunfando nos séculos II e III, parcialmente por causa de indivíduos com dotes excepcionais, e parcialmente por causa da necessidade de uma organização mais rígida. Mesmo assim, o fato de que isto apresentava apenas *uma* das possíveis soluções se demonstra abundantemente nos movimentos contrários na história da igreja.⁶⁸

A Imperatividade dos Requisitos

A ênfase de Paulo no versículo 1 de 1 Timóteo 3 não está na aspiração ao episcopado, mas na obra que se deseja fazer: “excelente obra deseja”. Na verdade, não há adjetivação para o desejo, mas há para o ofício pretendido, chamado de “excelente”. Outras traduções vertem o original grego para “nobre”, como a NVI, por exemplo, que traduziu como “nobre função”. A Nova Versão Transformadora traz a expressão “tarefa honrosa”. A Bíblia Judaica Completa traduz como “tarefa nobre”.

Isso é relevante, porque o apóstolo está lançando um fundamento compatível com a apresentação das qualificações condizentes com essa “excelente obra”. Observe que, na sequência, Paulo abre o texto que está no versículo 2 com uma expressão grega que a versão ARC traz como “convém, pois”, mas que outras versões

captam melhor o sentido do original, traduzindo como “portanto, é preciso”,⁶⁹ “é necessário, portanto” (ARA) ou “é necessário, pois” (ECA). A nobreza ou excelência do ofício pastoral requer qualificações de elevada grandeza, daí o rol que segue a partir do versículo 2.

Maturidade, e não Amizade

O texto paulino mostra-nos o cuidado do apóstolo com a formação do episcopado, do colégio de líderes espirituais da igreja efésia. Decerto Paulo via o perigo de o seu jovem cooperador deixar-se seduzir pelo desejo de um rápido crescimento quantitativo, sacrificando a indispensável qualidade do tecido da teia de líderes que ele precisaria construir em Éfeso. Esse, aliás, é um grande risco que correm muitos pastores que lideram igrejas e ministérios.

Outro fator de influência que deve ser evitado para a escolha de obreiros é a amizade. Desenvolver uma boa amizade com todos os irmãos e, principalmente, com os cooperadores é salutar para todo pastor local, embora se saiba que nem sempre a vida de um líder espiritual torna-se compatível com o cultivo de muitos amigos. É mais comum conviver com a solidão, dado que a sua missão requer certas disciplinas que nem sempre permitem que o líder reúna muitas amizades. Ainda que faça grandes amigos entre os seus auxiliares mais próximos, o líder não pode deixar que esse tipo de vínculo influencie-o quando o assunto é o exercício do ministério eclesiástico.

O jovem pastor Timóteo também não deveria encantar-se com eventuais manifestações de disposição ao exercício da liderança, isto é, de expressões de desejo do episcopado, fazendo escolhas precipitadas. Paulo alertou-o expressamente na mesma carta: “A ninguém imponhas precipitadamente as mãos” (5.22). Timóteo também não deveria orientar-se pela manifestação de dons espirituais, já que se exige mais do que isso do presbítero: é necessário um caráter aprovado, ao nível da excelência da obra.

Carisma ou Caráter?

O Pentecostalismo Moderno é um extraordinário movimento de renovação espiritual ocorrido no início do século XX, marcado pelo retorno de abundante manifestação dos dons espirituais, os quais se escassearam durante a Idade Média e não retornaram como nos primórdios da Igreja, mesmo com o advento da Reforma Protestante, no século XVI. Há, contudo, sempre um risco de supervalorização dos dons espirituais, considerando-os o ápice da vida cristã. Quando alguém os manifesta através do seu ministério, consegue atrair multidões e ganha rápida aprovação. Todavia, é preciso entender que, para além dos dons, existem virtudes morais e espirituais que são indispensáveis, e são justamente elas que, de fato, revelam o verdadeiro caráter do cristão.

Depois de ensinar acerca da diversidade de dons espirituais e a sua importância para a igreja, Paulo escreveu aos coríntios: “Portanto, procurai com zelo os melhores dons; e eu vos mostrarei um caminho ainda mais excelente” (1 Co 12.31). Há, pois, um caminho “ainda mais excelente” do que os dons. Assim, no capítulo 13 de Coríntios, o apóstolo trata das virtudes espirituais, das quais a principal é o amor (1 Co 13.13). Sendo a maior das virtudes, o amor traz consigo outras virtudes e valores, inclusive morais, os quais têm perfeita correlação com as qualificações exigidas dos presbíteros em 1 Timóteo 3.2-7, como se verifica do texto de 1 Coríntios 13.4-7:

O amor é sofredor, é benigno; o amor não é invejoso; o amor não trata com leviandade, não se ensoberbece, não se porta com indecência, não busca os seus interesses, não se irrita, não suspeita mal; não folga com a injustiça, mas folga com a verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.

Tais virtudes, ancoradas no amor e fruto dele, são indispensáveis para que o bispo reúna as qualificações listadas por Paulo.

Outro texto que nos remete à reflexão a respeito do grande perigo da valorização do carisma (dons) em detrimento do caráter é Mateus 7.22,23:

Muitos me dirão naquele Dia: Senhor, Senhor, não profetizamos nós em teu nome? E, em teu nome, não expulsamos demônios? E, em teu nome, não

fizemos muitas maravilhas? E, então, lhes direi abertamente: Nunca vos conheci; apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade.

O Perigo do Relativismo Moral

Será que a rigorosa lista de qualificações morais apresentada por Paulo a Timóteo (e também a Tito) em relação aos pastores ainda deve ser observada em tempos modernos? A pergunta é apenas retórica e provocativa, pois cogitar a possibilidade de discutir a aplicação de um trecho sequer das Escrituras em nossos dias importaria em negar a sua inspiração e infalibilidade. Não podemos ser juízes da Palavra de Deus, que é eterna e imutável. Devemos ser os seus fiéis cumpridores (Tg 1.22), resistindo aos ventos do relativismo moral, movimento de rejeição e negação de valores e de verdades absolutas.

A tendência humana é afrouxar as regras, principalmente quando se trata de preceitos estabelecidos pela Palavra de Deus. O rebelde coração humano não aceita as ordens divinas, senão quando transformado pelo Espírito Santo e trabalhado constantemente por Ele no processo de santificação. O relativismo moral é fruto dessa tendência de recusar a vontade de Deus para a acomodação dos desejos humanos.

No cotidiano, o relativismo manifesta-se por meio de comportamentos e expressões simples, que nem parecem representar um desvio tão pecaminoso como é a rejeição da vontade de Deus. É muito comum que, diante de princípios e valores morais absolutos, surja a expressão “não é bem assim!”. Essa é uma reação muito comum para os relativistas quando se deparam com um texto como o de 1 Timóteo 3. E, quando alguém diz “não é bem assim!”, cria-se um vácuo imaginário, que pode ser preenchido com qualquer tipo de concepção ideológica. Nesse novo e multifacetado universo colorido, o homem torna-se o senhor do seu destino, fazendo as suas próprias escolhas, sem nenhum parâmetro absoluto.

Os ensinamentos de Paulo já eram bem desafiadores naquele tempo! Para nós são ainda mais, diante do grande afrouxamento de

normas, com muitas acomodações às fraquezas e desejos pecaminosos, próprios da natureza humana caída. O que o homem considera difícil cumprir, ele simplesmente altera ou rejeita. E Paulo já nos tinha avisado que esse tempo chegaria — tempo em que a sã doutrina seria rejeitada e que só seriam aceitos ensinamentos que atendessem aos próprios desejos dos ouvintes (2 Tm 4.3).

Se quisermos viver livres do relativismo, precisamos ficar cada vez mais apegados à Palavra de Deus, buscando graça para cumpri-la integralmente. Como enfatiza o pastor Elinaldo Renovato, “a Bíblia não admite o relativismo”. Ele escreve:

A Palavra de Deus, como “regra de fé e prática” do cristão, não admite posições relativas, no que concerne à moral ou ética. Nela, encontramos princípios, que são verdadeiros sinais, que balizam a conduta do crente, de modo que ele não se perca no pantanal perigoso da sociedade sem Deus.⁷⁰

O Perfil da Liderança

Timóteo era um “delegado apostólico”, um representante de Paulo enviado com uma missão específica: zelar pela pureza doutrinária, refutando o ensino dos falsos mestres, e organizar a vida eclesiástica. Isso incluía a ordenação de presbíteros e diáconos, os ofícios que compunham a estrutura ministerial nas igrejas locais do primeiro século (Fp 1.1). Enquanto num primeiro momento a obra era realizada por obreiros itinerantes, como Paulo, Timóteo, Tito, Epafrodito, Tíquico, Epafras e outros, o passo seguinte (e ainda concomitante) era o estabelecimento de ministérios locais.

Como vemos em 1 Timóteo 3.1-6, 2 Timóteo 2.2 e Tito 1.5, era tarefa específica desses “delegados apostólicos” organizar as igrejas com o estabelecimento de presbíteros, que eram os pastores locais. Desses bispos eram exigidas qualificações apuradas no seio da família, da igreja e da comunidade local, exatamente pelo caráter local definitivo do ministério que iriam exercer, diferentemente dos itinerantes.

Quanto a estes — os “delegados apostólicos” —, o que se observa é que as suas credenciais eram, eminentemente, as recomendações feitas por Paulo, que constantemente dava

testemunho do caráter e dedicação e da forma como o serviam no ministério. Uma das qualificações que diferem os obreiros locais dos “delegados apostólicos” e que certamente chama à atenção é que os primeiros precisavam ser casados (1 Tm 3.2; Tt 1.6). Quanto aos últimos, o caráter itinerante dos seus ministérios era claramente incompatível com a missão de liderar uma família. São chamados especiais para missões especiais. Não há nisso abono algum para o celibato instituído pela Igreja Católica.

A Lista de Qualificações

O que é preciso ser dito, em primeiro lugar, é que a lista de qualificações morais apresentada por Paulo a Timóteo não é exaustiva, mas cuida do que é essencial na vida do obreiro, do líder espiritual, do cuidador de almas. De imediato, é possível observar que a prioridade não está ligada à popularidade ou carisma, em qualquer sentido, nem mesmo no sentido bíblico, quanto aos dons espirituais, como já enfatizado.

Jamais se tratou de desprezar a exigência de que o pastor seja dotado de dons espirituais (1 Co 12.4-10). O batismo no Espírito Santo, como sabemos, é a experiência inicial no glorioso caminho dos dons (At 2.3,4,38,39). Acontece que o candidato ao presbiterato precisa já ter percorrido esse caminho e ingressado noutro “ainda mais excelente” (1 Co 12.31), no qual é imprescindível que seja evidenciado na sua vida o fruto do Espírito (Gl 5.22). Sem essas virtudes, ninguém consegue alcançar as qualificações exigidas em 1 Timóteo 3.2-7.

“Irrepreensível”

Essa qualificação é muita apropriada para abrir a lista, porque reforça a ideia de não ser taxativo. Nenhum aspecto fica de fora quando se busca verificar na vida do pastor a presença ou não de alguma culpa, ou de algo que possa ser objeto de acusação. Do grego *anepileptos*, o termo “significa literalmente ‘que não se pode atingi-lo’”.⁷¹ Percebe-se que não se trata de uma exigência superficial, mas absolutamente profunda, que nos leva a refletir

sobre o devido cuidado que é preciso ter no exame preliminar do aspirante ao episcopado. Como poderíamos dizer, o bispo precisa ser uma pessoa com a vida resolvida,.

J. Glenn Gould observa que são 15 as qualificações estipuladas por Paulo, sete das quais ocorrem no versículo 2 de 1 Timóteo 3, e destaca a importância de a qualificação “irrepreensível” ser a primeira delas:

O significado da palavra é “acima de repreensão”, “de reputação irrepreensível” [...], “de caráter impecável”, “que ninguém possa culpar de nada” (NTLH). Por qualquer método que avaliemos, esta é a virtude mais incisiva que aparece na lista. Significa que o líder na igreja de Cristo não pode ter defeito óbvio de caráter e deve ser pessoa de reputação imaculada. Dificilmente se esperaria que não tivesse defeito, mas que fosse sem culpa.⁷²

“Marido de uma Mulher”

Não pode ser atribuído ao acaso o fato de a expressão “marido de uma mulher” aparecer logo em seguida à qualificação “irrepreensível”. Naqueles tempos de tanta poligamia, totalmente tolerada pelo paganismo, era fundamental que essa regra fosse estritamente obedecida pelos bispos, como exemplo para os demais cristãos. Hoje esse requisito deve ser observado da mesma forma. O desafio que se impõe ao bispo é manter-se casado a despeito de qualquer tipo de tentação ou provação. O divórcio só é admitido nas hipóteses bíblicas de exceção: infidelidade conjugal (Mt 19.9) ou abandono pelo cônjuge incrédulo (1 Co 7.15).

O casamento, como disse Martinho Lutero, é uma das formas mais eficazes de santificação. Geralmente se afirma que o reformador teria dito que um ano de casamento havia-o santificado mais do que dez anos de monastério. Assim, é conveniente que o aspirante ao episcopado demonstre o valor que dá ao casamento e a sua disposição em permanecer casado. Quando lemos “marido de uma mulher”, podemos compreender que isso significa ver no aspirante e na sua esposa uma clara existência de estabilidade conjugal.

Uma vida familiar instável produz um ambiente altamente perturbador para o líder, tornando muito difícil e ainda mais desafiador o exercício da liderança espiritual. Travar combates dentro de casa mina as forças do pastor, justamente no lugar onde ele deveria ser realimentando física, moral, psicológica e espiritualmente para estar bem-disposto para o ofício ministerial.

Sobriedade e Correção Moral

A lista de qualificações prossegue com a apresentação de requisitos que apontam para a necessidade de muita sobriedade na vida do pastor, além de uma conduta moral ilibada. O líder espiritual precisa ser prudente, equilibrado, justo nos negócios e acolhedor. Isso é retratado pelas expressões “vigilante, sóbrio, honesto [e] hospitaleiro”.

Conforme Charles Swindoll,

O termo equilibrado traduz uma palavra grega que descreve um estado mental sóbrio ou não intoxicado. Um homem “sóbrio” ou “equilibrado” permanece no total controle de suas faculdades mentais, não dando abrigo a nenhum tipo de influência que poderia fazê-lo se comportar mal. Ele não permite que nada nuble seu pensamento, mantendo tudo equilibrado e dentro dos limites, evitando excessos, mesmo nas coisas boas, como trabalho, medicação, alimento ou sexo. Ele também permanece livre da dependência de elementos destrutivos, como drogas ilícitas, álcool ou pornografia.⁷³

A completa abstinência de bebidas alcoólicas é esperada de todo cristão e mais ainda do pastor devido aos terríveis perigos do vinho e dos demais embriagantes (Pv 20;1; 23.29-35; Is 5.11; Ef 5.18). Muitas tragédias têm sido experimentadas por quem não leva a sério essa recomendação bíblica.

“Apto para Ensinar”

O pastor precisa ser dedicado ao estudo e ensino das Escrituras à igreja. Não deve negligenciar a transmissão da doutrina, transferindo a responsabilidade a terceiros ou ocupando o tempo do culto com qualquer outra atividade, ainda que espiritual. O momento

do ensino da Palavra é literalmente sagrado (1 Tm 4.6,11-16). O apego do pastor a essa nobre tarefa é enfatizado por Hans Bürki a fim de que seja capaz de “discernir entre o que é importante e o que leva a descaminhos, entre doutrina verdadeira e falsa, saudável e doentia e [...] ensinar e transmitir corretamente o que é apropriado em cada caso”.⁷⁴

A aptidão do pastor para ensinar não é somente o preparo bíblico e teológico. Também tem a ver com aptidões decorrentes do seu testemunho pessoal evidenciados por um comportamento sóbrio e por uma conduta moral isenta de reprovação tanto dentro quanto fora de casa (3.7). Por isso, o pastor deve ter um temperamento controlado, não sendo dado a nenhum tipo de violência, seja esta física, seja verbal (“não espancador”), e não deve ser amante do dinheiro (“não cobiçoso de torpe ganância”) — aproveitando o ensejo, precisamos ser altamente vigilantes diante de qualquer tentação de vantagem ilícita ou ganho fácil, incluindo os jogos de azar.

Moderação e Maturidade

O pastor precisa ser comedido e prudente (“moderado”). Não dever agir “do nada”, por ímpeto. Deve fugir de contendas (“não contencioso”) e cultivar um espírito pacificador. Outro grande desafio para o aspirante ao ministério eclesiástico é o governo da sua própria casa. O homem precisa ser o sacerdote do lar, liderando com sabedoria, com o apoio de uma esposa que seja a sua ajudadora em tudo, especialmente na imprescindível tarefa de criar os filhos “em sujeição e toda a modéstia” (3.4).

Ter filhos obedientes, educados e que temam ao Senhor Deus é um grande desafio para o bispo, sendo algo fundamental para que se possa ter êxito no seu ministério pastoral: “porque, se alguém não sabe governar a sua própria casa, terá cuidado da igreja de Deus?” (3.5).

Conforme Bürki,

Assim como o relacionamento conjugal reflete a relação entre Cristo e a igreja, assim a associação familiar em uma grande casa é réplica e a célula

originária da família de Deus, do qual toda a paternidade no céu e na terra recebe o nome. [...]

Como um pai governa os filhos e a todos na própria casa, assim o presidente [pastor dirigente] deve conduzir a igreja de Deus, executando seu ministério com entusiasmo, i. é, bem. Ao contrário do mundo grego, os cristãos não mandavam educar os filhos por meio de escravos pedagogos, mas assumiam pessoalmente essa tarefa. Na obediência autêntica (que é o contrário de coação, porque obediência autêntica é voluntária) e na decorrente autonomia disciplinada dos filhos adolescentes seria possível reconhecer a dignidade do pai amável.⁷⁵

Não Neófito

Paulo conclui a lista de qualificações do pastor incluindo a recomendação de que “não [seja] neófito, para que, ensoberbecendo-se, não caia na condenação do diabo” e que tenha “bom testemunho dos que estão de fora” (3.6,7).

Novamente citando Bürki:

Visto que tantas coisas dependem da pré-figuração e do procedimento do presidente de uma igreja, seu fracasso pode ser fatal não apenas para ele, mas para muitos. Por isso ele não deve ser um recém-convertido. Afinal, um novato ainda não teve oportunidade de comprovar a fé no cotidiano.

No presente texto não se trata da questão da idade (ao contrário de 1Tm 5.1,9,17,19). O próprio Timóteo era “jovem” na idade, jovem demais para seus críticos. Contudo Paulo lhe atesta que ele está comprovado na fé e no amor que se desprende de si mesmo, que vê as necessidades dos outros e os assiste. A validade da autoridade de Timóteo estava somente na aprovação e no exemplo, não na idade ou na apresentação imponente, muito menos em um título oficial concedido.

Quem alcança influência como recém-convertido facilmente se embriaga com o poder que parece possuir; deixando de ser sóbrio, perdendo o discernimento para diferenças e distinções.⁷⁶

Concluimos, portanto, que o pastor deve ser maduro espiritualmente e viver em harmonia com todos: em casa, na igreja e na sociedade.

⁶⁴ QUEIROZ, Silas. **Maturidade Espiritual do Líder**. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2021, p. 19.

⁶⁵ Os termos “bispo”, “ancião” e “presbítero” são empregados de forma equivalente no Novo Testamento. Trata-se do mesmo ofício. Do grego *episkopos*, significa supervisor, “literalmente, ‘inspetor’ (formado de *epi*, ‘por cima de’, e *skopeo*, ‘olhar ou vigiar’)” (Dicionário Bíblico VINE). É a figura do pastor da igreja local.

⁶⁶ In: **Comentário Bíblico Pentecostal. Novo Testamento. Volume 2. Romanos – Apocalipse**.4.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2009, p. 650.

⁶⁷ Idem.

⁶⁸ COENEN, Lothar & BROWN, Colin. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**.2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 223.

⁶⁹ GOMES, Paulo Sérgio & OLIVETTI, Odayr. **Novo Testamento Interlinear Analítico. Texto Majoritário com Aparato Crítico**.1.ed. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2008, p. 782.

⁷⁰ RENOVATO, Elinaldo. **Perigos da Pós-Modernidade**.1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007, p. 142.

⁷¹ **Bíblia de Estudo Pentecostal**, p. 1866.

⁷² In: **Comentário Bíblico Beacon. Vol. 9. Gálatas a Filemom**. 6ª impressão. Rio de Janeiro: CPAD, 2020, p. 469.

⁷³ SWINDOLL, Charles R. **Comentário Bíblico Swindoll. 1 & Timóteo e Tito**.1.ed. São Paulo: Hagnos, 2018, p. 67.

⁷⁴ BOOR, Werner de & BÜRKL, Hans. **Carta aos Tessalonicenses, Timóteo, Tito e Filemom. Comentário Esperança**.1.ed. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2007, p. 211.

⁷⁵ *Op.cit.*,p. 213.

⁷⁶ Idem, p. 214.

Capítulo 6

QUALIDADES PESSOAIS E ESSENCIAIS PARA OS DIÁCONOS

(1 Tm 3.8-13)

No capítulo anterior, tratamos das qualificações dos bispos (ou presbíteros), os pastores das igrejas locais. Neste capítulo, trataremos das qualidades pessoais e essenciais dos seus auxiliares diretos, os diáconos. No modelo primitivo, os bispos eram os dirigentes das igrejas, a quem cabia a missão basilar de ensinar o rebanho. Ao lado deles, estavam os diáconos, responsáveis por tarefas de apoio, geralmente questões temporais, como, por exemplo, a assistência aos necessitados. A instituição dos diáconos deu-se exatamente no contexto de uma necessidade imprevisível vivida pela igreja de Jerusalém, conforme a narrativa de Lucas em Atos 6.1-6.

Observa-se que a escolha dos auxiliares dos apóstolos, que eram os pastores da igreja em Jerusalém, não se deu aleatoriamente, ou apenas por um desejo de criar cargos para prestigiar alguns líderes dentre o povo. Como já dito, a instituição dos diáconos foi em resposta a uma necessidade que se apresentou de maneira inesperada. Um efeito colateral da grande bênção que era o crescimento da igreja.

William Hendriksen resume:

À luz de Atos 6 aprendemos que os diáconos foram eleitos porque os presbíteros não tinham tempo e energia para tomar sobre si o encargo dos pobres e necessitados, além da realização de sua outra obra: governar a igreja, pregar a Palavra, administrar os sacramentos, guiar a congregação na oração, etc. Consequentemente os diáconos foram eleitos para “servir às

mesas”. Sua tarefa específica é recolher as ofertas que o povo de Deus traz como sinal de gratidão ao Senhor, distribuir esses donativos no espírito adequado a todos os que estão necessitados, para prevenir a pobreza onde quer que seja possível fazê-lo, e por meio de suas orações e palavras baseadas nas Escrituras consolar e animar os angustiados.⁷⁷

O Contexto Social Primitivo

O número dos discípulos cresceu rapidamente em Jerusalém. Somente no dia de Pentecostes, quase três mil almas foram agregadas à igreja (At 2.41). Atos 4.4 fala em quase cinco mil convertidos, número que, se somado aos primeiros três mil, já se eleva para aproximadamente oito mil crentes. Dentre eles, estavam muitos judeus helenistas, isto é, judeus de fala grega. Isso fez reproduzir no seio da comunidade cristã uma divergência que já existia no mundo judaico. Era certo divisionismo entre judeus nativos — que falavam o aramaico, língua corrente em Israel na época — e judeus não nativos, que se helenizaram e falavam a língua grega.

French L. Arrington explica:

Nesta época, a comunidade cristã consiste em dois grupos: os judeus gregos (*hellenistai*, “crentes de fala grega”) e os judeus hebreus (*hebraioi*, crentes de fala aramaica”). Os judeus gregos de Atos 6 são crentes que foram fortemente influenciados pela cultura grega, provavelmente enquanto viviam fora da Palestina, ao passo que os judeus hebreus são cristãos que sempre viveram na terra nativa da Palestina.⁷⁸

Craig S. Keener assente com essa afirmação de que esses judeus de fala grega fossem oriundos da Diáspora⁷⁹ e acrescenta um dado relevante para a compreensão acerca do grande número de viúvas gregas em Jerusalém:

[...] como era considerado honroso ser sepultado na terra de Israel, muitos judeus estrangeiros vinham passar os últimos dias ali, depois morriam e deixavam um número desproporcional de viúvas na região.

[...]

Portanto, o número de viúvas estrangeiras era enorme em Jerusalém, cidade que não contava com a quantidade suficiente de sinagogas estrangeiras (6.9) para que os doadores de caridade suprissem todas as

viúvas de forma adequada. Esse problema social urbano de Jerusalém passou a ser um problema também na igreja.⁸⁰

De acordo com Lawrence O. Richards, escritos rabínicos indicam que a igreja de Jerusalém adotou o sistema judeu de ajuda aos pobres, que envolvia a “tigela dos pobres” e a “cesta dos pobres”.⁸¹ A primeira, uma distribuição diária de comida fornecida aos necessitados. A segunda, uma distribuição semanal de comida e roupas para as famílias pobres.

Lucas descreve que estava havendo um desprezo às viúvas gregas. Os apóstolos precisaram agir para resolver esse problema interno (At 6.1). A solução encontrada foi instituir “sete varões”, dentre os próprios gregos, como assistentes ou auxiliares, para servirem às mesas, enquanto os dirigentes espirituais (os apóstolos) cumpriam integralmente o ofício que lhes cabia e era essencial para a vida da igreja: perseverar na oração e no ministério da palavra (6.4).

Apesar de o texto de Atos 6.1-6 não trazer o termo “diácono”, é praticamente um consenso entre os estudiosos do Novo Testamento que ali se deu o estabelecimento do ministério diaconal; mesmo porque o termo grego *diakonia* (serviço ou atendimento) está presente no versículo 1, enquanto o verbo *diakoneo* (servir) aparece no versículo 2. Em ambos os casos, a referência está ligada a *servir às mesas*.

No versículo 4, o termo *diakonia* (serviço) volta a aparecer — agora, contudo, na expressão “ministério da palavra”. Assim, são dois ministérios ou serviços distintos: o principal, de servir a palavra; e o auxiliar, de servir às mesas. Um duplo ministério estava estabelecido, realidade que seria reproduzida nas demais igrejas do Novo Testamento.

Tudo se resume em: tanto o presbítero quanto o diácono são servos (*diakonos*), no sentido comum do termo. O primeiro serve a palavra, e o segundo, às mesas. Em outros trechos do Novo Testamento, o vocábulo grego *diakonia* vai aparecer com o sentido amplo, de serviço, sem referência ao ofício de diácono. Em ambos os casos, conserva-se a mesma raiz grega, como explica Arrington:

Lucas não usa a palavra “diácono” (*diakonos*) para descrever os sete homens, mas as palavras para “servir” e “diácono” derivam da mesma raiz grega. “Diáconos” são mencionados em Filipenses 1.1 e 1 Timóteo 3.8-13. Assim, é apropriado usar este título para os sete homens, sobretudo à luz do trabalho feito pelos diáconos em tempos mais recentes (que incluía a manipulação de finanças, o cuidado dos necessitados e outros assuntos ministeriais práticos).⁸²

Para Craig S. Keener, a figura do “diácono” escolhida pela igreja de Jerusalém era “possivelmente semelhante ao ofício do *chazan* na sinagoga”, o qual “era responsável pelo prédio da sinagoga”, papel análogo a ser exercido “pelo dono da casa em que a sinagoga ou a igreja doméstica se reunia”.⁸³

O Diácono e o Pastor Local

O exemplo de Jerusalém, presente em outras igrejas do Novo Testamento, estabelece um princípio geral em relação aos diáconos, que é o fato de não terem a missão de ensinar, mas auxiliar os líderes espirituais que dirigem as igrejas. Os pastores têm a incumbência basilar de ensinar. Para isso, precisam dedicar um tempo específico, inclusive para a oração, prática pessoal indispensável para que tenham graça e ousadia para pregar (At 3.1; 4.31; Ef 6.18,19; Cl 4.3). Os diáconos cuidam de questões também importantes, porém secundárias, ligadas à assistência material e ao que mais for necessário na igreja (templo e comunidade), diferentemente do ensino normativo. Isso não significa que também não precisam orar, pois essa é uma disciplina espiritual imprescindível para todo cristão. Na verdade, um dos qualificativos dos sete era exatamente serem “cheios do Espírito Santo” (At 6.3), o que denota que eram homens que se dedicavam à oração.

Do estudo de Atos 6.1-6 e 1 Timóteo 3.1-13, podemos então concluir que o ofício diaconal existe para contribuir diretamente para que o pastor local possa dedicar-se à sua atividade essencial, que é o ensino da Palavra de Deus. Essa é a regra. Isso não quer dizer, contudo, que as circunstâncias vividas pela igreja não possam levar o diácono a atuar em outras frentes, como na pregação do

evangelho, desde que isso seja feito na direção do Espírito Santo, como aconteceu com Estêvão e Filipe (At 6.8; 8.5).

De igual forma, é bastante salutar entender que a própria função típica do diácono pode encontrar variações segundo a realidade da igreja local. Numa igreja onde não existem problemas sociais, por exemplo, não haverá a necessidade de distribuição de alimento a órfãos, viúvas ou quaisquer necessitados, mas pode haver, por exemplo, a assistência a enfermos ou a vítimas de calamidades decorrentes de casos fortuitos ou de força maior, como enchentes, tempestades ou terremotos.

Em nossos dias, os diáconos dedicam-se a servir ao pastor e à igreja local durante os cultos. Geralmente se espera que eles sejam os primeiros a chegar e os últimos a sair do templo. Desde a abertura ao fechamento do local de culto, esses importantes auxiliares estão presentes prestando auxílio ao ofício pastoral. São eles que recebem aos irmãos e aos visitantes, colhem os dízimos e ofertas, distribuem os elementos da Ceia do Senhor (inclusive os levando aos enfermos nas suas respectivas casas), apoiam as crianças no pátio do templo, etc. É tarefa deles observar se tudo está funcionando bem na casa de oração, inclusive na parte estrutural e física. Diáconos são, de fato, auxiliares imprescindíveis para todo pastor.

Bispos e Diáconos

O exemplo da igreja dos filipenses é o mais eloquente quanto à composição dos ministérios locais nos tempos primitivos. Paulo escreveu “a todos os santos em Cristo Jesus que [estavam] em Filipos, com os bispos e diáconos” (Fp 1.1). No texto de 1 Timóteo 3.1-13, Paulo recomenda a Timóteo a organização da igreja em Éfeso com a ordenação de bispos e diáconos. Do versículo 1 ao 7, fala-se dos bispos ou presbíteros. Do versículo 8 em diante, passa a referir-se aos diáconos, numa clara continuidade.

Em outros textos paulinos, há indicativos indiretos de pleno reconhecimento da figura dos bispos e diáconos em outras igrejas, como em Tessalônica. Citando 1 Tessalonicenses 5.2 e 1 Coríntios

12.28, John Kelly entende que “não pode ser negado” que “sempre havia oficiais de um tipo mais prático e funcional” nas igrejas fundadas por Paulo.⁸⁴ De fato, de 1 Tessalonicenses 5.12 pode ser destacada a expressão “os que trabalham entre vós” da referência feita aos “que presidem sobre vós”. Os primeiros, que estariam “entre” o povo, seriam os diáconos. Os segundos seriam os presbíteros, presidindo “sobre” o povo. É, naturalmente, uma inferência que se faz do texto reconhecendo-se a ausência de menção específica aos ofícios, seja de diácono, seja de presbítero.

Essa distinção que aponta para a liderança do presbítero também pode ser vista no outro texto citado por Kelly (1 Co 12.18), que menciona os serviços de “socorros” e “governos”, o que também sugere a presença dos dois ministérios distintos de diáconos e bispos, o que aparece de forma absolutamente expressa em Filipenses 1.1. A combinação entre esses ministérios também aparece de forma clara em 1 Timóteo 3, especialmente porque a seção que trata dos diáconos é aberta com a expressão “da mesma sorte os diáconos”, numa evidente continuação do tema iniciado no início do capítulo, a ordenação dos presbíteros.

Ao longo da História da Igreja, tem havido variações na composição dos ministérios locais, muito provavelmente pelo fato de que o Novo Testamento não apresenta uma estrutura rígida para a organização eclesial. Atualmente, algumas igrejas conservam como modelo ministerial a eleição de presbíteros e diáconos. No Pentecostalismo Clássico, a Assembleia de Deus usa uma forma que apresenta o diaconato como ministério inicial, de apoio, e o presbitério como intermediário, voltado à Palavra, desmembrando-se, depois, em evangelistas e pastores. Desse modo, podemos entender que a ordenação ao presbitério funciona como uma transição para uma possível futura ordenação ao ofício de evangelista — isso se verificado o dom de pregar —, ou então de pastor — caso seja evidenciado o dom de cuidar das ovelhas, com ênfase na aptidão de ensinar. Assim fica a composição pela ordem: diáconos, presbíteros, evangelistas e pastores.

As Qualificações dos Diáconos

A diferença determinante entre as qualificações dos presbíteros e dos diáconos é a aptidão para ensinar, que somente é exigida dos primeiros (1 Tm 3.2).⁸⁵ Isso reforça o que já foi dito: o pastor é o responsável por dirigir e ensinar a igreja, contando com o auxílio direto do diácono, a quem é dada a tarefa de atuar na esfera administrativa, como nos assuntos do templo, na arrecadação das finanças e donativos e na assistência aos necessitados.

No mais, vemos que se espera do diácono qualificações morais e espirituais altamente relevantes, conforme já haviam estabelecido os apóstolos em Jerusalém: “[...] boa reputação, cheios do Espírito Santo e de sabedoria” (At 6.3). O fato de os diáconos lidarem mais com questões materiais não os isenta de possuírem um caráter cristão aprovado. Pelo contrário! A primeira qualificação da lista apresentada por Paulo é exatamente a honestidade (1 Tm 3.8).

Ao começar a seção relativa aos diáconos com a expressão “da mesma sorte” — do grego *hosautos*, que também pode ser traduzido como “semelhantermente” (ARA), “igualmente” (NVI), “do mesmo modo” (NAA), ou “da mesma sorte” (ECA) —, Paulo já indica que o padrão que se espera deles é semelhante ao dos presbíteros.

Honestidade e Sinceridade

A honestidade refere-se ao estrito cumprimento das suas responsabilidades e deveres em todos os âmbitos. Não deve ser admitido ao diaconato quem tenha negócios mal resolvidos; situações que impeçam que seja considerado “digno de respeito” (*Texto Majoritário*),⁸⁶ ou “respeitável” (ARA). É preciso, portanto, que a sua reputação seja analisada, como, aliás, já constava na lista apresentada pelos apóstolos quando da eleição dos Sete: “Escolhei, pois, irmãos, dentre vós, sete varões de boa reputação [...]” (At 6.3).

Reputação é o que as pessoas dizem a nosso respeito. Segundo o *Dicionário Aurélio*, é o “conceito em que alguém é tido”. O modelo de Atos 6 mostra-nos que era fundamental a aprovação pública do candidato ao diaconato, que precisaria desfrutar de um bom

conceito dentro da sua comunidade “para não perder a credibilidade pública”, como analisa Craig S. Keener, que também afirma:

O perigo das acusações falsas, sempre presente, exigia que os líderes fizessem todo o possível para evitar escândalos. Uma reputação sólida era útil aos líderes da igreja, assim como o era para os oficiais públicos.⁸⁷

O diácono precisa ser um homem de palavra (“não de língua dobre”). Alguém em quem se pode confiar no que diz. É inapropriado a qualquer pessoa falar sem contenção, mais ainda a um homem, especialmente se aspirante a um cargo de liderança espiritual.

Do grego *dilogos*, a expressão “língua dobre” é anotada por Hans Bürki com o significado de “bi-verbal”.⁸⁸ Segundo VINE, em 1 Timóteo 3.8, o termo tem o sentido de “dizer algo a alguém e dar a outrem uma visão diferente do que foi, enganador, falso”.⁸⁹ Apropriadamente, a Almeida Revista e Atualizada verte o termo grego para “de uma só palavra”, enquanto a NVI traduz como “homens de palavra”. A tradução espanhola Reina Valera traz como “no bilingües”, o que nos dá o sentido de “não de duas línguas” ou “não ambíguos”. Já a Edição Contemporânea de Almeida traduz como “sincero”, assim como faz a versão inglesa da King James. Em suma, como diz Gordon Fee, os diáconos devem ser “dignos de total confiança no que dizem”.⁹⁰

Não Dado ao Vinho

A expressão “não dado a muito vinho” costuma suscitar muita discussão.⁹¹ O emprego do advérbio de intensidade “muito” é invocado por alguns intérpretes como uma concordância de Paulo com o uso moderado de bebida alcoólica. Isso, contudo, destoa do conselho do próprio apóstolo quanto à abstinência do vinho (Ef 5.18; 1 Co 6.10). Por isso, considera-se que ele referia-se a um vinho não fermentado (não embriagante) e, ainda assim, recomendando moderação, em função das práticas pagãs da época, que consistiam em glotonaria.

Donald Stamps considera que “É moralmente inconcebível que o apóstolo estivesse aprovando o uso moderado de todos os tipos de vinho existentes nos dias dele. Muitos vinhos eram compostos e perigosos (cf. Pv 23.29-35).⁹² Nossa conduta prudente sempre é de abster-se de toda aparência do mal (1 Ts 5.22).

Vale a pena renunciar as coisas que, mesmo sendo consideradas lícitas, não forem convenientes, como fazia Paulo, para não se deixar dominar por nenhuma delas (1 Co 6.12). Não são poucos os exemplos de pessoas que “brincaram” com o vinho e tornaram-se as suas presas. Provérbios 23.30-35 ensina-nos a não demorar perto do vinho; sequer olhar para ele, porque certamente nos *morderá como a cobra*.

Matthew Henry assinala que o uso do vinho “gera um descrédito muito grande para qualquer homem, especialmente para um cristão, ainda mais quando ocupa um ministério. Essa pessoa acaba desqualificando-se para o serviço e abre a porta para muitas tentações”.⁹³

Dinheiro e Família

Assim como os presbíteros, os diáconos deveriam ser vigilantes em matéria de dinheiro, afastando-se da cobiça. Contentamento e moderação são fundamentais para livrar-nos de toda ambição ou desejo imoderado por bens ou riquezas. Paulo enfatiza isso nos versículos 9 a 12 do capítulo 6 de 1 Timóteo, especialmente no versículo 10: “[...] o amor do dinheiro é a raiz de toda espécie de males[...]”.

Outra recomendação semelhante à dos presbíteros diz respeito à vida conjugal e à liderança da família. A expressão “maridos de uma mulher” não é apenas uma reprovação à poligamia, mas também ao divórcio e ao novo casamento fora das hipóteses bíblicas de exceção, quando esgotadas todas as possibilidades de reconciliação (Mt 19.9; 1 Co 7.15).

No versículo 11, o apóstolo faz uma referência direta às mulheres: “Da mesma sorte as mulheres sejam honestas, não maldizentes, sóbrias e fiéis em tudo” (3.11). Isso tem levado alguns eruditos a

considerar que o apóstolo estava tratando de três ofícios distintos na igreja: bispos, diáconos e diaconisas; todavia, os contextos mediatos e imediatos não convergem para essa interpretação.

As mulheres sempre exerceram um papel de alta relevância no serviço cristão, sendo sempre reconhecidas, principalmente pelo apóstolo Paulo, como na referência que faz a uma distinta mulher de nome Febe, que “[servia] na igreja que [estava] em Cencréia” (Rm 16.1). Alguns intérpretes acreditam que se tratava de uma diaconisa. É sabido, contudo, que a referência à *diakonia* é muitas vezes feita no Novo Testamento em relação à função de servir, e não ao ofício de diácono, como um cargo da estrutura ministerial.

Paulo usa a palavra *diakonos* para referir-se ao seu próprio ministério e aos dos seus cooperadores (1 Co 3.5; 2 Co 3.6; Cl 1.23; 4.7). No mesmo sentido, é feita a referência a Febe, razão que a estrutura do texto não é suficiente para afirmar que se tratava de uma mulher ordenada ao ministério diaconal. Isso naturalmente não impede em reconhecer e saber que as mulheres desempenham extraordinário serviço como auxiliares na obra de Deus, o que inclui a assistência às pessoas enfermas e necessitadas, tarefa mais afeta aos diáconos em relação aos presbíteros.

Além da interpretação de que a referência às mulheres em 1 Timóteo 3.11 seria às diaconisas, há outras duas linhas de entendimento: uma que considera que Paulo referia-se às mulheres em geral, e outra que ele dirigia-se às esposas dos diáconos. Essa é a posição mais aceita, em função de que a palavra grega presente no texto (*gynaikas*) pode ser interpretada tanto como “mulheres” quanto como “esposas”. Paulo estava, portanto, recomendando que as esposas dos diáconos tivessem um viver honesto; não fossem maldizentes, mas, sim, equilibradas e fiéis em tudo.

Contentamento, Moderação e Honra

Assim como os presbíteros, os diáconos deveriam ser vigilantes em matéria de dinheiro, afastando-se da cobiça. Contentamento e moderação são fundamentais para livrar-nos de toda ambição ou desejo imoderado por bens ou riquezas. Paulo enfatiza isso nos

versículos 9 a 12 do capítulo 6 de 1 Timóteo, especialmente no versículo 10: “[...] o amor do dinheiro é a raiz de toda espécie de males[...]”.

Paulo inclui aos diáconos a recomendação de que guardem “o mistério da fé em uma pura consciência”. Isso significa que eles devem estar convictos da sua salvação em Cristo e não terem nenhuma culpa que possa abalar-lhes a fé. Somente homens que tenham todas essas qualificações e forem “primeiro provados” e atestados como “irrepreensíveis” poderão ser ordenados ao importante ministério diaconal.

Paulo conclui as suas instruções aos diáconos enfatizando que os que servirem bem serão dignos de respeito e honra perante a igreja e serão fortalecidos em convicção espiritual. Além de recompensa no Céu, quem se dispõe a servir recebe de Deus uma profunda alegria interior, que não pode ser sufocada nem mesmo diante das perseguições da vida (At 5.41). Que Deus nos conceda sempre a graça de servir.

⁷⁷ HENDRIKSEN, William. **Comentário do Novo Testamento. 1 e 2 Timóteo e Tito**.2.ed. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2011, p. 165.

⁷⁸ ARRINGTON, French L. & STRONSTAD, Roger. **Comentário Bíblico Pentecostal. Novo Testamento. Volume 1. Mateus – Atos**.4.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2009, p. 657.

⁷⁹ Diáspora ou dispersão. No Antigo Testamento, o povo de Israel foi espalhado por diversas outras terras em decorrência do cativeiro assírio, o que ocorreu principalmente em 722 a.C. com a queda de Samaria (2 Rs 17.18-23). Mais tarde, Judá seria levada para a Babilônia. Parte dos judeus foi para o Egito. Com a ascensão do Império Grego (século IV a.C.), os judeus, assim como todo o mundo da época, foram influenciados pela cultura grega, incluindo a língua grega. Foram descendentes desses judeus que haviam retornado a Israel e ali estavam nos dias da Igreja Primitiva.

⁸⁰ KEENER, Craig S. **Comentário Histórico-Cultural da Bíblia. Novo Testamento**.1.ed. São Paulo: Vida Nova, 2017, p. 397.

⁸¹ RICHARDS, Lawrence O. **Comentário Histórico-Cultural do Novo Testamento**.1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007, p. 262.

⁸² *Op.cit.*,p. 657.

⁸³ *Op.cit.*,p. 723.

⁸⁴ KELLY, John N. D. **I e II Timóteo e Tito. Introdução e Comentário**. 1.ed. São Paulo: Vida Nova, 1983, p. 22.

⁸⁵ Essa referência deve ser considerada como a tarefa de transmitir ensino normativo e diretivo à igreja, cabível ao presbítero, não dispensando o diácono de também ensinar mediante a sua vida, que “também deveria ser um modelo do discipulado cristão” (cf. **Comentário de Aplicação Pessoal**. Vol. 2. Rio de Janeiro: CPAD, 2021, p. 496).

⁸⁶ “O *Texto Majoritário* [uma versão bem mais atual e acurada do *Textus Receptus*] representa a grande maioria dos manuscritos empregados ao longo dos séculos pela igreja cristã. As variantes escolhidas para compor o texto de Zane Hodges e Arthur Farstad, publicado pela editora Thomas Nelson e empregado no *Novo Testamento Interlinear Analítico Grego-Português*, são as que aparecem com maior frequência nos vários tipos de manuscritos gregos, citações e versões antigas”. (Extraído do prefácio da obra **Novo Testamento Interlinear Analítico. Texto Majoritário com Aparato Crítico. Grego-Português**. 1.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2008, p. v).

⁸⁷ *Op.cit.*, p.397, 722.

⁸⁸ BOOR, Werner de & BÜRKL, Hans. **Carta aos Tessalonicenses, Timóteo, Tito e Filemom**. 1.ed. Curitiba, Editora Evangélica Esperança, 2007, p. 217.

⁸⁹ VINE, W. E. *et al.* **Dicionário VINE**. 2.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2003, p. 754.

⁹⁰ FEE, Gordon D. **Novo Comentário Bíblico Contemporâneo. 1 & 2 Timóteo, Tito**. 1.ed. Flórida, EUA: Editora Vida, 1998, p. 97.

⁹¹ Recordo que, talvez para evitar qualquer discussão entre os seus ouvintes, sempre que lia esse texto aos obreiros da Assembleia de Deus de Ji-Paraná–RO, o pastor Severo Antônio de Araújo (1932–2012) costumava fazer um adendo: “Não dado a muito vinho — e nem a pouco”.

⁹² In: **Bíblia de Estudo Pentecostal**, p. 1869.

⁹³ HENRY, Matthew. **Comentário Bíblico Novo Testamento. Atos a Apocalipse**. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008, p. 691.

Capítulo 7

INSTRUÇÕES SOBRE O COMPORTAMENTO NA IGREJA

(1 Tm 3.14-16)

Recordemos que Paulo escreveu a sua Primeira Carta a Timóteo enquanto fazia a sua quarta e última viagem missionária após ser solto da prisão domiciliar em Roma. Como já observamos, o apóstolo visitou Creta (onde deixou Tito — Tt 1.5) e algumas cidades da Ásia Menor, como Mileto (2 Tm 4.20) e, possivelmente, a própria Éfeso. De Mileto, seguiu para Trôade, rumo à Macedônia (Filipos, Tessalônica e Bereia), região de onde escreveu a primeira carta a Timóteo (1 Tm 1.3).

No versículo 14 do capítulo 3 de 1 Timóteo, o apóstolo expressa a sua intenção de rever a Timóteo: “Escrevo-te estas coisas, esperando ir ver-te bem depressa” (1 Tm 3.14). No versículo 13 do capítulo 4, Paulo também expressa o seu desejo de encontrar-se novamente com Timóteo, mas não há nenhuma evidência de que tenha havido o seu retorno à Ásia Menor. Escrevendo a Tito algum tempo depois, o apóstolo informa que pretendia passar o inverno em Nicópolis (Tt 3.12), na costa ocidental da Grécia, ainda mais distante de Éfeso. O mais provável é que, saindo da Ásia Menor pela cidade de Troade (2 Tm 4.13), Paulo tenha visitado a Macedônia, descido a Corinto, na Acaia, e de lá seguido para Nicópolis, onde provavelmente foi preso, levado a Roma e executado por ordem do imperador Nero.

Assim como qualquer um de nós, Paulo também fazia planejamentos, mas sempre buscava e submetia-se à vontade de

Deus, a quem ele havia entregado a sua vida. Isso lhe custou muitos sofrimentos e o próprio martírio (At 9.6,15,16; 20.22-24). Acima de nossos projetos está a vontade de Deus, que é sempre melhor, ainda que não entendamos assim no momento (Sl 18.30-34; 1 Jo 2.17).

Paulo em Éfeso?

Apesar de parecer bastante óbvio que a ideia de Paulo era retornar a Éfeso, alguns eruditos consideram que o máximo que o apóstolo faria seria ir até alguma cidade próxima, já que, quando esteve com os presbíteros da igreja efésia em Mileto, a caminho de Jerusalém, disse que eles não mais veriam o seu rosto (At 20.25). J. Gleen Gould considera, então, que o propósito de Paulo seria reunir-se com Timóteo “se não em Éfeso, então com certeza em Mileto”.⁹⁴ Na verdade, Paulo não conseguiu retornar da Macedônia, onde estava, à Ásia, como pretendia. Como já afirmado, foi preso e levado novamente a Roma.

Matthew Henry é um dos estudiosos do Novo Testamento que consideram que Paulo jamais retornou ou retornaria a Éfeso, pelo fato de que seria profética a afirmação feita pelo apóstolo aos anciãos da igreja efésia:

[...] Paulo, com certeza, pelo Espírito de profecia, afirma que esses *anciãos* efésios não *mais* lhe veriam o *rosto*. Não cremos que ele, proferindo com tanta dúvida o de que não tinha absoluta certeza (*não sabendo o que lá me há de acontecer*, v. 22), faria essa declaração com tamanha confiança, sobretudo quando previu a dificuldade por que passariam seus amigos, a menos que tivesse autorização especial do Espírito. Por isso, penso que erram os que supõem que, a despeito disso, Paulo depois voltou a *Éfeso* e os viu novamente. Ele nunca teria dito com tanta convicção: *Agora, na verdade, sei...*, se não soubesse disso com certeza.⁹⁵

O professor de Novo Testamento Ralph Earle abrande um pouco o sentido da expressão paulina em Atos 20.25, considerando que o apóstolo teve uma “forte impressão” de que os anciãos de Éfeso não veriam mais o seu rosto.⁹⁶ Isso retira o caráter profético da afirmação, permitindo admitir que o apóstolo tenha retornado à

cidade na ocasião em que ali deixou Timóteo, embora o texto de 1 Timóteo 1.3 não exija essa interpretação. A expressão “Como te roguei, quando parti para a Macedônia, que ficasses em Éfeso” não indica o local onde Paulo estava naquele momento. Não necessariamente precisaria ser em Éfeso.

Acontece que essa questão não é relevante em relação a 1 Timóteo 3.14. O que importa aqui é que Paulo expressou o desejo de ir ao encontro de Timóteo “bem depressa”, mesmo sabendo que isso poderia “tardar”, o que indica a sua consciência da existência de alguma dificuldade para o seu retorno à Ásia, o que, como já assinalado, terminou não acontecendo.

A Família de Deus

Paulo explicita a Timóteo que o propósito da sua carta era que o jovem pastor soubesse “como convém andar na casa de Deus, que é a igreja do Deus vivo, a coluna e firmeza da verdade” (1 Tm 3.15). A construção gramatical utilizada por Paulo permite-nos entender que o ensino não era somente para Timóteo, mas para todos os crentes de Éfeso e, via de consequência, para os cristãos de todos os tempos, pois visava à “igreja do Deus vivo”. São, portanto, instruções para o comportamento de todos quantos são chamados para pertencer à família de Deus na Nova Aliança.

Isso também se observa na expressão “casa de Deus”, que não tem sentido físico no texto. Paulo não se refere ao templo como um edifício, mas ao corpo de Cristo, a Igreja, formada pela reunião de todos os santos, que são templo do Espírito Santo, habitação permanente de Deus (1 Co 3.16; 6.19; 2 Co 6.16). Trata-se da “universal assembleia e igreja dos primogênitos, que estão inscritos no céu” (Hb 12.23).

Gordon Fee considera que a metáfora “casa” remete ao sentido de família, a família de Deus:

Esta metáfora da “casa” (família), já insinuada em 3:4,5, flui naturalmente do reconhecimento de Deus como Pai, os crentes como irmãos e irmãs, e os apóstolos como “mordomos” (administradores da casa). O ponto central de Paulo, portanto, não é, como diz a KJV, e outras dão a entender, como

“comportar-se na casa de Deus” (isto é, “na igreja”), mas como traduz com felicidade a NAB, “que tipo de conduta convém a um membro da família de Deus”.⁹⁷

John Stott comenta 1 Timóteo 3.15 fazendo referência à igreja como a “família de Deus”, a “igreja do Deus vivo” e a “coluna e fundamento da verdade”:

Paulo usa três expressões para descrever a igreja, cada uma das quais ilustra um aspecto diferente dela: “Casa [ou família] de Deus”, “a igreja do Deus vivo” e “coluna e firmeza da verdade”.

Casa de Deus. Por meio do novo nascimento do Espírito, nós nos tornamos membros da família de Deus, nos relacionamos com ele nosso Pai e com todos os cristãos como nossos irmãos e irmãs.

[...]

A igreja do Deus vivo. No Antigo Testamento, o Senhor é chamado de “o Deus vivo” em contraste com os ídolos sem vida dos pagãos. A essência da promessa da aliança feita por Deus aos israelitas era que ele habitaria entre eles e seria o Deus deles, e eles seriam o seu povo. Uma consciência ainda mais vívida a presença do Deus vivo deveria caracterizar a igreja cristã hoje.

[...]

A coluna e firmeza da verdade. O fundamento ou suporte estabiliza um edifício. Da mesma forma, a igreja é responsável por manter firme a verdade contra as tempestades da heresia e incredulidade. O objetivo das colunas, no entanto, não é apenas sustentar firmemente o telhado, mas também mantê-lo no alto para que possa ser claramente visto à distância. Assim como as colunas sustentam um edifício enquanto elas mesmas permanecem invisíveis, a função da igreja não é se anunciar, mas anunciar e exibir a verdade. Manter firme a verdade é a defesa e confirmação do evangelho; sustentá-la é a proclamação do evangelho. A igreja é chamada a esses dois ministérios.⁹⁸

Essa “consciência ainda mais vívida” da presença de Deus na igreja cristã hoje, como fala Stott, é por demais imperativa. Precisamos ter fé e convicção de que estamos servindo a um Deus vivo. Não podemos perder a poderosa presença do Senhor em nossa vida individual e coletiva. Precisamos também orar fervorosamente (At 4.31) e dedicar tempo exercitando-nos em piedade — que é devoção —, colocando em prática disciplinas

espirituais que nos levem a conhecer e amar mais ao Senhor Deus (1 Tm 4.7,8).

Coluna da Verdade

O sentido da expressão “coluna e firmeza da verdade” é que a igreja deve ser “o fundamento da verdade do evangelho”, como explica Donald Stamps:

[A igreja] sustenta e preserva a verdade revelada por Cristo e pelos apóstolos. Ela recebeu esta verdade para obedecê-la (Mt 28.20), escondê-la no coração (Sl 19.11), proclamá-la como “a palavra da vida” (Fp 2.16), defendê-la (Fp 1.17) e demonstrar seu poder no Espírito Santo (Mc 16.15-20; At 1.8; 4.29-33; 6.8).⁹⁹

Charles Erdman entende que o texto apresenta a igreja como uma sociedade de crentes divinamente designada para sustentar e defender no mundo a verdade que Deus revelou ao homem.¹⁰⁰ Conforme o *Comentário do Novo Testamento Aplicação Pessoal*, “a igreja não é a origem desta verdade, mas funciona como a guardiã e testemunha da verdade”.¹⁰¹ Para exercer esse papel de sustentadora da verdade, exige-se a existência de firmeza moral e espiritual no seio eclesial, principalmente na vida dos líderes. É por isso que essa referência paulina à “coluna e firmeza da verdade”, feita logo após o rol de qualificações dos presbíteros e diáconos, indica, com clareza, o elevado grau de importância desses ministérios diante do nobilíssimo papel da igreja.

A firme estrutura moral e espiritual dos líderes da igreja de Éfeso — assim como das igrejas de todos os lugares e em todas as épocas — seria fundamental para que conseguisse realmente ser a sustentadora da verdade.

O Mistério da Piedade

Além do sentido geral, no texto em apreço, “verdade” tem um sentido fundamental e específico relacionado ao “mistério da piedade”, em torno do qual gira todo o ensino escriturístico. Esse “mistério” ou razão de nossa devoção é Cristo, a Palavra encarnada,

em torno de quem estão escondidos os tesouros da sabedoria e do conhecimento (Cl 2.2,3). Cristo é o centro do Evangelho: “Aquele que se manifestou em carne foi justificado em espírito, visto dos anjos, pregado aos gentios, crido no mundo e recebido acima, na glória” (1 Tm 2.16).

Pregar a Cristo, portanto, é a grande missão da Igreja. Como escreveu Paulo aos coríntios: “Porque os judeus pedem um sinal, e os gregos buscam sabedoria; mas nós pregamos a Cristo crucificado, que é escândalo para os judeus e loucura para os gregos” (1 Co 1.22,23).

Sustentar a pregação do genuíno Evangelho é um grande desafio para a Igreja, principalmente pela forte rejeição que a humanidade apresenta em decorrência de nossa natureza pecaminosa, rebelde em relação a tudo o que está relacionado a Deus. Por isso, substitutos para a pregação bíblica costumam ser sedutores tanto pela atração que causa aos ouvintes quanto por mostrarem-se mais *light* para a propagação.

Uma das propostas para as igrejas modernas é pregar contra a cultura. Éfeso era uma cidade multicultural. Um frenesi de culturas fomentava a prática do pecado. Paulo poderia ter estimulado Timóteo a combater a falsa espiritualidade dos efésios, entranhada nas suas culturas, confrontando as suas práticas culturais, mas não foi isso que ele fez. O jovem pastor deveria cuidar da sã doutrina.

Em vez de ficar nominando a cultura e discutindo-a, o papel de Timóteo era ensinar a igreja a viver a prática da Palavra de Deus, o que, por si só, combateria o pecado disfarçado de cultura, trazendo libertação espiritual e abandono das práticas pecaminosas. Em outras palavras, Timóteo deveria atacar o mal pela raiz, denunciando, pela genuína exposição da Palavra, o pecado entronizado no coração do homem.

Evangelho moral

Outro risco que a pregação bíblica sofre em nossos dias é o de ser reduzida a uma pregação moral pública. Em tempos de tanta turbulência política, tem sido lamentável perceber como o evangelho

tem sido reduzido à defesa de valores morais como pautas públicas por meio de certa pregação eclesiástica, aparentemente espiritual, enquanto se afasta cada vez mais da exposição da mensagem cristocêntrica.

Pregar contra o aborto e a ideologia de gênero, por exemplo, é importante, só que não podemos reduzir o evangelho a defesas de bandeiras político-ideológicas, tornando-nos mais ativistas e menos pregadores bíblicos. Se nos afastarmos do “mistério da piedade”, a igreja continuará pregando verdades, mas desviar-se-á da proclamação da Verdade (com V maiúsculo).

Não nos esqueçamos de que a defesa de princípios e valores morais para questões como, por exemplo, “a defesa da vida” é feita genericamente por inúmeras religiões. São temáticas comuns que unem as religiões no escopo do ecumenismo global, deixando-se de lado a mensagem fundamental. A defesa do meio ambiente, por exemplo, tem sido o chamariz para a reunião de líderes de religiões mundiais, de diversas matizes, incluindo evangélicos e pentecostais. Estão atuando em torno de verdades? Estão, mas, ao mesmo tempo, o que está ficando de lado é a apresentação da verdade principal, que é o mistério do Evangelho: Cristo e a sua obra.

A Verdade que Liberta

A única verdade libertadora é a mensagem da cruz, que expõe o mistério da encarnação, morte, ressurreição e glorificação de Cristo, e o seu poder regenerador, justificador e redentivo eterno. Essa mensagem (e somente ela!) tem o poder de libertar o homem e dar-lhe força interior suficiente para vencer as suas próprias inclinações pecaminosas, afastando-o de toda imoralidade e do mundanismo (1 Co 2.1-5; 2 Co 1-5).

Uma pregação moral, portanto, ataca as consequências de um problema, deixando inatingível a causa. Isso é o que tem sido feito com grande parte da pregação evangélica quando se manifesta como discurso político, na vã esperança de transformação da sociedade.

O problema da humanidade, afinal de contas, não é primariamente coletivo, mas individual. Não existe libertação da sociedade se os indivíduos permanecerem presos nos seus delitos e pecados (Ef 2.1-5). Homens imorais jamais construíram uma sociedade moralmente sadia.

O verdadeiro evangelho, portanto, apresenta Cristo, o Homem perfeito, como o único que tem o poder de libertar, perdoar os pecados e produzir uma profunda transformação do caráter, além de capacitar o homem para, em um processo progressivo e permanente, crescer em santificação (Hb 12.14).

O Declínio da Pregação

Igrejas da Europa e dos Estados Unidos da América vivem trágicos resultados de um processo de declínio da pregação. O pastor e escritor norte-americano A. W. Tozer (1897–1963), considerado um dos maiores profetas do século XX, denunciou esse processo com muita vivacidade. Uma das coisas que Tozer apontava era o fato de que a pregação do evangelho estava deixando de produzir mudanças profundas no caráter dos seus ouvintes e passando a gerar apenas um “assentimento teológico”, o que para as igrejas já bastaria para que as multidões fossem consideradas cristãs.¹⁰²

Há mais de setenta anos, Tozer já via um cenário altamente preocupante:

As igrejas (mesmo as conservadoras) são mundanas no espírito, moralmente anêmicas, e numa condição miserável, em geral porque durante duas gerações completas lhes têm dito que a justificação não é nada mais que um veredicto de “não culpado” pronunciado pelo Pai Celeste sobre um pecador que pode apresentar a mágica moeda *fé* com o maravilhoso “abre-te sésamo” gravado nela.¹⁰³

E Tozer via toda a fonte do problema exatamente no declínio da pregação: “A coisa toda resulta de ouvir-se a Palavra sem poder e de recebê-la do mesmo modo”, dizia ele.¹⁰⁴ A pregação, portanto, precisa ter o verdadeiro conteúdo (o “mistério da piedade”) e ser

feita no poder do Espírito Santo para que produza mudança interior, libertando o homem do poder do pecado.

Depois de tantas décadas produzindo vítimas em solo europeu e norte-americano, o enfraquecimento da pregação projeta-se já há algum tempo no Brasil, com as facetas próprias de um país tropical e continental, altamente eclético no campo evangélico. Além da politização da mensagem, há um movimento de psicologização, pela inserção de conteúdos motivacionais e de autoajuda, como a Teologia do Coaching.

No campo pentecostal, a espetacularização dos dons já produziu muito movimento sem solidez bíblica e doutrinária. Enquanto isso, foram-se acumulando escândalos e frustrações, gerando frieza, incredulidade e apostasia (Mt 7.21-23; 18.6). Mesmo isso tendo sido fortemente denunciado em solo brasileiro, não se viu dar muito ouvido. Os “movimentos” continuaram por um bom tempo, enquanto a prática cultual simples e constante da igreja enfraquecia-se. Oração e ortodoxia foram sendo relegadas a segundo plano.

Como “coluna e firmeza” da verdade, a igreja deve sustentar a proclamação do “mistério da piedade”, que Paulo expressou através do trecho de um hino bem conhecido dos crentes primitivos: “[...] Aquele que se manifestou em carne foi justificado em espírito, visto dos anjos, pregado aos gentios, crido no mundo e recebido acima, na glória” (3.16).

Em poucas palavras, uma profunda mensagem cristológica, que apresenta Cristo, o Filho de Deus que se fez carne, que morreu e ressuscitou como prova da sua vitória sobre o pecado, a morte e o inferno (Jo 1.14; Cl 2.12-15; Ap 1.18). A sua vida e ressurreição, assim como a sua ascensão aos céus foi testemunhada pelos anjos (Lc 2.10; Mt 28.2-7; At 1.9-11). O seu nome tem sido pregado aos gentios e crido por incontáveis pessoas em todas as épocas e lugares, as quais esperam vê-lo glorificado (1 Jo 3.2,3).

Buscando o Equilíbrio

Ao tratar da centralidade do evangelho, que é Cristo, não podemos imaginar que não devemos estudar outros importantes temas da

vida cristã, também contidos nas Escrituras. O ensino de Paulo visa ensinar “como convém andar”, e isso deve ser feito com equilíbrio. Uma igreja equilibrada discerne bem a pregação essencial bíblica e refuta discursos motivacionais, de autoajuda ou de pautas políticas.

O segredo do equilíbrio é ter Cristo sempre no centro de todas as coisas, interpretando e aplicando os ensinamentos relativos a todas as áreas da vida. Nosso foco central deve ser a glorificação de nosso Senhor e Salvador: “Porque dele, e por ele, e para ele são todas as coisas: glória, pois, a ele eternamente. Amém!” (Rm 11.35).

Em tempos tão trabalhosos, com tantos fundamentos destruídos, é imperativo que, como Igreja, cumpramos nosso papel de defesa e proclamação da verdade, que é Cristo e o seu evangelho pleno. Para essa importante missão, precisamos, como sal e luz, demonstrar ao mundo que a Palavra de Deus produziu em nós uma transformação verdadeira. Para sermos coluna e firmeza da verdade, devemos em primeiro lugar manter um comportamento individual e coletivo honesto e santo, cumprindo fielmente a Palavra de Deus. Isso não é possível com nossas próprias forças, mas o que nos capacita é a graça de Deus.

⁹⁴ In: **Comentário Bíblico Beacon**. Vol. 9.6ª impressão. Rio de Janeiro: CPAD, 2020, p. 476.

⁹⁵ HENRY, Matthew. **Comentário Bíblico Novo Testamento. Atos a Apocalipse**. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008, p. 224.

⁹⁶ In: **Comentário Bíblico Beacon**. Vol. 7. 6ª impressão. Rio de Janeiro: CPAD, 2020, p. 364.

⁹⁷ FEE, Gordon D. **Novo Comentário Bíblico Contemporâneo. 1 & 2 Timóteo e Tito**. 1.ed. São Paulo: Editora Vida, 1994, p. 102,103.

⁹⁸ STOTT, John. **Lendo Timóteo e Tito com John Stott**. 1.ed. Viçosa: Ultimato, 2019, p. 44,45.

⁹⁹ In: **Bíblia de Estudo Pentecostal**, CPAD, p.1870,1871.

¹⁰⁰ ERDMAN, Charles. **The Pastoral Epistles of Paul**. 1.ed. Filadélfia: The Westminster Press, 1923, p. 46.

¹⁰¹ **Comentário do Novo Testamento. Aplicação Pessoal**. Vol. 2. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2021, p. 498.

102 TOZER. A. W. **A Conquista Divina**. Vol. 6. 3.ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2000, p. 22.

103 Idem, p. 23.

104 Idem.

Capítulo 8

O RESPEITO ÀS PESSOAS E O CUIDADO COM AS VIÚVAS

(1 Tm 5.1-16)

O capítulo 5 de 1 Timóteo mostra-nos como o enviado de Paulo a Éfeso deveria não apenas organizar o ministério local, sendo um pastor-supervisor, como também exercer efetivo pastoreio da igreja estabelecida na principal cidade da Ásia Menor. O contato com os crentes de todas as idades no dia a dia da igreja exigia de Timóteo cuidados específicos, como um santo homem de Deus. Apesar de jovem na idade, Timóteo precisaria demonstrar maturidade suficiente para relacionar-se com todos, com amor, sabedoria, dedicação e respeito.

Esse é um grande desafio para todo pastor, cujo ministério não se resume apenas ao púlpito onde prega, mas também à convivência diária com os irmãos, atendendo-os sempre, conforme a realidade vivida por cada um. Todo pastor precisa ter habilidade para administrar o corpo eclesialístico. A expressão de dons no ambiente do culto não é o suficiente.

A Formação Familiar

O pastorado não é uma profissão. Não se trata de uma técnica que se aprende numa faculdade. Embora a formação teológica seja importante, não é suficiente. Ser pastor é um dom recebido de Deus, por alguém em cuja vida Ele trabalha de forma a prepará-lo adequadamente para o pleno exercício da missão. O ambiente da

família é, sem dúvida alguma, um espaço vital nesse processo de preparação.

Às vezes desprezamos aspectos simples de nossa vida, como, por exemplo, a convivência familiar, imaginando que nossa realização pessoal terá como fator determinante o preparo intelectual. Embora importante, o estudo teórico não tem a força necessária de preparar-nos emocionalmente para enfrentarmos os grandes desafios, como é o caso dos diversos tipos de relacionamento nos diferentes espaços da vida.

Seja no ambiente universitário, empresarial, seja no eclesiástico, a formação que tivemos em família será fundamental para orientar-nos e sustentar-nos em nossos relacionamentos interpessoais. Certamente Timóteo não imaginaria que a sua vida seria revisitada agora, em Éfeso, enquanto ele pastoreava a igreja. Paulo dá ao jovem, como diretriz para a sua vivência pastoral, o padrão do relacionamento familiar.

Os velhos deveriam ser tratados como a pais; as mulheres idosas, como a mães; as moças, como a irmãs — pai, mãe e irmã. No ambiente familiar do lar de Timóteo, residiam princípios e valores que teriam relevância no exercício do seu ministério em Éfeso. Se o jovem auxiliar de Paulo não tivesse tido uma vida equilibrada em família, que padrão teria agora para servir de referência para a sua conduta pastoral? Isso nos ensina o quanto é importante viver cada etapa da vida com paciência e dedicação, cumprindo nosso papel em todas elas e tirando as melhores lições possíveis.

Afeto e Espiritualidade

Não é apenas a visão do ministério pastoral como uma profissão que é um problema nestes tempos modernos. O exercício dele com esse viés, ainda que se negando a sua profissionalização, também é um aspecto trágico da vida religiosa de nossos tempos. John Piper, em autocrítica, expõe essa triste realidade:

Nós, pastores, estamos sendo massacrados pela profissionalização do ministério pastoral. A mentalidade do profissional não é a mentalidade do profeta. Não é a mentalidade do escravo de Cristo. O profissionalismo não

tem nada que ver com a essência e o cerne do ministério cristão. Quanto mais profissionais desejarmos ser, mais morte espiritual deixaremos em nosso rastro. Pois não existe a versão profissional do “tornar-se como criança” (Mt 18.3); não existe compassividade profissional (Ef 4.32); não existem anseios profissionais por Deus (Sl 42.1).¹⁰⁵

A profissionalização retira não apenas a espiritualidade, como também o afeto; e o texto de 1 Timóteo 5.1-16 ensina-nos o quanto o ministério pastoral exige não apenas espiritualidade, mas também um considerável nível de afeto.¹⁰⁶ As pessoas em geral querem atenção; querem ser ouvidas e respeitadas na sua individualidade. Um pastor muito espiritual no púlpito e extremamente indiferente ou grosseiro no trato com as pessoas no dia a dia pode ser um desastre. Ele pode criar uma igreja espiritualmente doente, que não compreende o paradoxo de ter um homem que aparenta tanta espiritualidade e, ao mesmo tempo, é tão insensível. Na verdade, é preciso repensar o caráter dessa espiritualidade.

Jesus exerceu o seu ministério demonstrando profunda compaixão às multidões e às pessoas individualmente (Mt 9.36; Mt 20.34; Mc 1.41). Paulo expressou profunda ternura aos irmãos e aos seus cooperadores por diversas vezes. Chegou a dizer aos coríntios que, embora o amassem menos, ele amava-os ainda mais (2 Co 12.15). Timóteo deveria seguir o seu exemplo e exercitar o seu dom, que recebera “por profecia, com a imposição das mãos do presbitério” (1 Tm 4.14), cuidando bem das pessoas, mesmo que no momento de repreensão. Aliás, é exatamente de repreensão que o texto está tratando: “Não repreendas asperamente os anciãos, mas admoesta-os como a pais; aos jovens, como a irmãos; às mulheres idosas, como a mães; às moças, como a irmãs, em toda a pureza” (1 Tm 5.1,2). A orientação, portanto, estava voltada para o exercício do ensino e da disciplina.

Para isso, Timóteo precisaria estar pronto, tanto espiritual como emocionalmente, com um satisfatório nível de afeto, o que, como já afirmado anteriormente, remetia ao ambiente que ele tivera em família — e sabemos que era bom pelo testemunho da sua mãe, Eunice, e da sua avó, Loide, que se dedicaram a ensiná-lo desde a infância (2 Tm 3.14,15). Não podemos desconsiderar a nutrição

afetiva que Paulo recebeu de Timóteo, a quem o apóstolo tratava como “amado filho” (2 Tm 1.2).

Felizes os que têm famílias estruturadas, cujos pais dedicam-se aos filhos, nutrindo-lhes afetivamente. Devem ser valorizados e reconhecidos quando alcançam sucesso na vida em toda e qualquer área. De igual modo, é extremamente valioso quando se tem líderes como Paulo, que sabem expressar os seus sentimentos de amor e afeição, o que precisa ser recíproco, como ocorria com Timóteo, que tratava o apóstolo como a um pai (Fp 2.22).

Como já frisado, o êxito de Timóteo em Éfeso dependeria não apenas da sua espiritualidade, como também da estrutura afetivo-emocional, forjada no seu lar, pela dedicação da sua família. A isso podemos somar, como já assinalado, o edificante relacionamento que ele teve com Paulo.

Aos que sofreram algum tipo de agressão ou abandono, precisamos enfatizar sempre: Deus é poderoso para sarar nossas feridas e restaurar nossos sentimentos a fim de que estejamos preparados para ter um relacionamento correto com todas as pessoas, sejam estas idosas, sejam jovens, nos mais diversos âmbitos de convivência, inclusive na igreja onde congregamos.

O Padrão Familiar: o Ancião

Em outros textos neotestamentários, como, por exemplo, Atos 20.17, o termo “ancião” diz respeito ao ofício de presbítero, que era o nome dado aos dirigentes ou pastores das igrejas locais (Tt 1.5). Acontece que “ancião” significa “homem idoso” em 1 Timóteo 5.1. Isso, inclusive, se confirma pelo fato de que, no versículo seguinte (5.2), o mesmo vocábulo aparece na sua forma feminina, referindo-se a “mulheres idosas”.

Timóteo tinha o dever de ensinar e repreender todos na igreja, inclusive os mais velhos. Contudo, ele agia adequadamente segundo cada faixa etária, e o respeito era a grande baliza. Como afirma Hans Bürki,

Toda exortação que busca atingir o coração errará o alvo se não partir de um grande respeito, de uma profunda consideração perante o caráter único

da condição do outro como criatura. Antes violentará, esmagará o outro, constringendo-o ou escravizando-o em vez de libertá-lo.¹⁰⁷

No texto em estudo, a questão posta está especialmente relacionada à idade de Timóteo, que era jovem para o padrão da época: tinha entre 30 e 35 anos. Assim, o nível de relacionamento tinha que considerar a sua condição pessoal — daí que, em relação aos velhos, deveria portar-se como um filho. Os homens idosos não poderiam ser repreendidos asperamente ou com dureza no falar. Paulo refere-se à abordagem e, principalmente, ao tom de voz a ser empregado no momento da repreensão.

Timóteo deveria dirigir-se aos anciãos como um filho dirige-se ao pai, isto é, com o devido respeito, usando palavras adequadas para a transmissão da repreensão. Ele não deveria ser rude e impor a sua autoridade mediante expressões ásperas. Não havia impedimento algum para a repreensão dos homens idosos, conquanto se observasse a maneira correta de fazê-lo.

Hans Bürki observa que o texto em exame considera que “não é importante apenas **o que** é dito, mas **como** é dito: qual é a atitude em relação àquele a quem precisa ser dito algo”. E acrescenta:

Quantas palavras não são bem recebidas por serem ditas de cima para baixo, de muito longe, ou passando do lado e por cima das pessoas, sem atingir o coração! Como é apropriada a formulação “falar ao coração de alguém”. Quando realmente se fala ao coração, pode-se também “falar à consciência”. Quem fala ao coração é franco e livre, mas isso está em perigo e traz perigos na vulnerável proximidade humana. Por essa razão é preciso interpelar cada idade e cada geração com exortações específicas.¹⁰⁸

O resumo de tudo, portanto, é que Timóteo poderia e deveria repreender a todos, independentemente de idade. A forma de fazê-lo, contudo, deveria ser sempre respeitosa.

Os Jovens

Observa-se que Timóteo deveria sempre estar pautado na humildade quanto ao exercício do seu ministério pastoral. No caso dos jovens, poderia esperar-se que Timóteo pudesse valer-se da

sua condição de pastor para impor sobre eles a sua autoridade. Não era isso, contudo, que ele deveria fazer. A sua autoridade deveria, sim, ser exercida, mas tratando os jovens como a irmãos, ou seja, de igual para igual.

Está claro que a autoridade deveria ser igualmente exercida. A questão era a forma de fazê-lo, o “como” fazer. É claro que isso não significa renunciar ou “excluir o exercício da autoridade por parte daquele que administra a admoestação”, como bem enfatiza William Hendriksen.¹⁰⁹

Pela expressão de Paulo no versículo 12 de 1 Timóteo 4, é possível inferir que alguns da igreja estivessem desprezando-o em função da idade. Isso poderia vir, inclusive, de alguns dentre os jovens. Timóteo deveria ser respeitoso, porém firme, repreendendo também os jovens, a despeito de eventual resistência. Se isso era possível no primeiro século, ainda mais hoje em dia, em que vivemos numa geração marcada por uma extrema rejeição a todo tipo de repreensão. Em parte, isso tem sido observado também em algumas igrejas. Aceitar a correção torna-nos sábios, mas rejeitá-la impõe graves prejuízos à alma (Pv 8.33; 15.31-33).

O profeta Jeremias escreveu que “bom é para o homem suportar o jugo na sua mocidade” (Lm 3.27). Isso importa em obediência e sujeição a todos quantos são autoridade sobre ele. Como nos ensina Paulo, “não há autoridade que não venha de Deus; e as autoridades que há foram ordenadas por Deus. Por isso, quem resiste à autoridade resiste à ordenação de Deus; e os que resistem trarão sobre si mesmos a condenação” (Rm 13.1,2).

Se Timóteo poderia e deveria repreender os idosos sempre que necessário, quanto mais aos jovens. Mais uma vez, contudo, ele precisaria observar um padrão adequado, e o parâmetro, em função da sua idade, era o relacionamento entre irmãos. A afetividade deveria estar presente na transmissão da repreensão, assim Timóteo evitaria qualquer distanciamento ou indiferença na sua conduta; afinal, ali estava um pastor que também era jovem.

As Mulheres Idosas

Pelas informações contidas em Atos e nas cartas de Paulo a Timóteo, Eunice foi uma mãe extraordinária. Como já assinalado, ela e Loide, a avó de Timóteo, haviam-lhe ensinado muito bem, desde a mais tenra infância. A educação do jovem auxiliar de Paulo influenciou-o em toda a sua vida. Agora, mais uma vez, estaria presente para ajudá-lo no exercício pastoral. A referência de cuidado com as mulheres idosas seria a própria mãe de Timóteo, assim como deveria e deve ser o relacionamento geral entre filhos e mães em nossos dias.

O trato com as mulheres idosas deveria ser pautado no mesmo respeito e afeto que se deve devotar às mães. Nenhum filho deve dirigir-se à sua mãe com arrogância ou dureza, mesmo que ela tenha cometido algum erro. Deve devotar-lhe profundo respeito, dirigindo-lhe palavras brandas. Assim deveria ser a conduta de Timóteo como pastor.

O exemplo de Timóteo, como líder espiritual que era, deveria ser observado pelos crentes de Éfeso (4.12) e serve-nos de inspiração para todas as áreas da vida. Honrar os idosos é mandamento divino para todos nós: “Diante das cãs te levantarás, e honrarás a face do velho, e terás temor do teu Deus. Eu sou o SENHOR” (Lv 19.32).

O Relacionamento com as Moças

Há uma nota específica de Paulo quando se refere ao padrão de relacionamento que Timóteo deveria ter com as moças por ocasião da repreensão pessoal. Ele usa o substantivo grego *hagneia*, que é pureza no sentido de exclusão de “toda a impureza de espírito, modo ou ato”.¹¹⁰ Segundo Charles Swindoll,

Sua escolha do termo grego refere-se muitas vezes à pureza ritual, como a lavagem dos instrumentos do templo e reserva deles para uso especial; mas aqui ele [Paulo] tem “inocente” em mente. O relacionamento que o homem cultiva com sua irmã é diferente de qualquer outro relacionamento dele. Ele permanece ciente da feminilidade dela, porém sem o mais leve indício de sexualidade. Esse ministro maduro esperava que Timóteo — e todos que seguissem seus passos — cultivasse esse mesmo relacionamento inocente, sem malícia, com as mulheres.¹¹¹

Em função desse elevado padrão de pureza que a expressão grega representa, concluímos que, ao verificar-se qualquer pensamento ou sentimento que desborde desse estado de inocência, o ministro — e qualquer outro cristão — deve buscar em oração a purificação pelo sangue de Jesus. Isso, por vezes, deverá acontecer mesmo em pensamento, instantaneamente, a fim de que a inclinação não ganhe força.

A Condição de Solteiros de Paulo e Timóteo

Podemos imaginar o grande desafio que homens como Paulo e Timóteo enfrentaram diante da vocação que receberam. Permanecer solteiro não era um dogma, mas, como diz o próprio apóstolo, era um “dom” específico, dado por Deus, sem nenhuma aplicação geral (1 Co 7.7); até porque a recomendação comum aos presbíteros e diáconos era exatamente em sentido distinto: que fossem casados (1 Tm 3.2,12).

Quando se trata da repreensão às moças, Paulo acrescenta: “[...] em toda a pureza”. O apóstolo está prevenindo Timóteo das inclinações sexuais que este poderia ter tanto por conta da sua idade quanto pela sua condição de solteiro. Não há espaço algum na Palavra de Deus para a hipocrisia ou para a negativa de nossa condição humana ou da inclinação pecaminosa de nossa natureza caída (Gl 5.16,17). O segredo é vigiar sempre (Mt 26.41).

Pureza em Tudo

O jovem pastor precisava dirigir a igreja e lidar com pessoas de ambos os sexos e de todas as idades, incluindo moças. Nesses contatos pessoais, ele precisava ser vigilante para não ser atacado por pensamentos ou sentimentos lascivos e muito menos descambar para atitudes impuras, que poderiam afetar a sua vida espiritual e o seu ministério.

A expressão “em toda a pureza” indica-nos a necessidade de sermos puros nos pensamentos, no olhar, no falar e no agir. No contato com pessoas do sexo oposto, precisamos rejeitar desde os

pensamentos pecaminosos, confessando-os a Deus em nosso íntimo e abandonando-os definitivamente. Para isso, é fundamental que enchamos nossa mente de coisas boas, de coisas puras (Tg 4.8).

Ninhos na Cabeça

Atribui-se a Lutero a frase que diz: “Não podemos impedir que os pássaros voem sobre as nossas cabeças, mas podemos impedir que eles façam ninhos sobre elas”.

Nenhum de nós está livre de ter pensamentos impuros, mas todos podemos refutar tais pensamentos e não os cultivar em nossa mente para que não germinem e produzam os seus frutos, que nunca serão bons (Mt 15.19). Cultivamos maus pensamentos quando os alimentamos com objetos de nossos desejos, seja em atitude apenas mental, seja abrindo os canais da audição ou da visão para recebermos impulsos externos.

Músicas e filmes com conteúdo pornográfico contribuem muito para que pensamentos e desejos impuros sejam alimentados e cresçam dentro de nós. Isso nos levará a trágicas consequências. É o processo de tentação, concupiscência e pecado: “Mas cada um é tentado, quando atraído e engodado pela sua própria concupiscência. Depois, havendo a concupiscência concebido, dá à luz o pecado; e o pecado, sendo consumado, gera a morte” (Tg 1.14,15).

Quando as tragédias acontecem, é muito comum assustar-se com a vileza do pecado e as suas consequências. Como os atos pecaminosos estão, por vezes, longe do início e do desenvolvimento do processo de cultivo da concupiscência, ainda é possível que não se compreenda como atitudes aparentemente inofensivas — daquelas que não têm nada a ver — contribuíram para um desfecho tão terrível, com muitos danos — alguns deles irreparáveis.

Assim, se quisermos viver “em toda a pureza”, precisamos analisar o que temos lido, visto e ouvido. Vive-se tempos de absurda exposição do sexo. Séries ou filmes com classificação etária para 16 anos trazem conteúdo sexual intenso. Na verdade, qualquer obra

audiovisual liberada para 12 anos pode ter cenas com insinuação sexual.

Segundo a Classificação Indicativa estabelecida pelo Ministério da Justiça, são admitidos para a etária dos 12 anos conteúdos que apresentem:

- (1) apelo sexual através de “cenas que apresentem diálogos estimulantes, manifestações de desejo ou provocações de caráter sexual”, “sexualização [...] latente, seja pela valorização imagética de alguma característica física ou alguma qualidade sexual do indivíduo”;
- (2) carícia sexual através de “cenas em que personagens se acariciam e a sexualização está presente, mas a ação não resulta em relação sexual”;
- (3) insinuação sexual: “quando é possível deduzir por meio de diálogos, imagens e/ou contextos, que a relação ocorreu ou ocorrerá, sem que seja possível visualizar o ato sexual”;
- (4) linguagem chula;
- (5) linguagem de conteúdo sexual;
- (6) masturbação: “cena não explícita de masturbação individual”;
- (7) nudez velada: “nudez sem a apresentação de nus frontais (pênis, vagina), de seios ou de nádegas, ou seja, em que as partes íntimas dos indivíduos não são apresentadas, desde que haja um contexto sexual”; e
- (8) simulação de sexo: “imagens ou sons em que sejam apresentados quaisquer tipos de relação sexual, de forma farsesca, sem que seja contemplado o ato sexual em si. [...] situações em que os personagens encenam o ato sexual”.¹¹²

Esses critérios são para a faixa etária de 12 anos. O que dizer, então, das faixas etárias acima?

Podemos considerar que seja pura uma cena que insinua a prática do sexo? Claro que não! Precisamos repensar, portanto, se nosso comportamento como cristãos está de acordo com a recomendação da Palavra de Deus, que requer de nós pureza em tudo (Fp 4.8). Salmos 101.3 diz: “Não porei coisa má diante dos

meus olhos; aborreço as ações daqueles que se desviam; nada se me pegará”.

O pecado é uma tragédia. Por isso, precisamos viver em vigilância, evitando todo ambiente de tentação. Não é sábio viver uma falsa espiritualidade, negando nossas próprias fraquezas. O segredo é vivermos na dependência de Deus.

Mandamentos às Viúvas

Na opinião de alguns estudiosos, havia na igreja dos primeiros séculos uma espécie de “ordem de viúvas”, como um ministério específico, que consistia na inscrição de viúvas idosas que faziam voto de dedicarem-se exclusivamente a Deus, servindo na igreja. Em contrapartida, eram inscritas para serem sustentadas.

O texto de 1 Timóteo 5.1-16, no entanto, não nos permite concluir que havia essa organização formal em torno de um “ministério das viúvas”, embora fique claro que havia, sim, um rol específico das que seriam alvo da ajuda material ou financeira da igreja. Estas são chamadas de “verdadeiramente viúvas”. Tinham que ter, no mínimo, sessenta anos de idade, não ter família e ter um largo “testemunho de boas obras” (5.4-10).

O Cuidado das Viúvas

Havia um controle das viúvas que eram realmente dignas do auxílio da igreja. O texto paulino fala em “inscrição”, seguindo alguns critérios:

Responsabilidade da família: as viúvas que tivessem filhos ou netos deveriam ser assistidas por eles. Paulo enfatiza a necessidade de a piedade ser exercida primeiro dentro de casa, para com a própria família: “porque isto é bom e agradável diante de Deus” (1 Tm 5.4). Está aí, portanto, a vontade de Deus para esse assunto de tanto apelo público: a família deve ser concitada a cumprir o seu papel.

A Bíblia não abona nenhum sistema político ou ideológico, mas é fato que reprova mais alguns do que outros. Do texto em estudo,

podemos extrair uma clara refutação do socialismo, que nega as responsabilidades pessoais do indivíduo e das suas famílias, procurando criar um sistema de dependência do Estado. Um paternalismo doentio.

Idade: Paulo faz um recorte de idade, indicando que não deveria ser inscrita viúva com menos de sessenta anos. A idade era um dos requisitos a ser conjugado com os demais. Ele certamente considerava os fatores próprios da época, como a natureza do trabalho da mulher e as dificuldades que ela poderia ter para atender ao seu sustento na condição de viúva sem filhos. Além disso, poderia indicar a improbabilidade de um novo casamento.

Testemunho pessoal: A viúva deveria ser piedosa e temente a Deus, “[perseverando] de noite e de dia em rogos e orações” (5.5). Ela não deveria, portanto, ter atitude de reclamação ou exigência. Em relação às viúvas que viviam em “deleites” ou prazeres, o apóstolo reputa como espiritualmente mortas.

A viúva tinha que ter sido “mulher de um só marido”. Isso ressalta a dignidade da viuvez, especialmente como oportunidade de maior dedicação ao Senhor. Contudo, não é interpretado como uma proibição inflexível para um novo casamento (5.14). Diz respeito, sobretudo, à conduta de inteira fidelidade conjugal. Além disso, a viúva deveria ter-se dedicado à prática de boas obras, criado os filhos, recebido e atendido bem as pessoas na sua casa, dedicado-se a práticas servis humídes, como lavar os pés aos santos, e socorrido aos aflitos (5.9,10).

Viúvas mais Novas

As viúvas mais novas não deveriam ser admitidas no serviço de atendimento social da igreja, porque “quando se [tornavam] levianas contra Cristo, [queriam] casar-se” (5.11). O texto indica que algumas delas, que provavelmente decidiram permanecer viúvas e dedicar-se a Deus (5.5), rompiam o compromisso e adotavam um comportamento incompatível para qualquer mulher cristã: viviam

ociosas, de casa em casa, como fofoqueiras, importando-se com a vida dos outros. Verdadeiras transmissoras de maledicências (5.13).

Mais do que isso, a expressão contida no versículo 11 (“quando se tornam levianas contra Cristo”) tem o sentido de “quando seus desejos fazem com que se afastem de Cristo” (NAA), ou “quando seus desejos sensuais superam a sua dedicação a Cristo” (NVI). Em situações assim, tais viúvas decidiam casar-se depois de terem feito o compromisso de dedicarem-se a Deus, o que a igreja do primeiro século tinha na mais elevada conta, assim como faziam os judeus.

Gordon D. Fee entende que não se trata apenas da decisão de um novo casamento, mas, sim, de um casamento que leva a mulher a perder a fé em Cristo. Ou seja, não seria um casamento “no Senhor”, como o apóstolo prescrevera na carta aos Coríntios: “A mulher casada está ligada pela lei todo o tempo em que o seu marido vive; mas, se falecer seu marido, fica livre para casar com quem quiser, contanto que seja no Senhor” (1 Co 7.39).

Assim, Fee entende que, na carta a Timóteo, Paulo referia-se a casos em que “o desejo sensual [da viúva] é mais importante do que a sua fé no Senhor, a ponto de ela casar-se com um incrédulo a fim de satisfazer esse desejo”.¹¹³

Para evitar isso, Paulo recomenda às “viúvas mais novas” (NAA) [o equivalente à expressão “moças” em 5.14] que se casassem, gerassem filhos e cuidassem das suas próprias casas, fugindo de todo mal testemunho. Mais uma vez, portanto, Paulo estimula e honra a constituição da família, falando do valor do matrimônio e do sublime papel da mulher, de esposa e mãe cuidadosa, que se dedica ao lar.

A sociedade atual despreza esse modelo de mulher. Fala-se hoje muito no “empoderamento da mulher”, o que equivale, na outra ponta, ao enfraquecimento da família. De que adianta a mulher “vencer” fora de casa se a sua família ficar desassistida e cair em derrota?

Conservadorismo?

Nos últimos anos, a igreja evangélica brasileira tem falado muito em conservadorismo, só que, em grande parte, isso tem ficado apenas no âmbito público; uma pauta política que não reflete a realidade de muitos dos lares evangélicos deste país, onde o casamento tem-se enfraquecido e a maternidade tem sido flagrantemente rejeitada — e, às vezes, até em nome de Deus.

Quando lhes é perguntado se querem ou não filhos, não é incomum ouvir de recém-casados a resposta: “Deus me livre!”. A questão não é quantos filhos o casal vai ter, ou mesmo se terá ou não filhos. A questão é: precisamos buscar a vontade de Deus e estar dispostos a vivê-la (Rm 12.2). Somente Ele sabe o que é melhor para nós e para a sua Igreja, incluindo o cumprimento de nosso papel de influenciar este mundo e alcançá-lo com o evangelho.

¹⁰⁵ PIPER, John. **Irmãos, Nós Não Somos Profissionais**. 1.ed. São Paulo: Shedd Publicações, 2009, p. 15.

¹⁰⁶ Charles Swindoll destaca que Paulo não escolhia analogias por acaso e que ele evitou de propósito usar termos de empresas ou de governo porque a igreja não é nem um, nem outro: “Muitas práticas comerciais podem ser úteis nas operações da igreja, mas as pessoas na congregação não são um corpo de funcionários. A mentalidade corporativa é letal na igreja”. (SWINDOLL, Charles R. **Comentário Bíblico Swindoll. 1 & 2 Timóteo e Tito**. 1.ed. São Paulo: Hagnos, 2018, p. 112,113.).

¹⁰⁷ BOOR, Werner de & BÜRKI, Hans. **Carta aos Tessalonicenses, Timóteo, Tito e Filemon**. 1.ed. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2007, p. 252.

¹⁰⁸ *Op. cit.*, p. 252.

¹⁰⁹ HENDRIKSEN, William. **Comentário do Novo Testamento. 1 e 2 Timóteo e Tito**. 2.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 207.

¹¹⁰ **Dicionário VINE**, p. 915.

¹¹¹ SWINDOLL, Charles R. **Comentário Bíblico Swindoll. 1 & 2 Timóteo e Tito**. 1.ed. São Paulo: Hagnos 2018, p. 112.

¹¹² Classificação Indicativa. **Guia Prático de Audiovisual**. 4.ed. Brasília: Secretaria Nacional de Justiça, 2021, p. 30,31. Disponível em: <https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/seus-direitos/classificacao-1/classind-audio-visual-4-edicao-2021.pdf>. Acesso em 14/01/2023.

¹¹³ *Op. cit.*, p. 133.

Capítulo 9

CONSELHOS DE PAULO A TIMÓTEO

(1 Tm 5.21-25)

Nos versículos 21 a 25 do capítulo 5 da sua primeira carta a Timóteo, Paulo prossegue com as suas recomendações. No versículo 21, o apóstolo exorta ao seu cooperador a nada fazer por parcialidade. Isso se remete ao versículo 20, indicando que a aplicação direta é para o processo de julgamento dos presbíteros que pecassem. A recomendação é feita logo depois de, nos versículos 17 e 18, Paulo tratar da honra que deve ser dada aos presbíteros que governassem bem, com destaque para os que trabalhassem na palavra (pregação) e na doutrina (ensino). Agora a instrução é de como deveriam ser conduzidos os casos relacionados aos obreiros que viessem a pecar.

O versículo 22 trata da cautela no processo de ordenação de obreiros, a ser feita sem precipitação. O versículo 23 contém uma nota bem pessoal; um conselho do apóstolo ligado à saúde do seu jovem cooperador: “Não bebas mais água só, mas usa de um pouco de vinho, por causa do teu estômago e das tuas frequentes enfermidades”. Os versículos 24 e 25 fecham a seção, retomando o assunto da ordenação de ministros, com Paulo explicando a Timóteo acerca do motivo de ter-se cautela na escolha de obreiros: a necessidade de aguardar o tempo para a prova do caráter.

“Conjuro-te”

A seriedade e a imperiosa necessidade de que os preceitos anunciados fossem estritamente cumpridos por Timóteo levou Paulo

a fazer uma solene advertência, invocando a Deus Pai, a Deus Filho e aos anjos como testemunhas das recomendações que ele fazia ao jovem pastor: “Conjuro-te, diante de Deus, e do Senhor Jesus Cristo, e dos anjos eleitos [...]” (1 Tm 5.21). Craig S. Keener observa: “Ao invocar testemunhas para a exortação, Paulo confere grande autoridade às próprias palavras”.¹¹⁴

A expressão grega traduzida como “conjuro-te” na ARC¹¹⁵ recebe o sentido de “eu te responsabilizo categoricamente”, conforme Zane Hodges e Arthur Farstad.¹¹⁶ A forte exortação está ligada à tarefa de disciplinar ministros, talvez a parte mais difícil do ministério de Timóteo, dado o peso e a importância dessa missão que é lidar com a liderança. Por isso, há aqui o uso de uma contundente expressão na ordem dada por Paulo.

O objetivo era que Timóteo “nada [fizesse] por parcialidade” (1 Tm 5.21). No contexto, é que deveria ser sempre imparcial e justo no julgamento dos obreiros que viessem a pecar (5.20). William Hendriksen entende que a ênfase do apóstolo estava ligada ao fato de que, “em todo o assunto que tange à disciplina de líderes eclesiásticos, pode-se ser facilmente influenciado por considerações puramente subjetivas”, o que “pode significar a ruína para a igreja e para todos os envolvidos”. Por isso, diz Hendriksen, “Timóteo, como delegado apostólico nas igrejas de Éfeso e suas cercanias, não deve permitir que isto ocorra”.¹¹⁷

O mesmo autor lança uma nota de advertência para a liderança da igreja de nossos dias:

Ainda em nossos dias, os juízes tendenciosos, as “máquinas” eclesiásticas, os assim chamados “comitês de investigadores” integrados por caçadores de intrigas, o “companheirismo” e coisas afins podem destruir facilmente uma denominação. A corrupção geralmente começa “na cúpula”. A história eclesiástica proporciona vários exemplos. O homem do banco da igreja não sabe o que de fato ocorreu “enquanto dormia”. Ao despertar — se é que desperta! — geralmente já é tarde demais. Daí é essencial a imparcialidade e a honestidade absolutas em todos esses assuntos. [...] A igreja do século 21 bem que poderia levar a sério estas solenes palavras [...].¹¹⁸

Casos Mal Resolvidos

Alguns intérpretes consideram que o tom exortativo usado por Paulo indica que teria havido casos mal resolvidos entre a liderança da igreja na época, talvez na própria Éfeso. O comentarista J. Glenn Gould é um dos eruditos que defende essa ideia. Para ele, “o tom desta passagem dá a entender que no passado houvera escândalos por causa de tratamento preferencial aos infratores, e com esta determinação o apóstolo eliminaria definitivamente tamanha injustiça”.¹¹⁹

John Kelly considera ser “difícil escapar à impressão de que [Paulo tinha] em mente um caso concreto, ou talvez casos, de escândalos surgindo do tratamento preferencial que presbíteros em erro [tinham] recebido”.¹²⁰ Influenciado ou não por casos concretos, o apóstolo transmitiu um claro ensino a respeito da necessidade de resolver às claras as situações pecaminosas envolvendo os presbíteros, sem parcialidade.

A respeito da importância do correto exercício da disciplina, escreve Hernandes Dias Lopes:

A disciplina bíblica é uma das marcas da igreja verdadeira. Nesse quesito, a igreja não pode inclinar-se nem para o rigor desmesurado nem para a frouxidão permissiva. Não pode ir além nem ficar aquém. O excesso de disciplina esmaga as pessoas, e a falta as mundaniza. A disciplina é um ato responsável de amor. Tem o propósito de restaurar o caído, e não de destruí-lo. Precisa ser aplicada com temor e imparcialidade, e não com irreverência e partidarismo. Precisa ser feita na luz da verdade, e não sob a penumbra da mentira caluniosa.¹²¹

O Julgamento dos Presbíteros

Considerando a seção iniciada no versículo 17 do capítulo 5, Timóteo tinha a missão de observar a conduta dos presbíteros e fazer o devido juízo para honra ou para repreensão. O juízo deveria ser exercido “sem prevenção”, isto é, sem prejulgamentos ou motivações subjetivas que o inclinassem previamente a favor ou contra alguém. Timóteo deveria ser imparcial, sem deixar-se influenciar por quaisquer fatores que o levassem a favoritismos.

Paulo lembra-o de que estava diante de Deus, o Juiz de toda a terra, do Senhor Jesus, perante quem todos deveremos comparecer, e dos anjos de Deus, que participarão do juízo final (Gn 18.25; Hb 12.23; Mt 25.31-46; Jo 5.22,23,27; Ap 14.14-20).

No versículo 17, o apóstolo prevê a retribuição especial que os pastores locais deveriam ter, em conformidade com o trabalho prestado. Os presbíteros que governassem bem deveriam ser “estimados por dignos de duplicada honra”. Isso incluía a remuneração pelo trabalho, como está explícito no versículo 18, no qual Paulo usa a figura “do boi que debulha”, citando o Antigo Testamento (Dt 25.4), como já havia feito na carta à igreja de Corinto (1 Co 9.9). Também se refere ao ensino de Jesus registrado por Lucas: “[...] digno é o obreiro de seu salário” (Lc 10.7).

O reconhecimento deveria ser maior ainda para os presbíteros que trabalhassem “na palavra e na doutrina”, ou seja, pregando e ensinando as Escrituras. Conforme diz 1 Timóteo 3.2, todos os presbíteros deveriam ser aptos para ensinar, mas certamente nem todos o faziam. Por isso, os que se dedicassem ao ministério da Palavra deveriam ser ainda mais honrados.

Apesar de o texto permitir entender que havia presbíteros que não ensinavam (talvez somente pregassem), a sua interpretação à luz do conjunto do ensino de Paulo, especialmente o contido no versículo 2 do capítulo 3 da mesma carta, não permite cogitar que se permitia haver um pastor-dirigente que cuidasse somente de questões administrativas e não ensinasse a igreja, pois é a exposição da Palavra o que realmente representa a essência da missão pastoral (Hb 13.7).

Um Juízo de Admissibilidade

O tratamento justo aos presbíteros impunha, ao mesmo tempo, a repreensão para os que pecassem. A igreja precisa ser um ambiente onde a justiça impera. Por isso, tais líderes deveriam ser julgados quando pecassem. Isso, no entanto, não importaria na aceitação de acusação sem critério. Somente deveria ser aceita acusação contra presbítero com duas ou três testemunhas (5.19).

O apóstolo apresenta a necessidade de um verdadeiro juízo de admissibilidade para evitar que qualquer tipo de acusação sem lastro em provas pudesse pôr em dúvida a conduta do obreiro e macular a sua reputação. Essa exigência de apresentação mínima de testemunhas é, na verdade, aplicável a todos desde o Antigo Testamento (Dt 9.15; Mt 18.15-17; Jo 8.17; 2 Co 13.1). Deveria ser observada também em relação ao presbítero, certamente porque o próprio exercício do ministério pode suscitar oposições e calúnias.

O Caráter Público

A repreensão ao presbítero deveria ser feita de forma pública. Não se poderia “abafar” o caso ou tratá-lo reservadamente, evitando que se tornasse público. Pelo contrário! A expressão “na presença de todos” não deixa dúvida de que não havia espaço para acobertamento de pecados.

O escondimento de pecados, sob a alegação de proteger a “imagem” do faltoso, além de não contribuir para a sua verdadeira recuperação espiritual, serve para diminuir e até extinguir o temor no corpo eclesiástico, criando um círculo vicioso de pecados e escândalos. Repreender na presença de todos o presbítero que pecasse levaria “os outros” a terem temor (5.20).

Pela natureza pública do procedimento, podemos afirmar que a expressão “os outros” abrangeria, na prática, a todos da igreja, já que de todos seria dado a conhecer os fatos e a disciplina aplicada. É nesse mesmo sentido a opinião de Gordon Fee:

O ponto central é que **os outros** experimentem o “temor de Deus” mediante tal repreensão pública, a qual parece ter apoio na solene exortação que se segue (v.21). Todavia, quem são **os outros** que devem temer? A palavra grega comumente significa “os outros da mesma categoria”. Pelo menos é o que significa aqui, isto é, que os outros presbíteros temam a Deus. Dada, porém, a natureza pública da ação, não há motivo para excluir **os outros** da igreja — embora a expressão com certeza não fosse usada primordialmente a respeito deles.¹²²

O temor a Deus é fundamental na vida da igreja (At 2.43). O encobrimento de pecados faz desaparecer o temor e contribui para

o surgimento de cada vez mais pecados. Precisamos vigiar para não pecar; mas, se pecarmos, precisamos confessar nossas transgressões, senão passaremos por enfraquecimento espiritual e morte (1 Co 11.30). Provérbios 28.13 diz: “O que encobre as suas transgressões nunca prosperará; mas o que as confessa e deixa alcançará misericórdia”.

A Designação de Líderes

Paulo já havia advertido Timóteo para que não ordenasse novos convertidos ao presbitério (1 Tm 3.6). Não há semelhante advertência na carta a Tito (Tt 1.6-8). Eruditos entendem que isso se deu pelo fato de que, em Creta, não seria possível a Tito encontrar homens já maduros na fé para serem ordenados como bispos ou pastores locais. Não há, contudo, um indicativo claro nesse sentido. Também podemos considerar que essa recomendação já fosse conhecida de Tito pelas experiências vividas junto a Paulo em diversas igrejas.

De qualquer sorte, na primeira carta a Timóteo, a recomendação é reafirmada no capítulo 5, quando Paulo diz: “A ninguém imponhas precipitadamente as mãos”. A despeito de intérpretes que veem aqui uma relação com o processo de disciplina, a maioria dos exegetas consideram que a expressão esteja relacionada à ordenação de presbíteros.¹²³

William Hendriksen entende que se trata da necessidade de uma “criteriosa investigação prévia” à ordenação.¹²⁴ Hans Bürki considera que o ensino paulino visava evitar que Timóteo deixasse-se levar pela “carência de colaboradores capazes”, fazendo ordenações precipitadas.¹²⁵ Esse pensamento corrobora com o aqui já dito, no sentido de que não se pode considerar que a ausência de semelhante exortação na carta a Tito permitisse-o fugir a essa regra.

Sem Precipitação

John Stott acrescenta um argumento que pavimenta o entendimento de que a imposição de mãos em 1 Timóteo 5.22 está relacionada à

ordenação, mesmo que os versículos antecedentes tratem de disciplina:

É mais provável que Paulo esteja se referindo à ordenação. No versículo 20, Paulo mencionou a possível necessidade de repreender publicamente um presbítero. A melhor maneira de evitar esse escândalo é assegurar a seleção meticulosa de candidatos antes que eles sejam ordenados. Caso contrário, se por meio da pressa excessiva um erro for cometido e um escândalo surgir, Timóteo “[participará] dos pecados dos outros”.¹²⁶

Além de cuidar da saúde do corpo espiritual, que é a igreja, Timóteo conservaria a si mesmo puro, não trazendo danos ao seu ministério por pura precipitação. Se já se corria esse risco no primeiro século da era cristã, o que dizer dos tempos modernos nos quais vivemos, em cuja sociedade impera a cultura da pressa. É a chamada “sociedade *fast food*”, que exige que tudo seja rápido demais. Uma impaciência que, em vez de produzir resultados mais duradouros e vantajosos para o homem, tem gerado mais ansiedade, estresse e depressão. Estima-se que a Síndrome do Pensamento Acelerado (SPA), segundo afirmam alguns especialistas, está atingindo mais de 80% da população! Não sabemos se esse dado está correto. De qualquer forma, precisamos tomar muito cuidado para não sermos envolvidos nesse turbilhão de inquietação mundial.

Como um aspecto prático da administração eclesiástica, caberia ao jovem pastor ser cauteloso e não impor precipitadamente as mãos sobre ninguém (1 Tm 5.22). A ordenação de obreiros precisa ser fruto de um processo rigoroso de observação de condutas, visando identificar as qualificações previstas no capítulo 3 em 1 Timóteo e a eventual existência de pecados não manifestos, conforme 1 Timóteo 5.24.

Pecados Evidentes

No versículo 24, Paulo trata dos pecados evidentes, que podem ser observados com mais facilidade na vida de um candidato a líder espiritual. O apóstolo, todavia, adverte a Timóteo de que alguns

pecados somente se manifestam ao longo do tempo — daí a necessidade de espera e análise da conduta.

De fato, existem pecados que podemos chamar de flagrantes. Outros, contudo, costumam ficar escondidos e até disfarçados em comportamentos aparentemente sadios. Há também pecados menos patentes, como, por exemplo, o orgulho, a soberba e a rebeldia, que geralmente só se manifestam com o tempo, diante de situações específicas às quais somos submetidos.

Na carta aos Colossenses, o apóstolo Paulo apresenta pelo menos quatro níveis de santificação: o primeiro é a mortificação de pecados bem aparentes, como a prostituição e a avareza (Cl 3.5); o segundo é o abandono de pecados impregnados na alma humana e que se manifestam em alguns momentos, como, por exemplo, a ira, a maledicência e a mentira (3.8,9); já o terceiro é o revestimento de virtudes espirituais, como a misericórdia, a humildade e a mansidão; e o quarto é mais um revestimento: uma espécie de “sobretudo”, que é o amor, o vínculo da perfeição (3.14).

Isso não acontece dum dia para o outro. Requer-se tempo de dedicação e busca pessoal, em oração, jejum e obediência à Palavra de Deus. Se isso já é requerido de todo cristão, quanto mais dos que almejam a liderança.

Boas Obras

Da mesma forma que os pecados, existem boas obras que facilmente são percebidas. Outras, contudo, que não são feitas em público e que aparecem somente com o tempo. Estas, na verdade, costumam ser as mais autênticas. Assim, ao ficar impressionado com boas ações logo no começo, Timóteo poderia ser enganado. Como diz o conhecido adágio: “Nem tudo que reluz é ouro”.

Alguns exegetas entendem que a expressão “as que são doutra maneira não podem ocultar-se” (5.25) diz respeito a más obras, e não a boas obras. Assim, o sentido seria: boas obras aparecem facilmente, só que as más obras costumam ser ocultadas. Por isso, é preciso esperar com paciência para que os verdadeiros frutos apareçam, sejam bons, sejam maus (Mt 7.15-23; Lc 3.8,9; 6.43-49).

Em suma, podemos afirmar que o verdadeiro caráter e o temperamento precisam de tempo para serem realmente provados. Somente os frutos podem confirmá-los.

De Novo, a Questão do Vinho

Paulo recomenda a Timóteo que este não bebesse somente água, mas que usasse “um pouco de vinho” (5.23). Alguns eruditos veem nesse versículo certo embaraço para o entendimento vigente em nossas igrejas de abstinência total de vinho ou de quaisquer bebidas alcoólicas. Por outro lado, alguns intérpretes consideram que a referência do apóstolo seria ao vinho não fermentando ou não embriagante.

A dificuldade apontada pelos eruditos é apenas aparente, porque o texto é absolutamente claro quanto ao propósito do uso do vinho, que era medicinal e não embriagante. Assim, se fermentado ou não, não há na recomendação de Paulo a mínima margem para interpretar-se a aprovação do uso do vinho para fins embriagantes. O exame da motivação resolve a equação: Timóteo deveria usar o vinho para o bem da sua saúde.

Para Donald Stamps, o texto serve, na verdade, para demonstrar que Timóteo não fazia uso algum do vinho:

Este texto deixa claro que Timóteo não bebia nenhum dos tipos de vinho usados pelos judeus dos tempos do NT [...]. Se Timóteo tivesse o costume de beber vinho, não teria sido necessário Paulo aconselhá-lo a tomar um pouco de vinho com propósitos medicinais [...].¹²⁷

Discussões à parte, precisamos ser cautelosos e não nos entregar a nenhum tipo de extremismo. Uma saudável e consciente renúncia de tudo o que possa causar-nos algum tipo de mal é uma atitude sábia e prudente. Isso, porém, não pode levar-nos para o campo do ascetismo radical e às vezes cego, quando não hipócrita, descambiando para o farisaísmo, tão condenado por Jesus (Mt 23.23-39).

Precisamos aprender com Paulo que, a despeito dos argumentos do seu tempo, de que todas as coisas eram lícitas, ele soube

demonstrar equilíbrio, renunciando a tudo o que não era conveniente e não lhe trazia edificação. Assim escreveu aos coríntios: “Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas as coisas convêm; todas as coisas me são lícitas, mas eu não me deixarei dominar por nenhuma.”

Os Males do Vinho

São diversos os textos bíblicos que apontam para os perigos do vinho, razão que bem fazemos em mantermo-nos longe dele, assim como de qualquer bebida embriagante (Pv 23.29-32; Is 28.7; Ef 5.18). Provérbios 20.1 diz: “O vinho é escarnecedor, e a bebida forte, alvoroçadora; e todo aquele que neles errar nunca será sábio”.

Como já afirmamos noutro capítulo, não são poucos os exemplos de terríveis tragédias na vida de pessoas que escolheram relativizar essa recomendação. Em Jeremias 35.6-19, temos o belíssimo exemplo dos recabitas, que se mostraram zelosos pelo ensino do seu pai Jonadabe, filho de Recabe, abstendo-se totalmente de vinho, sendo, portanto, honrados por Deus, o Senhor.

Em muitas igrejas, como, por exemplo, na Assembleia de Deus, adota-se a abstinência total do vinho para fins embriagantes. Deborah Menken Gill apresenta duas principais razões para essa conduta:

Uma pessoa que se abstém completamente do álcool não se embriagará nem se tornará alcoólatra. Também não faria com que um ex-alcoólatra recaísse no pecado. É melhor prevenir do que remediar.¹²⁸

As Enfermidades de Timóteo

O texto bíblico não explicita quais enfermidades Timóteo enfrentava. Pela forma como Paulo fala, acredita-se que ele tinha problemas estomacais, o que se atribui à baixa qualidade da água de Éfeso. Conforme Donald Stamps, “Timóteo começara a ter distúrbios gástricos, provavelmente devido ao teor de álcali [metais alcalinos como o lítio, o sódio e o potássio] na água em Éfeso. Paulo,

portanto, declara que ele devia usar um pouco de vinho com aquela água para neutralizar os efeitos daninhos da alcalinidade”.¹²⁹

Paulo, todavia, também menciona “frequentes enfermidades” de forma indeterminada. Talvez fossem efeitos colaterais decorrentes do problema estomacal, o que indica que Timóteo tinha certa debilidade na saúde. Isso provavelmente representava um desafio a mais na vida daquele jovem obreiro e uma razão a mais para o seu mentor espiritual demonstrar preocupação e encorajamento.

É reconfortante quando vemos líderes que se preocupam de verdade com a vida dos seus liderados, demonstrando como se é valorizado não apenas o trabalho do obreiro, mas também a sua pessoa em todos os aspectos no Reino de Deus. Isso é fruto de verdadeiro amor e sincera afeição. Fica evidenciada, portanto, a afetuosidade que havia entre Paulo e Timóteo, um jovem cooperador que servia ao lado do apóstolo “como filho ao pai” (Fp 2.22).

Timóteo havia-se entregado à mentoria de Paulo desde os primeiros anos da sua fé (At 16.1-5) e foi obediente e fiel em todas as missões que recebeu. Que o Senhor Deus continue levantando “Paulos” e “Timóteos” para o bem da sua Igreja.

¹¹⁴ KEENER, Craig S. **Comentário Histórico-Cultural da Bíblia**.1.ed. São Paulo: Vida Nova, 2017, p. 728.

¹¹⁵ Versão Almeida Revista e Corrigida.

¹¹⁶ In: **Novo Testamento Interlinear Analítico. Texto Majoritário com Aparato Crítico**.2.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2008, p. 787.

¹¹⁷ HENDRIKSEN, William. **Comentário do Novo Testamento. 1 e 2 Timóteo e Tito**.2.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 229.

¹¹⁸ Ibidem.

¹¹⁹ In: **Comentário Bíblico Beacon. Vol. 9. Gálatas a Filemon** . 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2020, p. 492.

¹²⁰ KELLY, John N. D. **I e II Timóteo e Tito. Introdução e Comentário**.1.ed. São Paulo: Vida Nova, 1983, p. 121,22.

¹²¹ LOPES, Hernandes Dias. **1 Timóteo. O Pastor, Sua Vida e Sua Obra**.1.ed. São Paulo: Hagnos, 2014, p. 125,26.

¹²² FEE, Gordon. **Novo Comentário Bíblico Contemporâneo. 1 & 2 Timóteo, Tito**.1.ed. São Paulo: Editora Vida, 1994, p. 141.

¹²³ Na página 1872 da *Bíblia de Estudo Pentecostal* (CPAD, 2009), comentando 1 Timóteo 5.22, Donald Stamps trata dos principais critérios para a ordenação de presbíteros, demonstrando um claro entendimento de que o texto refere-se ao processo de separação de oficiais para a igreja.

¹²⁴ *Op. cit.*, p. 232.

¹²⁵ BOOR, Werner & BÜRKL, Hans. **Cartas aos Tessalonicenses, Timóteo, Tito e Filemom**.1.ed. Curitiba, Editora Evangélica Esperança, 2007, p. 266.

¹²⁶ STOTT, John. **Lendo Timóteo e Tito com John Stott**.1.ed. Viçosa: Ultimato, 2019, p. 68.

¹²⁷ In: **Bíblia de Estudo Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2009, p. 1872.

¹²⁸ In: **Comentário Bíblico Pentecostal. Novo Testamento. Volume 2. Romanos–Apocalipse**.4.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2009, p. 674.

¹²⁹ *Ibid.*

Capítulo 10

A SEGUNDA CARTA A TIMÓTEO

(2 Tm 1.1,2; 2.1,2; 3.1-5)

O capítulo anterior foi encerrado com as recomendações feitas por Paulo a Timóteo em relação ao julgamento dos presbíteros, além da nota pessoal relativa à sua saúde. Convém dizer, contudo, que a Primeira Carta a Timóteo é fechada com o capítulo 6, que trata dos deveres dos servos e exortações finais ao jovem pastor, reforçando a necessidade de zelo com a doutrina e recomendações gerais, especialmente relativas ao valor da piedade e o perigo de perdição em função do amor ao dinheiro.

Timóteo é exortado a apegar-se à vida de adoração e serviço a Deus, contentando-se com o necessário para o seu viver (“Tendo, porém, sustento e com que nos cobrirmos, estejamos com isso contentes” — 6.8) e guardando a fé e o evangelho (“o depósito”, v. 20) que lhe foram confiados.

Enviada essa primeira carta da região da Macedônia (Europa), a expectativa de Paulo de retornar à Ásia Menor (atual Turquia) e rever a Timóteo não se confirmou. Ele foi preso, provavelmente em Nicópolis, cidade localizada na costa ocidental da Grécia, por volta do ano 65 d.C. e levado a Roma por ordem de Nero, imperador romano de 54 a 68 d.C.¹³⁰¹³¹

Recordemos que o mundo vivia uma profunda agitação diante da primeira grande perseguição aos cristãos, iniciada logo depois que foram culpados por Nero pelo incêndio de Roma, ocorrido entre os dias 18 e 24 de julho de 64 d.C., muito provavelmente a mando do próprio imperador.

O contexto da Segunda Carta de Paulo a Timóteo é, bem provavelmente, o ano 67, quando o apóstolo já estava consciente de que o tempo da sua partida estava próximo. Preso em cadeias, o grande pregador dos gentios escreve a sua última carta, endereçando-a ao seu mais próximo cooperador, convocando-o a que viesse rapidamente a Roma para assisti-lo. É, portanto, o texto mais pessoal de todos os escritos por Paulo. O velho apóstolo manifesta a sua profunda afeição ao seu fiel cooperador e emite claros sinais de que lhe está passando a tocha ministerial.

Na ordem cronológica, a carta a Tito foi escrita antes de 2 Timóteo, que aqui é estudada na sequência de 1 Timóteo para que tenhamos uma continuidade imediata do processo histórico de comunicação entre Paulo e o seu mais próximo auxiliar. Aliás, é nessa ordem que as cartas estão organizadas na Bíblia: 1 Timóteo, 2 Timóteo e Tito.

A Firmeza de Paulo

Dos 13 livros de autoria paulina, a Segunda Carta a Timóteo é o último deles. O prefácio da obra apresenta-nos Paulo chegando ao fim da sua vida e, consequentemente, do seu ministério com a mesma firmeza que demonstrou ao longo da carreira. Mesmo preso e tratado como um criminoso (2 Tm 2.9), ele identifica-se como “apóstolo de Jesus Cristo”.

Paulo converteu-se por volta do ano 35 d.C. Desde então, experimentou terríveis sofrimentos por causa da sua fé e do apostolado que abraçou. Um relato parcial das suas aflições está em 2 Coríntios 11.23-27. A passagem inclui açoites, prisões, apedrejamento, naufrágios, fome e sede, frio e nudez. Cerca de 32 anos depois (provavelmente em 67 d.C.), ele permanece firme na fé e na missão apostólica.

Paulo jamais pôs o seu interesse em “negócio[s] dessa vida” (2 Tm 2.4), o que incluiu abster-se dos debates políticos da sua época. Não que Paulo não fosse conhecedor da realidade do seu tempo! Aliás, ele estava preso por ordem de Nero, que, como já assinalado, governou Roma de 54 a 68 d.C. A cidade havia sido incendiada

talvez pelo próprio imperador sanguinário, que, contudo, pôs a culpa nos cristãos. O mundo estava em grande agitação.

Paulo passa distante disso tudo. O seu texto não faz uma referência sequer a esses fatos, nem mesmo indiretamente. Envolver-se com os temas do mundo só prejudicaria o exercício do seu ministério. Ele entendeu até o fim que era “apóstolo de Jesus Cristo, pela vontade de Deus”.

O Engajamento Político

O engajamento dos cristãos na política não tem produzido nenhum resultado positivo duradouro ao longo da história. Conquanto seja possível a participação do cristão em toda e qualquer área lícita da vida humana, o que inclui a vida pública, o engano está em acreditar que esse ativismo tem o poder de “redimir” as estruturas políticas ou culturais, “resgatando” a sociedade.

Há muita literatura sobre *Cosmovisão Cristã* que prega a crença na restauração da cultura no tempo presente através do engajamento da igreja. Michael W. Goheen e Craig G. Bartholomew escrevem:

Se a redenção é, como a Bíblia ensina, a restauração de toda a criação, então nossa missão é encarnar essas boas-novas: cada aspecto da vida da criação, incluindo-se a vida pública de nossa cultura, está sendo restaurado. As boas-novas serão evidentes em nosso cuidado com o meio ambiente, em nossa maneira de abordar as relações internacionais, a justiça econômica, os negócios, os meios de comunicação, a vida acadêmica, a família, o jornalismo, a indústria e o direito.¹³²

Esses autores, porém, não apenas defendem a restauração presente das estruturas da vida humana como uma missão da igreja. Refutam o pensamento das igrejas evangélicas que defendem a ação evangelística, apontando para o mundo o caminho para o Céu:

Mas, se a redenção dissesse respeito apenas a uma salvação extramundana (como, por exemplo, Moody acreditava), nossa missão seria reduzida ao tipo de evangelização que tenta levar as pessoas para o céu. A maior parte da vida estaria, então, fora do alcance da missão da igreja.

Seríamos obrigados a entregar a maior parte da criação de Deus aos poderes malignos que a reivindicam para si e fracassaríamos em nosso chamado de proclamar que Cristo é Criador e Senhor de tudo.¹³³

Ocorre que, de fato, a missão da Igreja é pregar o evangelho para a salvação individual das pessoas, o que certamente influencia na melhoria do corpo social. Isso não pode ser confundido com uma suposta cristianização de governos, atividades culturais, economia ou qualquer outra área da vida humana. A expressão joanina é muito contundente: “Sabemos que somos de Deus e que todo o mundo está no maligno” (1 Jo 5.19).

O mundo é irremediável como sistema. Por isso a pregação de Pedro era estimulando as pessoas a afastarem-se do meio corrupto em que viviam: “Salvai-vos desta geração perversa” (At 2.40), a exatamente a “salvação extramundana” que Goheen e Bartholomew veem como insuficiente. Mas não há outra saída senão esta, diante do mais nítido anúncio do avanço da maldade nos últimos tempos, e não da restauração que certos setores evangélicos esperam. Nas próprias cartas de Paulo a Timóteo, está bem claro o aprofundamento do pecado nos últimos tempos, com terrível reflexo dentro das próprias igrejas (1 Tm 4.1-7; 2 Tm 3.1-5). E o conselho de Paulo ao homem de Deus é: “afasta-te” (2 Tm 3.5).

Não se trata, portanto, de ser pessimista, mas, sim, de compreender a realidade espiritual do mundo e firmarmo-nos na promessa redentora contida nas Escrituras, que vai além desse mundo e aponta para novos céus e nova terra, como escreveu o apóstolo Pedro (2 Pe 3.11-13).

Essa sempre foi a crença que orientou a vida e a missão das igrejas pentecostais, que sempre enfatizaram o evangelho quadrangular: *Jesus salva, cura, batiza no Espírito Santo e breve voltará*, como consta na *Declaração de Fé das Assembleias de Deus* (CPAD, 2017). Com uma escatologia pré-milenista, os pentecostais creem que o mundo avança de mal a pior, até que ocorra o arrebatamento da Igreja e o Anticristo manifeste-se na terra (2 Ts 2.8-12). A terra somente terá um tempo de verdadeira paz e justiça com a vinda de Jesus para o julgamento das nações e

implantação do seu reino milenial (Jd 14; Lc 21.27; 1.32,33; Ap 20.2,3; Is 2.3; Mq 4.2-4).

Por mais bem intencionados que sejam os agentes públicos, não nos deixemos enganar: há um sistema mundano influenciado pelo Diabo que domina as estruturas humanas em função do pecado. Todo esse sistema caminha rumo à perdição. A saída não está aqui. O caminho é para cima; é para o Céu. Sempre que a Igreja deixa de considerar essa realidade e desenha um cenário de restauração e domínio pela política, há grande frustração.

A igreja brasileira ainda se ressentida de uma intensa espiritualização do processo político, que levou muitos a um verdadeiro fanatismo, esperando mais do que se deveria de figuras públicas. A política secular é importante, mas é preciso haver muito cuidado para que não a tornemos uma religião ou parte dela, pois isso produz gravíssimos prejuízos pessoais e para a igreja.

Como Paulo, devemos ficar em nossas trincheiras, conhecendo a vontade de Deus e cumprindo-a até ao fim. Assim fazendo, trabalharemos pela implantação do Reino de Deus por meio de atitudes justas e honestas, fundadas no amor de Deus. Não se trata de ter uma atitude conformista ou passiva, mas, sim, de compreender a natureza espiritual dos problemas da humanidade (Rm 12.2) e usar as armas próprias: “Porque as armas da nossa milícia não são carnis, mas, sim, poderosas em Deus, para destruição das fortalezas; destruindo os conselhos e toda altivez que se levanta contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo entendimento à obediência de Cristo” (2 Co 10.4,5).

A Promessa da Vida

A firmeza de Paulo quanto à sua fé e ao exercício do seu ministério estava na compreensão do propósito escatológico da sua conversão e chamado. O que nutria o apóstolo e fazia-o permanecer firme na sua carreira era “a promessa da vida que está em Cristo Jesus” (1.1). Essa “vida em Cristo” tem o caráter presente, mas tem, acima de tudo, o caráter futuro, o da eternidade (1 Tm 4.8). Como Paulo já

dissera aos coríntios: “Se esperamos em Cristo só nesta vida, somos os mais miseráveis de todos os homens” (1 Co 15.19).

A grande tônica dessa segunda carta é a esperança escatológica do apóstolo em relação a ele mesmo e a todos os que amarem a vinda de Jesus (2 Tm 4.8). Se não fosse assim, as circunstâncias vividas por Paulo seriam absolutamente desanimadoras.

Como um jovem judeu devoto e culto (Fp 3.4-8; Gl 1.13,14), Paulo deixou uma carreira pessoal altamente promissora e abraçou um ministério que lhe trouxe intensos sofrimentos e agora o fazia viver desamparado numa terrível cadeia romana (2 Tm 4.9-16). Se não fosse a esperança celestial, teria valido à pena?

Conservando a Esperança

Paulo deixa-nos um exemplo inspirador de como devemos conservar a esperança em Cristo para a vida eterna (2 Co 4.16-18; 1 Tm 1.16; 6.12); uma vida além dessa passageira realidade terrena (Ec 12.1-8; Tg 4.13,14). Não podemos deixar que essa esperança que aponta para a “cidade [que] está nos céus” (Fp 3.20,21) seja sufocada por nada.

Nos últimos tempos, teologias importadas pela igreja evangélica brasileira têm difundido uma cosmovisão muito voltada para o presente século. A pregação escatológica — do Jesus que breve voltará! — tem sido substituída, em grande parte, por discursos sobre temas seculares, com ênfase no *aqui e agora*.

A crença numa “redenção da cultura” tem ganhado muito espaço, e a sua verbalização vem expondo o enfraquecimento da esperança no Reino celestial. Todos esperamos uma redenção de todas as coisas. A diferença está na crença no tempo e no modo dessa restauração, ou seja, quando e como isso acontecerá.

Não há dúvida de que as Escrituras apontam para um mundo restaurado e um Reino eterno; não, porém, a partir da mesma estrutura de vida ora existente, mas de “novos céus e nova terra” (Ap 21.1), após uma destruição cataclísmica de tudo o que hoje está aos nossos olhos (2 Pe 3.10).

O Amado Filho Timóteo

Na primeira carta, Paulo dirige-se a Timóteo usando a expressão “meu verdadeiro filho na fé”. Agora, há uma expressão ainda mais afetuosa. O tratamento de “amado filho” revela o profundo sentimento de Paulo pelo seu principal cooperador, certamente acentuado em função do tempo longe de Timóteo e a expectativa da sua morte. Tudo isso produziu em Paulo lembranças singulares e ainda mais afetivas do seu fiel cooperador (1.4).

Não é incomum a nenhum ser humano tornar-se mais afável quando chega a velhice ou quando passa a viver qualquer circunstância que o torne mais sensível, especialmente a iminência da morte. Já havia algum tempo que Paulo considerava-se velho, como vemos em sua autoapresentação na carta a Filemom: “Todavia, peço-te, antes, por amor, sendo eu tal como sou, Paulo, o velho e também agora prisioneiro de Jesus Cristo” (Fm 6).

O apóstolo também se sentia abatido naquela circunstância, certamente por estar na prisão, onde conheceu Onésimo, em favor de quem escreve ao seu senhor, a quem chama de “amado Filemom” (Fm 1). Isso pode parecer irrelevante, só que a sutil diferença entre a saudação da primeira carta a Timóteo e a segunda pode, sim, estar revelando um estado de espírito ainda sensível de Paulo. Na primeira carta, Timóteo é “verdadeiro filho na fé”. Na segunda, “amado filho”.

O sentimento entre ambos tornou-se mais intenso, movido pela recíproca afetividade e pela correspondência de dedicação e fidelidade de um para com o outro. Quando refletimos a respeito do bem que alguém faz por nós, isso geralmente produz um sentimento de profundo amor e afeição. Por outro lado, o apelo veemente que Paulo faz a Timóteo na segunda carta também está sinalizado, desde logo, pela maneira como o apóstolo dirige-se ao seu fiel cooperador.

“Fortifica-te na Graça”

Outra característica específica dessa segunda carta é a emissão de claros sinais de que Paulo está passando a tocha ministerial para Timóteo: “Tu, pois, meu filho, fortifica-te na graça que há em Cristo Jesus. E o que de mim, entre muitas testemunhas, ouviste, confia-o a homens fiéis, que sejam idôneos para também ensinarem outros” (2.1,2).

Para atender a esse comissionamento, Timóteo precisaria fortificar-se. No grego, “fortifica-te” é *endynamoō* e quer dizer “crescer em força” ou “continue a fortificar-te”. Isso exigiria de Timóteo uma resposta pessoal contínua. Crescer com a ajuda de Deus sempre; fortalecido pela graça divina.

Do grego *charis*, graça é “favor imerecido”. Por meio dela, Cristo opera em nós no aspecto salvífico (Ef 2.8) e no aspecto capacitador, habilitando-nos a viver a vida cristã e a servi-lo, como disse Paulo aos coríntios: “[...] trabalhei muito mais do que todos eles; todavia, não eu, mas a graça de Deus, que está comigo” (1 Co 15.10).

Paulo tinha plena consciência do quanto a graça de Deus era imprescindível para uma vida cristã vitoriosa e para o exercício de um ministério eficaz. Uma das suas mais profundas experiências com o poder da graça foi quando recebeu o “espinho na carne” (2 Co 12.1-10).

“Sofre, pois, comigo”

A vida cristã é um chamado ao sofrimento (Lc 9.23; Jo 15.18,19; 17.14-16; 1 Pe 4.12-16). Paulo disse a Timóteo: “[...] todos os que piamente querem viver em Cristo Jesus padecerão perseguições” (2 Tm 3.12). Abraçar o evangelho de Cristo e vivê-lo na sua inteireza impõe-nos uma luta constante contra nossa própria natureza e o mundo hostil, que está sob o poder do maligno (Rm 12.1,2; 1 Jo 5.19).

Confrontar o sistema mundano com atitudes individuais de amor, pureza, justiça e honestidade é um desafio diário para todo cristão (Mt 5.38-48). Mais do que um mero ativismo religioso, político ou ideológico, nosso grande desafio é cumprir a vontade de Deus em nossa vida, como indivíduos. Os reflexos disso na sociedade são

consequências de nosso viver como sal da terra e luz do mundo (Mt 5.13-16).

A vocação ao serviço cristão traz-nos responsabilidades ainda maiores. Por isso, Paulo encoraja Timóteo a compartilhar das suas aflições: “Sofre, pois, comigo, como bom soldado de Cristo” (2 Tm 2.3). O sofrimento de Timóteo, assim como de todos quantos compreendem o que é servir a Cristo e aceitam isso com resignação, será recompensado por Jesus no seu Reino eterno (2 Tm 2.11,12).

Tempos Trabalhosos

A expressão “últimos dias” aparece no Novo Testamento como “a era cristã na sua totalidade”.¹³⁴ Em Atos 2.17, Pedro cita “últimos dias” como a era da Igreja, já presente no dia de Pentecostes. Donald Guthrie entende que tem aplicação em muitos períodos ao longo da História da Igreja:

Os últimos dias é uma expressão usual no Novo Testamento que denota o período imediatamente anterior à consumação da era presente. No entanto, no pensamento do apóstolo esse tempo futuro não está dissociado de seu próprio tempo, pois do versículo 6 em diante ele usa o tempo presente, e não o futuro. A afirmação de que *haverá tempos difíceis* (*chalepos*, “penosos”) não deve, portanto, restringir-se à interpretação escatológica. A descrição a seguir tem, na verdade, uma aplicação tão geral que na prática tem sido utilizada para denunciar muitos períodos de corrupção moral ao longo da história da igreja.¹³⁵

Embora seja verdadeiro que períodos de profunda corrupção moral são confirmados em todos os tempos da história, há claros indicativos de um agravamento do quadro de degradação ao longo das eras, e há textos bíblicos que indicam que esse período mais crítico trata dos tempos do fim, os dias que antecedem a volta de Cristo, quando o quadro moral da humanidade seria ainda mais tenebroso (2 Pe 3.3; 1 Tm 4.1; Jd 17,18).

Esse agravamento é indicado por Paulo a Timóteo também pelo uso da expressão “de mal a pior”, contida em 2 Timóteo 3.13. Os dias de Paulo e Timóteo já eram difíceis, só que dias ainda mais

trabalhosos estavam por vir. Essa escalada do mal é infelizmente crescente e não será eliminada senão com o retorno triunfal de Cristo para julgar as nações e implantar o seu reino milenial, como já assinalamos (Is 9.6,7; Mq 4.1-8; Zc 14.1-9; Mt 25.31,32; Ap 20.1-6).

“Haverá Homens”

A expressão usada por Paulo reforça o que temos afirmado: o grande problema da humanidade começa com o pecado de cada indivíduo, assim como a falência do corpo começa com a degeneração das células. Paulo era bem consciente de que a origem do problema da humanidade não era estrutural ou coletiva, mas individual. Por isso, não nutria esperança alguma em estruturas humanas. Os “tempos trabalhosos” são uma consequência da perversão pessoal (3.2).

As características apontadas por Paulo são um nítido retrato do que vivemos em nossos dias: egoísmo (“amantes de si mesmos”), materialismo (“avarentos”), arrogância (“presunçosos, soberbos”), rebeldia (“desobedientes a pais e mães”), ingratidão, profanação, desprezo aos valores familiares (“sem afeto natural”), hostilidade, calúnia, crueldade, ódio ao bem e apego ao mal, busca desenfreada de prazeres (hedonismo) (2 Tm 3.2-4).

Hans Bürki observa que, “em cada caso, a estrutura de pecado do indivíduo e no indivíduo cria estruturas pecaminosas na sociedade que ‘confirmam’ o pecador e o amarram ao pecado (cf. 2Tm 2.26)”.¹³⁶ O texto paulino citado por Bürki refere-se à prisão dos indivíduos pelos “laços do diabo”. Assim, a solução somente se obtém com a libertação desses mesmos indivíduos dos “laços do diabo”, e não pelo enfrentamento de estruturas coletivas, pois as tais foram criadas pelos indivíduos aprisionados às práticas pecaminosas.

Há uma história de certo pregador que precisava preparar uma mensagem para o culto da noite, mas havia ficado responsável por cuidar do seu filho. O garoto a todo o momento ia ao escritório do pai para perguntar-lhe alguma coisa ou chamá-lo para brincar. O pai

usou várias maneiras para entreter o filho, mas ele sempre voltava a procurá-lo. O tempo passava, e o pregador não conseguia preparar a sua mensagem. Foi então que teve uma ideia: lembrou-se de que havia um quebra-cabeça de um mapa-múndi na casa. O pai pegou as peças e entregou-as ao filho:

— Filho, monta esse quebra-cabeça do mapa do mundo e depois traz ele aqui para o papai.

Poucos minutos depois, o garoto já estava de volta com o mapa-múndi montado. O pai, todo surpreso, perguntou:

— Mas, filho, como é que você conseguiu montar isso tão rápido?!

O filho então lhe mostra o outro lado do mapa e diz ao pai:

— Pai, eu vi que a parte de trás das peças eram do corpo de um homem. Eu só juntei essas peças.

O pregador então entendeu que estava recebendo a mensagem de que precisava para aquela noite: Restaure o homem, e o mundo será restaurado.

É por isso que podemos afirmar com segurança que o papel da Igreja numa sociedade tão corrompida continua sendo o mesmo: pregar o evangelho a toda criatura (Mc 16.15), pois o evangelho é “[...] poder de Deus para salvação de todo aquele que crê” (Rm 1.16). Todos os que são libertos dos seus pecados passam a viver uma nova vida, influenciando positivamente a sociedade que os cerca.

“Destes afasta-te”

Quando alguém é um pecador confesso, nossa convivência comum serve para que essa pessoa testemunhe a obra de Deus em nós e possa desejar a mesma transformação e graça para viver liberto do pecado (Fp 2.15).

No texto de 1 Timóteo 3.5, Paulo trata, contudo, dos que buscam encobrir as suas iniquidades com uma “aparência de piedade” (3.5). Uma religiosidade falsa, em que se fala em Deus, mas vive-se segundo os próprios desejos. É a negação da eficácia da piedade, isto é, do poder do evangelho. Nesse caso de extrema hipocrisia, a recomendação bíblica é: “afasta-te”.

Nos dias de Timóteo, eram os “falsos mestres”, “gostavam das expressões visíveis, das práticas ascéticas e das discussões sem fim de ninharias teológicas, julgando-se obviamente justos, porque obviamente eram religiosos”, os quais, “por isso mesmo [...] ‘negavam’ o **poder** essencial da *eusebeia* [piedade] cristã, uma vez que assumiam tantas das atitudes e práticas ‘irreligiosas’ que caracterizavam o mundo pagão”.¹³⁷

Conclusão

A missão de Timóteo já não era fácil e certamente se tornaria ainda mais difícil com o aumento da perversidade. Amadurecido na fé e próximo da sua morte, Paulo precisava conscientizar o seu jovem cooperador da realidade da vida cristã e dos desafios da vida ministerial. Assim como para Timóteo, o segredo para todos nós é fortificarmo-nos na graça que há em Cristo Jesus. Ele venceu o mundo e também nos capacita para que o vençamos (Jo 16.33; Rm 8.37-39).

¹³⁰ Nicópolis foi a cidade mencionada por Paulo na sua carta a Tito (Tt 3.12) como o lugar onde pretendia passar o inverno. “Embora existam pequenas cidades com esse nome na Trácia e Cilícia, Paulo sem dúvida estava referindo-se àquela ‘cidade da vitória’ fundada por Augusto em Epiro, na costa ocidental da Grécia. Era uma cidade grande e florescente e Paulo chamou Tito de Creta para vir ajudá-lo nesse lugar. Nessa cidade, Paulo provavelmente foi preso e levado para Roma pela última vez” (**Dicionário Bíblico Wycliffe**. CPAD, 2006, p. 1360).

¹³¹ Defende-se também a ideia de que Paulo tenha sido preso em Trôade, ainda na Ásia Menor, onde deixou alguns bens pessoais, como a capa, livros e pergaminhos (2 Tm 4.13).

¹³² GOHEEN, Michael W. & BARTHOLOMEW, Craig G. **Introdução à Cosmvisão Cristã**. 1.ed. São Paulo: Vida Nova, 2016, p. 108.

¹³³ Ibid.

¹³⁴ **Bíblia de Estudo Pentecostal**, p. 1180.

¹³⁵ GUTHRIE, Donald. **1 e 2 Timóteo e Tito. Introdução e Comentário**. 1.ed. São Paulo: Vida Nova, 2020, p. 163.

¹³⁶ BOOR, Werner & BÜRKI, Hans. **Cartas aos Tessalonicenses, Timóteo, Tito e Filemom**. 1.ed. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2007, p. 349.

¹³⁷ FEE, Gordon D. **Novo Comentário Bíblico Contemporâneo. 1 e 2 Timóteo e Tito**. 1.ed. São Paulo: Editora Vida, 1994, p. 285.

Capítulo 11

SEJA FIRME

(2 Tm 1.3-18)

Quando somos chamados por Deus para servi-lo, Ele não nos mostra de imediato todas as circunstâncias difíceis pelas quais precisaremos passar. Ele simplesmente nos revela com o tempo, conforme nos prepara para vencer cada obstáculo. O Senhor providencia meios para encher-nos de coragem, força e capacidade para que possamos superar todas as dificuldades. Timóteo não tinha ideia da dimensão dos problemas que ele teria de enfrentar como auxiliar de Paulo quando começou a segui-lo ainda muito jovem, talvez com uns 20 anos de idade (At 16.1-3).

As experiências que ele teria ao longo do seu ministério ao lado do apóstolo dos gentios iriam capacitá-lo para missões difíceis, como, por exemplo, dirigir a igreja em Éfeso na condição de representante de Paulo em tempos tão conturbados, principalmente pela presença dos falsos mestres.

Depois de pretender rever Timóteo pessoalmente e não conseguir fazê-lo, Paulo escreve de maneira profundamente terna a fim de encorajá-lo a continuar firme na missão que ele recebera e, decerto, nos muitos desafios que ainda teria pela frente. Não nos esqueçamos de que Timóteo foi o principal sucessor de Paulo, tendo em vista ter sido o seu auxiliar mais próximo em todo o tempo de ministério.

A tônica do texto de 2 Timóteo 1.3-18 é a transmissão de uma palavra de estímulo a Timóteo, o que é de grande importância especialmente porque vinha de alguém que o jovem pastor tinha

como referência e que demonstrava profundo e sincero interesse no seu progresso. O exemplo de Paulo é bastante eloquente e propício para todos os tempos. Jovens líderes precisam ser estimulados por obreiros mais experientes, com os quais estejam servindo com fidelidade e dedicação.

Havia uma razão especial para a atitude de Paulo no caso de Timóteo: os traços de timidez que eram vistos no seu auxiliar. O apóstolo buscava estimulá-lo a ser firme, valorizando e investindo no dom que havia recebido de Deus. Na primeira carta, Paulo disse a Timóteo que não desprezasse o dom (1 Tm 4.14). Na segunda, que despertasse o dom (2 Tm 1.6).

No texto em estudo, o apóstolo demonstra a sua confiança na sinceridade de fé do seu principal cooperador, fundamento para o exercício do seu dom no poder do Espírito Santo. Era isso que daria ao jovem pastor as condições para permanecer firme, participando das aflições do evangelho.

As Lembranças de Paulo

O texto de 2 Timóteo 1.3-5 faz-nos lembrar de um conceito que tem sido muito usado atualmente: a memória afetiva. A psicologia assim nomina as experiências emocionais que temos quando, influenciados por algum elemento sensorial ou emocional, nos lembramos de algumas fases de nossa vida, principalmente da infância. Apesar de precisarmos ser cuidadosos com muitos conceitos e teorias da psicologia moderna, não podemos ignorar o quanto somos influenciados por nossos relacionamentos, desde a vida intrauterina.¹³⁸

Temos um exemplo clássico na Bíblia de reações emocionais de uma criança ainda no ventre. Aconteceu quando Maria, após receber a visita do anjo Gabriel e o anúncio do nascimento de Jesus, foi visitar a sua prima Isabel, que estava grávida de João Batista: “E aconteceu que, ao ouvir Isabel a saudação de Maria, a criancinha saltou no seu ventre; e Isabel foi cheia do Espírito Santo” (Lc 1.41). No versículo 44 do mesmo capítulo, está registrada a emoção sentida pela criança: “Pois, eis que, ao chegar aos meus

ouvidos a voz da tua saudação, a criancinha saltou de alegria no meu ventre”.

As experiências vividas na infância são determinantes para o pleno desenvolvimento do ser humano, especialmente porque são revisitadas ao longo da vida. O pastor Jamiel Lopes aborda esse assunto no seu livro *Psicologia Pastoral*:

[...] a experiência da primeira infância é um fator determinante e eficiente do comportamento adulto. Um dos determinantes básicos na formação da personalidade pode ser as atitudes dos pais em relação à criança. Algumas dessas atitudes podem ser positivas, contribuindo para um melhor desenvolvimento da personalidade do filho; outras, porém, são negativas, prejudicando esse desenvolvimento.¹³⁹

Como exemplo de atitudes negativas e as suas consequências, o pastor Jamiel cita: rejeição da criança por parte de seus pais; superproteção dos pais; uso abusivo de autoridade sobre o filho; e falta de uma hierarquia de valores estabelecidos.¹⁴⁰

A psicóloga cristã Elaine Cruz usa a expressão “lembranças afetivas” quando se refere a essas experiências do passado e ressalta a possibilidade de seguirmos em frente “escolhendo com sabedoria novas figuras de afeto, como cônjuges, filhos, irmãos na fé e amigos”.¹⁴¹

Tenho três filhos e lembro-me muito bem de momentos extraordinários que vivemos juntos quando eles eram bem pequenos. Nossas muitas viagens; as histórias que lhes contei durante anos seguidos; as muitas brincadeiras, como de “esconde-esconde” dentro de casa; as suas expressões e gestos ternos ou engraçados, etc. Da mesma forma, tenho minhas próprias lembranças de meus pais, as quais muito me influenciam ao longo da vida. Outras pessoas, mesmo que não sejam da família, passam por nossa vida e também nos influenciam positiva ou negativamente.

No caso de Timóteo, as experiências e memórias e as suas consequências eram positivas, tanto da parte da sua mãe Eunice e a sua avó Loide como da de Paulo, o seu mentor espiritual, a quem ele considerava como pai (Fp 2.22). De igual forma, eram positivas

as lembranças do próprio Paulo, do seu relacionamento com Timóteo e do que esse relacionamento expressava em decorrência do berço espiritual e fraterno que o seu jovem auxiliar havia recebido, pois o apóstolo diz: “Trazendo à memória a fé não fingida que em ti há, a qual habitou primeiro em tua avó Lóide e em tua mãe Eunice, e estou certo de que também habita em ti” (2 Tm 1.5).

As memórias afetivas, portanto, eram todas positivas, e isso nos desperta para a necessidade de produzir bons sentimentos nas pessoas com as quais convivemos, sabendo que isso servirá de nutrição afetiva e emocional por toda a vida, além do reflexo positivo que causará na estrutura espiritual.¹⁴² Um dado bem relevante que encontramos no Antigo Testamento é o fato de que Deus, por várias vezes, apresentou-se ou foi referido como “o Deus de seus pais” ou “o Deus de meu pai” (Gn 26.24; 28.13-15; Êx 3.6; 4.5; Dt 1.11; 1 Cr 29.18).

Isso certamente remetia ao relacionamento dos pais com Deus e como isso se refletia no relacionamento desses pais com os seus filhos. Abraão é um grande exemplo de um pai extraordinário, que soube cultivar profunda amizade com o seu filho Isaque, bem revelado especialmente no episódio da viagem e da decisão de sacrifício no monte Moriá (Gn 22.1-19).

No texto em estudo, o relacionamento de Paulo, como um pai, e Timóteo, como um filho, expressava amor e ternura que contribuía para o conforto espiritual de ambos. A referência, portanto, era positiva. Isso veio à mente de Paulo de maneira mais profunda e afetiva quando ele estava preso em Roma. As condições difíceis desse seu segundo aprisionamento e o avanço do seu processo judicial, que apontava para um fim fatídico (4.6), certamente contribuíram para que o apóstolo buscasse na sua memória momentos que lhe trouxessem alegria. Foi exatamente o que ele disse em relação a Timóteo: “[...] lembrando-me das tuas lágrimas, para me encher de gozo” (1.4).

Paulo provavelmente se recordava de momentos de devoção compartilhados com Timóteo, ou de quando se despediram na Ásia durante a sua viagem depois do seu primeiro aprisionamento (1 Tm

1.3). O que sabemos pelo texto paulino é que as memórias eram boas e bem reconfortantes naquele difícil momento que o apóstolo vivia.

Construindo Bons Relacionamentos

Vivemos dias de relacionamentos superficiais. O ambiente virtual tem-nos afetado drasticamente, afastando-nos das pessoas em nosso mundo real. Isso pode infelizmente nos causar prejuízos irreparáveis. No caso de Paulo e Timóteo, o extraordinário relacionamento que mantiveram foi um dos principais fatores de inspiração na vida de ambos. Eles tornaram-se para nós exemplos de fé e dedicação, mas também são exemplos de companheirismo, lealdade e afetuosidade.

Como já enfatizamos, Timóteo servia a Paulo como se este fosse o seu pai (Fp 2.22), e Paulo tratava-o como filho. Além de ser muito importante para nossa vida no presente, construir bons relacionamentos serve como fonte de alegria e conforto no futuro. Quando temos boas lembranças, sentimos alegria; no entanto, quando as recordações não são boas, o quadro é de tristeza.

Não são poucos os casos de angústia e depressão vistos nos tempos atuais por causa de maus relacionamentos, rejeições, agressões, indiferença, desprezo e abandono. Por isso, precisamos ser mais altruístas, pensar mais nos outros, inclusive lhes dedicando tempo de qualidade para aproximar e aprofundar os relacionamentos e criar boas memórias. Somente com a graça de Deus podemos vencer o egoísmo a fim de termos força espiritual e moral para amar e servir uns aos outros, a começar por nossos familiares, dedicando-lhes atenção, com gestos concretos de respeito e muito apreço (Rm 12.9,11; 1 Co 14.13-7).

Qualquer que seja o histórico de vida e o quadro individual presente, não podemos jamais desconsiderar a responsabilidade pessoal, inclusive para abrir-se caminho para transformações. Isso quer dizer que não podemos lançar a culpa de todos os nossos males em outras pessoas e simplesmente nos fazer de vítimas. Ainda que realmente tenhamos sido vítimas de algum tipo de

agressão ou abandono, devemos reagir e buscar vencer os reflexos dessas atitudes negativas, o que podemos fazer especialmente crendo no poder que há em Cristo, o mais rejeitado entre os homens (Is 53.3).

A dra. Elaine Cruz dá testemunho da sua experiência como psicóloga clínica há mais de 30 anos e afirma:

Ao longo desses anos como terapeuta, uma certeza se instaurou: por melhor que seja a técnica ou a metodologia psicológica, quando o paciente não quer mudança, nada acontece. E o mesmo acontece com a vida cristã — precisamos querer e aplicar na nossa vida a ajuda e o poder que recebemos em Deus para mudar nossa personalidade.¹⁴³

Lembranças e Orações

A prática da oração é um grande sinal do nível de profundidade de nossos relacionamentos. Isso já serve, portanto, para demonstrar quão superficiais temos sido, já que, em muitos casos, nosso tempo de oração tem sido diminuído. Por que será que com poucos minutos parece que já oramos sobre tudo o que precisávamos? Em primeiro lugar, porque nosso relacionamento com Deus não está com a profundidade e intimidade necessárias para que haja o prolongamento de nosso diálogo com Ele. Em segundo lugar, porque nosso interesse pela vida das pessoas que nos cercam não nos estimula o suficiente para permanecermos mais tempo em oração, intercedendo por elas.

No caso de Paulo, fica claro que o principal meio que tinha e usava para expressar as suas lembranças de Timóteo era por meio da oração. Assim, não era somente Paulo que era abençoado pelas boas lembranças que tinha de Timóteo. O jovem pastor também era alvo de bênçãos, pois todas as vezes que o apóstolo lembrava-se do seu “amado filho”, fazia orações por ele noite e dia (1.3). Isso fazia com que o relacionamento entre eles somente se aprofundasse.

É uma grande riqueza espiritual termos alguém que se lembra de nós nas orações. Tais pessoas prestam, diante de Deus, um grande serviço a nosso favor, fundamental para nosso progresso em todas

as áreas da vida. Precisamos reconhecê-las e honrá-las, além de sermos, também nós, bons intercessores (Ef 6.18,19; 1 Ts 5.25; 2 Ts 3.1,2).

A conexão entre oração e relacionamentos é também vista no ensino de Jesus acerca da oração pelos inimigos. O Mestre ensinou-nos a orar “pelos que nos maltratam e [nos] perseguem, para que [sejamos] filhos do Pai que está nos céus” (Mt 5.44,45). Lucas registrou o ensino de Jesus sobre a oração pelos que nos caluniam (Lc 6.28). Entendemos, portanto, que essa atitude contribui para que tenhamos um relacionamento mais profundo com Deus, pela expressão “para que sejais filhos do Pai que está nos céus”. Além disso, podemos entender e crer que, ao orarmos por nossos inimigos, Deus faz com que sejamos protegidos dos intentos deles contra nós.

“Despertar o Dom”

A força ministerial de Timóteo vinha do dom divino que ele recebera pela imposição das mãos do presbitério (incluindo Paulo) (1 Tm 4.14; 2 Tm 1.6). Era um poder interior que o capacitava para o exercício da sua missão. Ele agora precisava “despertar” o dom. O sentido metafórico do verbo “despertar” é como o assoprar de brasas vivas para manter aceso o fogo, como explica Donald Stamps:

O “dom” (gr. *charisma*) concedido a Timóteo é comparado a uma fogueira (cf. 1 Ts 5.19) que ele precisa manter acesa. O “dom” era, provavelmente, o poder específico do Espírito Santo sobre ele para realizar o seu ministério. Note aqui que os dons e o poder que o Espírito Santo nos concede não permanecem automaticamente fortes e vitais. Precisam ser alimentados pela graça de Deus, mediante nossa oração, fé, obediência e diligência.¹⁴⁴

Não é que Timóteo estivesse desanimado ou frio na fé, mas, sim, que ele precisava manter-se ativo, avivando o dom que já havia recebido. O texto sugere que o jovem pastor necessitava de um novo encorajamento, talvez uma nova inspiração para o pleno desenvolvimento do seu ministério diante da sua inclinação à timidez (1 Tm 4.14; 2 Tm 1.7).

Ninguém está isento de viver fases espirituais difíceis na vida, nas quais a busca de uma experiência mais profunda com o Senhor Deus seja fundamental para prosseguir na jornada de fé, como aconteceu com o profeta Elias (1 Rs 19.1-19). Na verdade, nossa vida espiritual depende da prática de disciplinas diárias para que nos mantenhamos acesos quanto a nossa fé, devoção e dedicação ao serviço cristão. Se assim não fizermos, a tendência é chegar o desânimo. As cinzas vão tomando conta do altar, e o fogo pode apagar-se de vez.

Para o fogo continuar aceso, é preciso retirar a cinza, pôr lenha no altar e oferecer nosso sacrifício pessoal a Deus diariamente (Lv 6.12). Tirar um tempo a sós para falar com nosso Pai celestial — especialmente na primeira hora da manhã — e cultivar uma vida de adoração e serviço são atitudes fundamentais para que permaneçamos espiritualmente avivados (Sl 5.3; Pv 8.17; Cl 4.2; 1 Ts 5.17). Cultivar nossa frequência aos cultos de nossa congregação local ajuda-nos muito nesse processo de constante renovação espiritual (Hb 10.25).

Poder, Amor e Moderação

Paulo lembra a Timóteo que o “espírito” que nos foi dado por Deus não é de “temor” (timidez, covardia ou medo; *deilia*, no grego), mas de “fortaleza” (ou poder), “amor” e “moderação” (equilíbrio, domínio próprio ou autocontrole). Os exegetas dividem-se acerca do sentido do termo “espírito” no versículo 6 de 2 Timóteo 1. Para alguns, teria o significado de “atitude interior”. Para a maioria, contudo, trata-se de uma referência ao Espírito Santo, porque Ele é a fonte do poder, do amor e da moderação que recebemos para viver como cristãos e servir a Deus segundo o dom recebido dEle (Rm 12.4-8).

Um dos estudiosos que assim interpreta é o teólogo Hans Bürki:

Espírito de poder (*dynamis*). Trata-se do Espírito de Cristo, que fortalece o apóstolo para o serviço (1Tm 1.12). Nesse Espírito também Timóteo pode haurir novas forças (2Tm 2.1). O Espírito de poder é o Espírito que concede franqueza, audácia, prontidão, desinibição, destemor, certeza para o testemunho e o serviço.¹⁴⁵

As três virtudes espirituais citadas no texto paulino (poder, amor e moderação) devem ser conjugadas para que o exercício de nossa vocação seja pleno e perfeito. O poder não deve ser exercido em prejuízo ao amor, e tudo deve ser feito com equilíbrio. Não é incomum vermos ministérios sem o necessário ajuste e o devido funcionamento por terem aplicado parcialmente essas virtudes. Exemplo disso é o uso do poder de maneira grosseira e imoderada — um engano, aliás, que era muito frequente na igreja de Corinto (1 Co 14.40).

“Não te Envergonhes”

Quais são as verdadeiras características da vida cristã? O que realmente significa ser um seguidor de Cristo? Em tempos de tanta popularização do evangelho — um fator positivo, mas que termina produzindo efeitos colaterais —, a vida cristã tem sido vista por muitos com certo *glamour* ou encantamento. Isso se acentua principalmente por causa do crescimento do chamado “mundo *gospel*”, de forte viés artístico e mercadológico. Infelizmente, algumas igrejas têm servido de palco para essa “glamourização” do evangelho com o desprezo da vida cútica cotidiana, simples e piedosa.

Servir a Deus é, de fato, uma oportunidade extraordinária. Enchemos de alegria e empolgação. O problema é quando a atração a esse novo cristianismo é feita desconsiderando o aspecto fundante do evangelho, que é compartilhar o testemunho de Cristo não apenas por palavras, mas principalmente por ações. Há uma conhecida frase, sem autor definido, que diz: “Pregue o evangelho em todo tempo. Se necessário, use palavras”. A pregação verbal é, seguramente, importante e necessária; contudo, precisa ser antecedida de um testemunho condizente com a Palavra de Deus.

Num mundo tão relativista, secularista, materialista e hedonista, viver de acordo com a pureza e a simplicidade do evangelho é um grande desafio (2 Co 11.1-3). É remar contra a maré (Rm 12.2). A mensagem da cruz, que importa em renúncia, é vista como loucura,

pois a visão cristã bíblica não confere com a cultura vigente (1 Co 1.18-24).

Vivemos numa sociedade que se autodenomina plural e inclusiva, mas que não tolera quem pensa e vive diferentemente (Jo 15.19). Assim como Timóteo, precisamos do encorajamento que vem do Espírito Santo para viver como cristãos convictos. Somente uma transformação profunda, a partir de nosso interior, capacita-nos a manifestar o caráter de Cristo ao mundo (Gl 4.4).

O Prisioneiro de Cristo

As prisões de Paulo não poderiam intimidar ou envergonhar Timóteo. Pelo contrário! Deveriam servir de estímulo para que o jovem pastor também participasse “das aflições do evangelho, segundo o poder de Deus” (1.8). O apóstolo certamente imaginava que o fato de ele estar preso poderia influenciar negativamente o ânimo do jovem pastor, principalmente pelo fato de que se tratava de uma prisão por ordem do imperador Nero em tempos de tanta perseguição aos cristãos.

Paulo desejava que Timóteo fosse vê-lo na prisão — o que não é uma tarefa fácil, pela própria hostilidade do ambiente e pela comum censura que se faz para quem visita um preso e nutre com ele algum tipo de afetividade. Isso ocorre em todos os tempos e é muito mais acentuado em épocas como a nossa, quando a hipocrisia e o politicamente correto acentuam-se.

Parece que, quando alguém tem um parente ou amigo envolvido em alguma circunstância que o leva à prisão, seja ela justa ou não, admitir parentesco ou amizade torna-se algo censurável, como se fosse necessário negar os vínculos em função da condição prisional da pessoa. Isso é lamentável, pois é justamente em horas assim que mais precisamos demonstrar nossos sentimentos e apoio para contribuirmos com a recuperação do preso, seja qual for o seu grau de inocência ou culpabilidade.

Na verdade, o apelo de Paulo a Timóteo ia além de uma visita à cadeia romana. Era um convite a compartilhar do sofrimento, que ele chama de “aflições do evangelho” (2 Tm 1.8). De fato, além dos

sofrimentos comuns ao exercício da sua missão pastoral em Éfeso, Timóteo já havia compartilhado de muitas aflições do apóstolo durante as várias viagens que eles fizeram juntos (At 17.14,15; 18.1-5; 19.20,21; 20.1-5; Rm 16.21; 1 Co 4.14-17; 16.10,11; Fp 1.1).

O próprio Timóteo já teria experimentado ou viria a experimentar cadeia, como se deduz da referência feita a ele pelo escritor aos hebreus (Hb 13.23). E, segundo a tradição, assim como Paulo, Timóteo foi martirizado por causa da pregação do evangelho.

“Eu Sei em quem Tenho Crido”

A convicção pessoal de Paulo revela-se nessa curta, porém profunda expressão. Trata-se de uma das mais belas declarações de fé feitas pelo apóstolo dos gentios. Diante de tudo o que ele enfrentava, sofrendo dentro de uma masmorra romana — o que, por algum tempo, provavelmente incluiu a fria e escura Prisão Mamertina¹⁴⁶ —, o apóstolo fala do seu padecimento para, em seguida, expressar a sua mais profunda convicção espiritual: “eu sei em quem tenho crido e estou certo de que é poderoso para guardar o meu depósito até àquele Dia” (1.12).

A fé de Paulo estava somente na pessoa de Jesus Cristo. Essa fé era fruto do seu relacionamento com o Mestre desde o dia do seu encontro com Ele no caminho de Damasco (At 9.1-6). A sua inabalável confiança estimulava-o a continuar padecendo sem envergonhar-se, porque ele estava certo da sua salvação eterna e da recompensa que receberia no Dia de Cristo (1.12; 4.8).

Ancorado nessa fé, o apóstolo exorta Timóteo a permanecer firme, conservando “o modelo das sãs palavras”, ou seja, a correta doutrina, como recebera de Paulo, “na fé e no amor que há em Cristo Jesus” (1.13). Timóteo também deveria guardar o seu próprio “bom depósito” (1.14) no fiel cumprimento da obra espiritual de proclamação e defesa da verdade do evangelho, para a qual fora chamado.

Em suma: Timóteo deveria permanecer firme!

¹³⁸ CRUZ, Elaine. **Equilíbrio Emocional**.1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2020, p. 18.

¹³⁹ LOPES, Jamiel de Oliveira. **Psicologia Pastoral**. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 79.

¹⁴⁰ *Op.cit.*,p. 80.

¹⁴¹ CRUZ, Elaine. **Equilíbrio Emocional**. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2020, p. 58.

¹⁴² A dra. Elaine Cruz trata da carência afetiva, os seus reflexos e de como vencê-la no capítulo 5 da sua obra já citada (p. 57-68).

¹⁴³ *Op.cit.*,p. 23.

¹⁴⁴ STAMPS, Donald. **Bíblia de Estudo Pentecostal**.Rio de Janeiro: CPAD, 2009, p. 1877.

¹⁴⁵ BOOR, Werner & BÜRKL, Hans. **Carta aos Tessalonicenses, Timóteo, Tito e Filemom**.1.ed. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2007, p. 313.

¹⁴⁶ Diversos autores consideram que Paulo tenha ficado, pelo menos por algum tempo, naquela que era considerada uma prisão de segurança máxima, destinada aos maiores inimigos de Roma. O próprio apóstolo afirma que era tratado como um malfeitor (2 Tm 2.9) e cita a dificuldade que Onesíforo teve para localizá-lo em Roma (2 Tm 1.16,17), indicando a radical diferença desta para a primeira prisão, que era domiciliar (At 28.16,30). John Kelly refere-se à última prisão como “prisão rigorosa”, onde Paulo estaria “acorrentado como criminoso e esperando sua execução num futuro previsível” (Kelly, 1983, p. 10,11).

Capítulo 12

VENHA DEPRESSA

(2 Tm 4.1-22)

O capítulo 4 da Segunda Carta de Paulo a Timóteo contém as últimas palavras escritas do apóstolo, que são conhecidas da cristandade. Apesar da condição pessoal em que se encontrava, a sua primeira preocupação não era consigo mesmo, mas, sim, com o ministério da pregação da Palavra de Deus. Por isso, ele parte para o encerramento da sua última carta instando a Timóteo que prosseguisse firme na proclamação do Evangelho: “[...] pregues a palavra, instes a tempo e fora de tempo, redarguas, repreendas, exortes, com toda a longanimidade e doutrina” (2 Tm 4.1,2).

A carta é repleta de apelos, incentivos e orientações para que o jovem ministro continuasse o serviço de pregação e defesa do Evangelho. Em 2 Timóteo 4.1, Paulo utiliza novamente a expressão “conjuro-te” (no grego, *diamartyromai*; um apelo solene), como já fizera em 1 Timóteo 5.21. Na primeira carta, o apelo dizia respeito ao emprego da imparcialidade na disciplina dos presbíteros. Agora, a conclamação de Paulo visa dar uma incumbência missional a Timóteo. Como analisa Donald Guthrie: “O caráter solene da presente incumbência é duplamente comovente, pois é o conselho de despedida do idoso guerreiro ao seu jovem, e um tanto tímido, enviado”.¹⁴⁷

A ênfase de Paulo é clara especialmente pelo uso de diferentes verbos, com os quais demonstra a diversidade de formas que Timóteo deveria usar para pregar a Palavra. Aliás, não podemos também nos esquecer da incisividade da expressão “pregues a palavra”, que tem a ver com o zelo com o conteúdo escriturístico.

Paulo adverte a Timóteo que pregasse a palavra “a tempo e fora de tempo”, sendo perseverante na exposição da correta doutrina (4.2).

O jovem pastor deveria preservar a essência da verdade revelada apesar do desejo dos ouvintes. Esta era uma advertência essencial, inclusive porque o apóstolo já previa tempos em que as multidões iriam rejeitar a “sã doutrina” — a doutrina ortodoxa, pura, como contida na Palavra de Deus —, preferindo mensagens que estivessem segundo os seus desejos pecaminosos.

Pelo emprego de distintos verbos, entendemos que a variação na forma de pregar poderia ocorrer, porém sempre mantendo o conteúdo: a Palavra. Mesmo sendo um profundo conhecedor da filosofia e poesia do seu tempo, além de questões políticas e culturais, Paulo não deixa dúvida de que o ministério pastoral deve ser dedicado à exposição das Escrituras.

Pregue a Palavra!

O caráter de imperativa urgência contido na expressão “prega a palavra” é enfatizado por Donald Guthrie em função do verbo grego empregado por Paulo. Diz Guthrie:

No grego, o verbo na expressão *prega a palavra* está no tempo aoristo,¹⁴⁸ o que, juntamente com os sucessivos imperativos, aumenta o caráter solene e definitivo das ordens. O apóstolo considera que Timóteo está em uma crise na qual precisa tomar decisões de forma claramente afirmativa. Ele tem de pregar, como nunca antes, a palavra na qual foi nutrido. O verbo (*ephistemi*) na expressão *prepara-te a tempo e fora de tempo* significa “estar de prontidão, estar à mão”; por isso, a acepção aqui parece ser a de que o ministro cristão tem de estar sempre de serviço. Ele tem de aproveitar cada oportunidade de servir, não importa se a ocasião pareça ou não oportuna.¹⁴⁹

Embora Guthrie considere que a mesma referência a estar preparado “não se aplica apenas à pregação, mas também às muitas outras”,¹⁵⁰ a ênfase aqui é, realmente, na incumbência dada a Timóteo para o fiel exercício do ministério da Palavra, com clara prevenção acerca do conteúdo, como já assinalado. Como sabemos, a mistura da pregação com elementos da intelectualidade

humana — o que geralmente é feito para agradar a vaidade dos ouvintes e a do próprio expositor — nunca foi admitida por Paulo, que teve o cuidado de abster-se de “palavras persuasivas de sabedoria humana”, a fim de não produzir uma fé superficial, apoiada na “sabedoria dos homens”, e não “no poder de Deus” (1 Co 2.4,5): “Porque os judeus pedem sinal, e os gregos buscam sabedoria, mas nós pregamos a Cristo crucificado, que é escândalo para os judeus e loucura para os gregos [...], poder de Deus e sabedoria de Deus” (1 Co 1.22-24).

O exemplo de Paulo e o seu enfático ensino a Timóteo é eloquente e altamente aplicável e necessário para todos os tempos, em especial para nossos dias, quando novas teologias surgem constantemente, transtornando as doutrinas fundamentais da Bíblia com ensinamentos manchados de superficialidade e desprovidos de poder. O mais trágico é que isso encontra grandes públicos, como previu Paulo, exatamente por serem “doutrinas” que buscam suavizar o ensino público, tornando-o palatável para qualquer pessoa, sem exigência de arrependimento e mudança de atitude.

Atualmente, métodos tidos como inovadores, apresentados como alternativas para que as igrejas sejam “relevantes”, defendem um jeito humanista secular de fazer missão, no qual a essência não é a pregação do evangelho. Não desconsideramos que a igreja possa (e até deva, em alguns casos) desenvolver outras ações no seu dia a dia — de cunho social ou cultural, por exemplo —, só que nenhuma delas pode substituir a sua principal missão, que é a pregação do evangelho no poder do Espírito, fruto de constante busca em oração (At 4.29-31).

Qualquer proposta missional que não considere o valor da pregação do evangelho em primeiro plano não tem respaldo bíblico. Somente a pregação da Palavra de Deus gera fé salvífica (Rm 10.17). O evangelho é “o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê” (Rm 1.16).

Rejeição à Sã Doutrina

Logo após recomendar a Timóteo plena dedicação ao serviço da pregação, o velho apóstolo indica as razões da sua tão ardente exortação:

Porque virá tempo em que não sofrerão a sã doutrina; mas, tendo comichão nos ouvidos, amontoarão para si doutores conforme as suas próprias concupiscências; e desviarão os ouvidos da verdade, voltando às fábulas. (2 Tm 4.3,4)

Paulo estava *desenhando* profeticamente o quadro que vemos hoje. Cresce o número de “doutores” que torcem as Escrituras a partir das suas concepções, a fim de ajustar os seus ensinamentos aos desejos dos seus ouvintes (4.3). Em tais igrejas, nada mais é pecado, nem mesmo a homossexualidade. Em nome de uma “teologia inclusiva”, rejeitam o que dizem as Escrituras (Lv 20.13; Rm 1.24-28; 1 Co 6.10).

Sempre que se rejeita algum trecho da Bíblia e produzem-se interpretações que atendem aos nossos próprios desejos, opera-se um mortal desvio da verdade, culminando em apostasia (2 Tm 4.4; 1 Tm 4.1,2). Rejeitar as Escrituras, ainda que apenas um trecho, é um perigo gravíssimo, pois a Bíblia toda é divinamente inspirada (2 Tm 3.16). Não é a Palavra de Deus que deve amoldar-se às nossas preconcepções e desejos. Nós é que devemos renunciar a nós mesmos e submeter-nos a ela.

O Tempo da Partida

Era o ano 67 da Era Cristã. Nero, um dos mais sanguinários imperadores romanos, que ordenou a execução da própria mãe, havia desencadeado uma terrível perseguição aos cristãos, a quem atribuiu a autoria do incêndio ocorrido em Roma no ano 64 d.C. As prisões e os martírios multiplicavam-se por todo o império. Roma era uma cidade espetáculo com diversas atrocidades praticadas. Corpos de cristãos atados em postes ardiam em chamas.

Paulo foi uma das vítimas de Nero. Foi de uma das cadeias romanas, possivelmente acorrentado (2 Tm 1.16) e esperando pela sua execução, que ele escreveu a Timóteo, pedindo que fosse vê-lo

depressa. A sua consciência da proximidade da morte era evidente: “Porque eu já estou sendo oferecido por aspersão de sacrifício, e o tempo da minha partida está próximo” (2 Tm 4.6). Essa franqueza revela-nos um dos principais traços característicos da personalidade de Paulo: autenticidade. Como um cristão autêntico, ele não usava de quaisquer expedientes que pudessem pô-lo como um totem ou ídolo, seja ressaltando experiências espirituais extraordinárias, seja escondendo aspectos negativos da sua vida cristã, como, por exemplo, as suas fraquezas. A Segunda Carta a Timóteo talvez seja o texto que revela um Paulo ainda mais humano. Frases como “o tempo da minha partida está próximo”, “procura vir ter comigo depressa” e “todos me desamparam” mostram um homem sem nenhum tipo de arroubo, bem consciente da sua falibilidade.

Isso não conflita com o fato de que, por muito tempo, Paulo teve a expectativa de que Cristo voltaria ainda nos seus dias (1 Co 15.51; 1 Ts 4.17). Em princípio, este deve ser o anseio e a esperança de todo cristão (2 Pe 3.9-14; 1 Jo 2.18; 3.2,3); logo, não poderia ser diferente com Paulo. Apesar dessa expectativa escatológica, ele mesmo afirmava que o conhecimento do que haveria de acontecer a ele durante o seu ministério era revelado a ele progressivamente: “E, agora, eis que, ligado eu pelo espírito, vou para Jerusalém, não sabendo o que lá me há de acontecer, senão o que o Espírito Santo, de cidade em cidade, me revela, dizendo que me esperam prisões e tribulações” (At 20.22,23).

Dessa forma, as circunstâncias que Paulo passou a viver produziram nele o entendimento de que o seu encontro com Cristo provavelmente não se daria por meio do arrebatamento, como ele esperava. O apóstolo precisaria, como tantos outros santos, passar pela morte e aguardar o dia da ressurreição, como já havia ensinado para consolo dos cristãos (1 Co 15.12-23,51-57; 1 Ts 4.13-18). Isso está explícito na referência que fez ao recebimento da “coroa da justiça”, a recompensa que Paulo espera receber do justo Juiz “naquele Dia” (4.8) perante o Tribunal de Cristo (1 Co 3.11-14; 2 Co 5.10).

Preparando a Transição

Em 2 Timóteo 4.6, Paulo indica claramente que o seu enfático propósito com o encorajamento e as recomendações transmitidas ao seu fiel cooperador era passar-lhe o cajado, a tocha ministerial. O apóstolo tinha plena consciência da iminência da sua morte. No versículo imediatamente anterior (4.5), o apóstolo fecha a frase com a sentença “cumpre o teu ministério”, enquanto abre a próxima seção indicando o porquê: “Porque eu já estou sendo oferecido por aspersão de sacrifício, e o tempo da minha partida está próximo” (4.6).

Esse é um grande sinal de maturidade e convicção espiritual. Paulo foi um líder extraordinário. Além de cumprir o seu ministério, soube formar outros líderes, dando-lhes oportunidade e espaço para servir. Já no fim da vida, teve a tranquilidade de comissionar os seus auxiliares, especialmente Timóteo, a dar prosseguimento na obra de propagação do evangelho.

Um dos sinais da boa liderança é uma transição tranquila. Paulo combatera o “bom combate”, enfrentou oposição de todos os lados (2 Co 7.5; 11.26), batalhas espirituais (1 Ts 2.18; 2.8; 2 Co 12.7) e fortes resistências ao seu ministério, como, por exemplo, a de certo Alexandre, o latoeiro, que lhe causou muitos males (2 Tm 4.14). O apóstolo, entretanto, permaneceu firme e concluiu a sua carreira sem perder a fé.

Oferecido como Libação

Em 2 Timóteo 4.6, Paulo volta a usar a mesma figura de linguagem que usou em Filipenses 2.17. A sua vida estava sendo oferecida como “libação” ou “aspersão de sacrifício”; uma demonstração concreta da sua entrega pessoal à causa do evangelho; do seu “amor sacrificial pelos seus filhos espirituais na fé”.¹⁵¹ Paulo recorre, em analogia, ao modelo sacrificial retratado nas Escrituras, conforme analisa Ciro Sanches Zibordi:

Nos tempos do Antigo Testamento, quando os animais eram sacrificados, o sangue deles era derramado sobre o altar. Nosso pregador-modelo vê a sua

vida como um cálice derramado na presença de Deus. Mesmo consciente de que o sacrifício oferecido por Jesus foi perfeito, ele acredita que era o seu dever oferecer-se por amor a Cristo.¹⁵²

O que isso significa? Que Paulo não reteve a sua vida para si mesmo em momento algum, mas deixou-se gastar completamente para alcançar muitas almas para Cristo (At 20.24; 2 Co 12.15). O resultado do seu trabalho alcançaria bilhões de pessoas em todas as eras da igreja. Quase 2 mil anos depois, continuamos sendo edificados pelo seu exemplo e palavras.

Assim como Paulo, milhares de cristãos têm sido martirizados ao longo de toda a História da Igreja. Em nossos dias, muitos estão sob forte perseguição por causa da fé em Cristo em países como Afeganistão, Coreia do Norte, Somália e muitos outros. A *Portas Abertas*, conhecida organização cristã internacional fundada em 1955 pelo jovem missionário holandês Irmão André, apresenta a Lista Mundial da Perseguição 2023 no seu *site*: www.portasabertas.org.br. Há perseguição extrema ou severa em 50 países. Oremos por eles! E oremos também pelo Brasil para que continuemos tendo liberdade religiosa.

Recordemos que a exortação de Paulo a Timóteo não é o ativismo político, mas a oração: “Admoesto-te, pois, antes de tudo, que se façam deprecações, orações, intercessões e ações de graças por todos os homens, pelos reis e por todos os que estão em eminência, para que tenhamos uma vida quieta e sossegada, em toda a piedade e honestidade” (1 Tm 2.1,2).

O Epílogo Paulino

Paulo encaminha-se para o fim da sua carta fazendo um forte apelo ao seu jovem e fiel cooperador: “Procura vir ter comigo depressa. [...] antes do inverno” (4.9,21). A indicação do tempo oportuno (“antes do inverno”) tem uma explicação objetiva: naquela época, as navegações costumavam ser interrompidas na estação invernal, geralmente entre novembro e março. Caso se atrasasse, o tempo de chegada de Timóteo a Roma seria muito prolongado em função do inverno. Paulo também menciona a necessidade da sua capa,

que deixara em Trôade (4.13) e que lhe era útil para protegê-lo do frio.

Conforme Ciro Sanches Zibordi observa:

Não havia muita roupa naquele tempo. Ter duas capas era sinal de vida relativamente abastada. Paulo precisa da sua capa — uma pesada vestimenta usada pelos viajantes — para cobrir o seu corpo na masmorra gélida onde está aprisionado. Entretanto, também necessita de algo que seja bom para a sua alma e o seu espírito, pois sentia o desejo de ler e de estudar a Palavra de Deus: “traze [...] os livros, principalmente os pergaminhos” (2 Tm 4.13).

Ele mesmo ensinara aos crentes de Tessalônica que o ser humano é tripartido (1 Ts 5.23). Logo, o seu espírito precisava dos “pergaminhos”, as Escrituras, a Palavra de Deus, que penetra na divisão da alma e do espírito (Hb 4.12); a sua alma, de conhecimento (livros); e o seu corpo, de aquecimento (capa).¹⁵³

Não se sabe se Timóteo chegou a Roma a tempo de rever Paulo e entregar-lhe as suas encomendas (a capa, os livros e os pergaminhos). Historiadores clássicos, como Eusébio de Cesareia, registram que Paulo foi martirizado por ordem de Nero. Isso deve ter ocorrido ainda no ano 67 d.C. Como já registramos, Nero suicidou-se em junho de 68 d.C.

As Decepções de Paulo

Como todo grande líder, Paulo também experimentou decepções com os seus liderados. Na verdade, o fim da vida do apóstolo não foi muito animador no que diz respeito à assistência dos seus companheiros. Isso acontece muito, e o cenário evangélico infelizmente não escapa disso. Muitos líderes influentes sofrem terrível abandono quando deixam as suas posições. Alguns liderados parecem ser muito leais aos cargos, e não às pessoas.

Paulo cita nominalmente Demas, que estava entre os seus colaboradores por ocasião da sua primeira prisão em Roma, ao lado de Lucas (Cl 4.14). Talvez a intensidade das últimas perseguições tenha-o desanimado, “amando o presente século”, expressão que indica que ele trocou as promessas de uma recompensa celestial,

pelo sofrimento como cristão, por alguma facilidade ou oportunidade da vida presente.

Outros cooperadores certamente se deslocaram a serviço da obra de Deus, como Crescente e Tito (4.10), e o próprio Tíquico, que Paulo enviou a Éfeso, provavelmente para substituir Timóteo na sua ausência (4.12).

De qualquer sorte, por ocasião da “primeira defesa”, a audiência preliminar a que Paulo foi submetido (4.16), “todos” haviam desamparado o apóstolo, certamente temerosos diante da implacável e cruel perseguição de Nero.

Triunfo Escatológico

Apesar de sentir-se abandonado pelos seus companheiros, Paulo estava firme na sua fé e propósito, porque nunca se sentiu só em relação a quem servia, o Senhor Jesus. Ele havia-o assistido, fortalecido e livrado da “boca do leão” (4.17). Gordon Fee analisa o contraste que o apóstolo apresenta entre o abandono dos seus companheiros e a assistência do seu Senhor, tirada dos versículos 16 e 17 de 2 Timóteo 4: “Ninguém me assistiu [...], todos me desamparam [...]. Mas o Senhor assistiu-me e fortaleceu-me [...]”:

[...] como sempre nos escritos de Paulo, a última palavra é a de Deus [...]. Mas (o vocábulo *de*, em contraste com todos que desamparam o apóstolo) **o Senhor me** assistiu [...]. O Senhor fez duas coisas quando **assistiu** o seu apóstolo. A primeira, e muito significativa, tinha que ver com o evangelho de Paulo. Ele **me fortaleceu** (cp. 2:1; 1 Timóteo 1:12), **para que por mim fosse cumprida a pregação, e a ouvissem todos os gentios** [...]. Em segundo lugar, o Senhor me livrou (o que está subentendido pela forma passiva, no grego) **fiquei livre da boca do leão**. Esta metáfora há muito tem sido assunto de debate. Satanás, Nero, o próprio império e a morte, todos têm sido propostos como o **leão**.¹⁵⁴

Na sequência, o apóstolo expressa a sua confiança de que o mesmo Senhor haveria de livrá-lo “de toda má obra” e iria guardá-lo para o seu Reino celestial (4.18). Está aqui, sem dúvida, a manifestação da sua esperança escatológica. A morte não seria o seu fim. Os céus certamente o esperavam. Paulo sentia-se

desamparado pelos seus companheiros, mas não desanimado. A sua esperança sempre esteve em Cristo.

Como conclui Gordon Fee,

Mais uma vez o foco da carta se concentra na escatologia, na forma de uma das vozes triunfantes certezas de Paulo: O que Deus já realizou em Cristo, ele considera até à consumação final; a salvação que Deus começou, ele completará de verdade. Tal nota de triunfo escatológico, sem mencionar as vitórias passadas, exige uma doxologia (cp. 1 Timóteo 1:17; 6:15-16): **A quem seja glória para todo o sempre. Amém.**¹⁵⁵

Com a Segunda Carta a Timóteo, Paulo anuncia o encerramento do seu ministério literário cheio de fé e esperança e passa o bastão ao seu fiel companheiro, amigo leal e amado filho na fé, desejando-lhe pleno vigor espiritual (“O Senhor Jesus Cristo seja com o teu espírito”). Mas a conclusão do seu texto tem uma nota universal: “A graça seja convosco. Amém!” (2 Tm 4.22). Paulo escreveu a Timóteo, mas também escreveu a todos nós.

¹⁴⁷ GUTHRIE, Donald. **1 e 2 Timóteo e Tito. Introdução e Comentário.** 1.ed. São Paulo: Vida Nova, 2020, p. 173.

¹⁴⁸ Trata-se de um tempo verbal encontrado em línguas antigas, como o grego, que expressa uma ação sem limitação de tempo ou por tempo indefinido, como ensinam Lourenço Stelio Rega e Johannes Bergmann: “O **aoristo**, basicamente, *descreve a ação expressa pelo verbo*; ele contempla a ação, o evento ou o estado *em si, como um todo*. Em função de que o aoristo se refere à ação *em si*, sem especificar a sua duração, nem a maneira em que acontece, nem os seus resultados, muitas vezes é considerado um tempo indefinido”. (REGA, Lourenço Stelio & BERGMANN, Johannes. **Noções do Grego Bíblico. Gramática Fundamental.** 1.ed. São Paulo: Vida Nova, 2004, p. 137).

¹⁴⁹ *Op.cit.*, p. 173,74.

¹⁵⁰ *Ibid.*

¹⁵¹ Bíblia de Estudo Pentecostal, p. 1826.

¹⁵² ZIBORDI, Ciro Sanches. **Paulo, o Príncipe dos Pregadores.** 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2019, p. 246.

¹⁵³ *Op.cit.*, p. 249.

¹⁵⁴ FEE, Gordon D. **Novo Comentário Bíblico Contemporâneo. 1 & 2 Timóteo, Tito.** 1.ed. São Paulo: Editora Vida, 1994, p. 311.

155 *Op.cit.*, p. 312

Capítulo 13

ORGANIZAR A IGREJA EM CRETA

(Tt 1.1-16)

A carta de Paulo a Tito completa a tríade das Cartas Pastorais pelas quais conhecemos muito da organização da Igreja no primeiro século. São três riquíssimos capítulos, nos quais se observa o estilo direto usado pelo apóstolo para transmitir as suas orientações a outro jovem pastor que estava sob treinamento: Tito, um cooperador de características notáveis, como veremos adiante.

No primeiro capítulo, Paulo faz um considerável prefácio e saúda a Tito como o seu “verdadeiro filho, segundo a fé comum” (Tt 1.4). Na sequência, refere-se à missão do seu representante na ilha grega, que era dar sequência à obra que ele mesmo iniciara tempos antes. Tito deveria pôr “em boa ordem” algumas “coisas que ainda [restavam]”, acerca das quais já havia sido informado. Mais que isso, ele deveria estabelecer presbíteros nas igrejas locais, o que Paulo também já havia ordenado.

Na sequência, o apóstolo apresenta as qualificações dos presbíteros e explica o porquê de serem exigidas a eles credenciais tão altas: precisariam ser poderosos “tanto para admoestar com a sã doutrina como para convencer os contradizentes” (1.9). Os presbíteros teriam uma tarefa difícil, para a qual seria necessário demonstrar uma firme estrutura moral e espiritual. Os cretenses não eram fáceis e havia judeus dispostos a também dificultar a vida da igreja e dos seus pastores.

No capítulo 2, Paulo ordena a Timóteo que fale o que convém à sã doutrina e detalha como deveria ser o comportamento dos membros da igreja: velhos, mulheres idosas, mulheres novas, jovens e servos.

Não se trata de um rol taxativo, naturalmente. O papel de Tito era ensinar a sã doutrina a todos. O capítulo 2 é concluído com uma seção relativa à manifestação da graça de Deus e a sua operação na vida humana: salvação, santificação e esperança escatológica (2.11-15).

O capítulo 3 é aberto com uma nota acerca da sujeição e da obediência às autoridades e do dever que todo cristão tem de estar preparado para toda boa obra (3.1). Ser prudente e benigno no falar, não ser dado a contendas, ter uma vida simples e ser manso para com todos os homens (3.2). O viver de quem serve a Deus deve contrastar-se à sua velha natureza, na qual ainda vivem os insensatos, desobedientes, extraviados; os que se entregam aos prazeres e vivem dominados pela malícia, inveja e ódio (3.3).

Paulo encaminha-se para o fim da sua carta aconselhando Tito a que não perca tempo com quem quer fomentar discussões infrutíferas acerca de assuntos teológicos controversos e que não geram edificação. Viviam em Creta muitos judeus da Diáspora, que se dedicavam a questões loucas, genealogias, contendas e debates acerca da Lei. Tito deveria evitá-los (3.9-11).

O encerramento da carta é o anúncio de Paulo de que enviaria a Creta um dos seus demais cooperadores (Ártemas ou Tíquico) para suceder a Tito (talvez temporariamente) a fim de que este pudesse ir a Nicópolis, na Macedônia, para encontrar-se com Paulo por ocasião do inverno. Paulo recomenda que Tito acompanhe Zemas e Apolo e fecha a carta com a sua saudação pessoal e de todos os que estavam com ele, certamente o acompanhando na viagem que fazia entre a Ásia Menor e a Macedônia.

Esse é, portanto, um resumo da carta de Paulo a Tito.

O Longo Prefácio

O prefácio da carta de Paulo a Tito é bem mais extenso do que os prólogos das cartas que escreveu a Timóteo (1 e 2 Timóteo). Assemelha-se com o prefácio da carta aos Romanos (Rm 1.1-7). Nele, Paulo apresenta-se como “servo de Deus e apóstolo de Jesus Cristo, segundo a fé dos eleitos de Deus e o conhecimento da

verdade, que é segundo a piedade” (1.1). No texto grego, servo é *doulos* e significa “escravo”. E é nessa condição (de “escravo de Deus”) que se vê Paulo, exercendo o seu apostolado para “promover a fé que é dos eleitos de Deus e o pleno conhecimento da verdade segundo a piedade”, conforme a tradução contida na versão Almeida Revista e Atualizada (ARA).¹⁵⁶

Conforme o comentário da *Bíblia de Estudo Holman*,

Segundo a fé traduz uma expressão difícil. A ideia é que o propósito do apostolado de Paulo era ver pessoas vindo à **fé** e crescendo na fé e no **conhecimento da verdade**. A palavra “verdade” se refere ao evangelho especificamente, e este evangelho conduz à **piedade**.¹⁵⁷

Em seguida, Paulo expressa a sua esperança escatológica, a “esperança da vida eterna”, prometida por Deus “antes dos tempos dos séculos”, tema da sua pregação apostólica (1.2,3). Era, portanto, a proclamação do Evangelho que movia Paulo.

Fechando o seu prefácio, o apóstolo identifica o destinatário da sua carta, Tito, o seu verdadeiro filho, “segundo a fé comum”, expressão que leva muitos eruditos a considerar que o jovem cooperador tenha-se convertido por intermédio do ministério de Paulo.

A Carta e o seu Propósito

A carta a Tito é bastante similar à Primeira Carta a Timóteo, embora tenha um tom menos pessoal. Ambas foram escritas por Paulo durante a viagem missionária que ele fez depois do seu primeiro aprisionamento em Roma (63–65 d.C.). Os cinco longos anos de prisão, somados a todos os sofrimentos que já havia experimentado desde o início do seu ministério, não fizeram Paulo ficar desanimado e parar o seu trabalho evangelístico e pastoral. Pelo contrário! Tão logo se viu livre novamente, o apóstolo intentou uma nova viagem, acompanhado dos seus principais colaboradores.

Não sabemos se Paulo foi à Espanha como desejava (Rm 15.23-28), mas sabemos da sua viagem pela Acaia, Macedônia e Ásia Menor. A carta a Tito dá-nos uma clara ideia da livre movimentação

do apóstolo naquele período e a sua intenção de plena continuidade da missão, o que não sabemos até que ponto ocorreu. A carreira de Paulo foi interrompida com a sua nova prisão e envio a Roma.

Antes disso, contudo, Paulo escreveu a Tito para orientá-lo e exortá-lo mais uma vez acerca da organização da igreja na ilha, enfatizar a necessidade de refutar os falsos mestres e ensinar aos crentes cretenses sobre o modelo ideal de vida cristã. Pelo conteúdo da carta, Creta, assim como Éfeso, estava enfrentando a oposição de judeus da Diáspora, que se entregavam a práticas ascéticas e perturbavam as igrejas nascentes (Tt 1.14,15).

Paulo escreve para estimular Tito a ser firme no exercício do seu ministério, na defesa do verdadeiro evangelho, construindo um ministério sólido e igrejas edificadas na fé mediante a exposição da sã doutrina. Isso não seria fácil, decerto, pelo cenário tenebroso de Creta, com o perfil irreverente e dissoluto dos cretenses e com os desvios doutrinários dos judeus.

Tito, Creta e os Cretenses

A exemplo de Timóteo, Tito também era jovem e solteiro.¹⁵⁸ Ele provavelmente tinha um pouco mais de idade que Timóteo. O seu nome não é citado em Atos, mas uma referência feita por Paulo na carta aos gálatas faz-nos entender que Tito tornou-se o seu cooperador antes de Timóteo. Não há informações sobre a sua conversão a Cristo. Alguns estudiosos do Novo Testamento acreditam que ele também se convertera pelo ministério de Paulo, a exemplo de Timóteo.

Em Gálatas 2.1-5, Paulo descreve uma viagem que fez a Jerusalém para tratar de conflitos que tinha com os judeus, principalmente por causa da circuncisão. Tito estava nessa viagem (Gl 2.1-3), provavelmente a mesma narrada por Lucas em Atos 15.2, que trata do Concílio de Jerusalém. Enquanto Timóteo foi circuncidado por Paulo por causa dos judeus (At 16.3), com Tito foi diferente: o apóstolo não cedeu à pressão alguma para circuncidá-lo (Gl 2.3). Pelo contrário: fez questão de levá-lo a Jerusalém, como

um cristão grego não circuncidado, na mesma ocasião em que leva Barnabé, um judeu circuncidado (Gl 2.1).

William Simmons considera que essa atitude de Paulo foi proposital no sentido de demonstrar a abertura do evangelho para judeus e gentios:

Ele escolheu estes auxiliares porque representam o âmbito do seu ministério. No que se refere ao evangelho, Paulo se sente confortável com os cristãos judeus circuncidados como Barnabé. Mas também é capaz de ter comunhão com cristãos gentios incircuncisos como Tito. E o mais importante, tanto Barnabé como Tito afirmam completamente a Paulo e ao seu evangelho.¹⁵⁹

O fato de Tito ser grego não quer dizer que ele seja oriundo da Grécia, conforme assinala Hans Bürki, que cita a conjectura de alguns comentaristas de que Tito tenha nascido em Antioquia.¹⁶⁰ Tinha uma personalidade um pouco diferente da de Timóteo. As referências que Paulo faz dele na Segunda Carta aos Coríntios permite-nos entender que a liderança de Tito era mais incisiva, estando sempre pronto para grandes desafios, como os de Corinto e de Creta. Timóteo, como já analisamos, tinha certa timidez.

A respeito dessas diferenças na liderança de Tito em relação a Timóteo, Bürki comenta:

Quando Timóteo, sensível e certamente mais jovem, não foi capaz de cumprir sua incumbência em Corinto, interveio Tito, estável e zeloso. Com angústia Paulo aguardava o desfecho das negociações, que na sequência foram coroadas de pleno êxito (2Co 2.13; 7.6; 13s). Os coríntios não receberam a Tito com desprezo (esse risco existia em relação a Timóteo: 1Co 16.10s), mas pelo contrário, com temor e tremor! (2Co 7.15). Mas Tito não se mostrou duro ou autoritário. Seu coração era propício aos coríntios. Somente assim ele conseguia atuar como mediador e pacificador entre Paulo e a igreja.

[...] Tito, mais equilibrado em seu íntimo, com certeza pode se apresentar com serenidade diante de outros, solucionando assim confusões humanas muito complicadas.¹⁶¹

O perfil de Tito pode ser assim resumido: pronto, entusiasmado, diligente, proativo (2 Co 8.17); de posições firmes (2 Co 7.15); ético e respeitoso (2 Co 12.18); amoroso (2 Co 7.13-15); amigo leal e

fraterno, ou seja, um irmão (2 Co 2.13) e um homem de confiança (2 Co 8.23). Timóteo e Tito tinham perfis diferentes para missões diferentes. Não somos todos iguais. O Senhor trabalha em nós e através de nós considerando nossas diferenças.

A Ilha de Creta

Localizada a sudeste da Grécia, ao sul do mar Egeu, Creta é a quarta maior ilha do mar Mediterrâneo, menor apenas que Sicília, Sardenha e Chipre.¹⁶² Tem uma área de aproximadamente 8.200 km². Possui uma forma alongada: 256 km de leste a oeste e 10 a 56 km de norte a sul. Bastante montanhosa, mas com vales férteis, Creta tem uma história antiga. Foi o centro de uma cultura muito antiga chamada minoana (mais conhecida como Minoica), que se desenvolveu durante as Idades do Bronze Média e Última (de 2.600 a.C. a 1.000 a.C). A ilha também é citada por alguns estudiosos como tendo sido a terra de origem dos filisteus, de nome Caftor, mencionada em Deuteronômio 5.23, Jeremias 47.4 (“[...] porque o SENHOR destruirá os filisteus, o resto da ilha de Caftor”) e Amós 9.7.

No primeiro século, Creta possuía mais de 100 cidades, algumas delas espalhadas ao longo da costa. Eram cidades muito povoadas e violentamente independentes.¹⁶³ Algumas dessas cidades tinham excelentes portos, como, por exemplo, o de Fenice, citado em Atos 27.12. Lucas cita os cretenses presentes no dia do Pentecostes (At 2.11).

Conforme Wycliffe, Roma conquistou a ilha em 68/67 a.C. e fez dela uma província separada.¹⁶⁴ Paulo esteve em Creta durante a sua conturbada viagem a Roma, por ocasião do seu primeiro aprisionamento. O navio que o levava atracou em Bons Portos e ali ficou por algum tempo (At 27.8,9).

Atualmente, Creta tem mais de 600 mil habitantes e possui diversos pontos turísticos de grande visitação. Segundo consta no *site* Wikipedia, “a ilha constitui uma parte significativa da economia e do patrimônio cultural da Grécia, ao mesmo tempo que conserva características culturais próprias, nomeadamente na música e poesia”.¹⁶⁵

Os Cretenses

Um povo de péssima fama. A ilha era um lugar de confusão, miscigenação cultural e religiosa, violência, banditismo e imoralidade. Os cretenses eram mentirosos, preguiçosos e glutões. Paulo denuncia isso na carta a Tito, numa referência a Epimênides, um conhecido poeta e filósofo cretense do século VI a.C.: “Um deles, seu próprio profeta, disse: Os cretenses são sempre mentirosos, bestas ruins, ventres preguiçosos” (Tt 1.12).

Conforme Craig S. Keener,

Na época de Paulo, a reputação de Epimênides era a de ter sido um milagreiro, mestre e poeta itinerante; como era comum no pensamento grego, a linha que separava a inspiração poética podia ser tênue. Embora o ditado, ao que tudo indica, tivesse se tornado proverbial (um comentarista afirma que “cretar” havia se tornado gíria para “mentir”), não é impossível que Paulo conhecesse as obras de Epimênides. Parece mais provável, contudo, que ele conhecesse apenas o ditado a ele atribuído ou no máximo uma antologia que contivesse várias máximas atribuídas a Epimênides [...].¹⁶⁶

Segundo o teólogo suíço Hans Bürki (1925–2002), o termo sincretismo é inspirado nessa ebulitiva característica dos cretenses. O prefixo grego *syn* tem o sentido de “em companhia de, junto com”, como em sinergia, sincronia, sinfonia, etc. Assim, o *syn*-cretismo era o “fenômeno” que se dava quando os cretenses uniam-se, mesmo com todas as suas diferenças, para juntos defenderem-se de um inimigo comum. Ou, num sentido figurado, o sincretismo seria a própria presença, numa mesma ilha, de múltiplos cultos, religiões, filosofias e linhas de pensamento. Bürki ainda assinala que é da palavra “cretense” que deriva o verbo *cretizo*, no grego, que significa “mentir”.¹⁶⁷

Acontece que o evangelho havia chegado à ilha. Como já assinalado, havia judeus cretenses em Jerusalém no dia de Pentecostes (At 2.11). Alguns deles certamente se converteram e levaram a fé para as suas respectivas cidades. Depois de solto da sua primeira prisão em Roma (At 28.30), Paulo viajou para Creta, levando Tito. Trabalhou ali por algum tempo e deixou o seu fiel

colaborador para prosseguir a obra (Tt 1.5). Apesar de toda a imoralidade, indiferença e hostilidade dos cretenses, impregnadas na cultura da ilha, muitas igrejas floresceram ali. Não há nível de pecaminosidade que resista ao poder do evangelho: “onde o pecado abundou, superabundou a graça” (Rm 5.20).

A Missão de Tito

A missão primordial de Tito era organizar as igrejas locais “de cidade em cidade”. Isso denota que o evangelho espalhara-se pela ilha, só que a organização das igrejas ainda estava bem no início. Já havia um presbitério estabelecido em Éfeso (At 20.17,28), o que não excluía a responsabilidade de ordenar novos presbíteros, pelo crescimento da obra.

Em Creta, contudo, embora Paulo tivesse trabalhado por algum tempo para pôr as “coisas [...] em boa ordem”, havia a premente necessidade de exercer a disciplina eclesiástica (1.13) e estabelecer presbíteros em cada igreja para prosseguirem com a missão de ensinar. Craig S. Keener explica que esse modelo de organização eclesiástica instituído por Paulo assemelhava-se a uma prática judaica veterotestamentária e também presente nas sinagogas do Novo Testamento:

No Antigo Testamento, as cidades eram governadas e julgadas pelos “anciãos”, aqueles que tinham a maior sabedoria e experiência na comunidade. No período do Novo Testamento, os homens mais velhos proeminentes nas sinagogas da Diáspora eram chamados “presbíteros”. Embora o papel exato deles talvez variasse de lugar para lugar, muitas vezes o grupo de presbíteros liderava a sinagoga (na Judeia, cf. 1QS 6.8-9 nos Manuscritos do Mar Morto). Paulo seguia as formas convenientes e convencionais de liderança da sinagoga naquela cultura, em vez de instituir estruturas de liderança completamente estranhas àquele ambiente.¹⁶⁸

O perfil dos presbíteros segue os mesmos requisitos transmitidos a Timóteo, destacando a necessidade de maturidade (1 Tm 3.1-6). Difere somente a expressa inclusão de uma observação implícita na carta a Timóteo: a boa conduta dos filhos (Tt 1.6). Na linguagem de hoje, diríamos que eles precisam ser bons crentes, isto é, dar bom

testemunho como cristãos. Essa é a vontade de Deus e o ponto ideal que precisamos buscar. Isso é valioso para os filhos dos líderes e contribui muito para o êxito do ministério dos seus pais.

Correção aos Falsos Doutores

Assim como em Éfeso, havia falsos mestres que perturbavam a vida da igreja em Creta. Paulo chama-os de “desordenados, faladores, vãos e enganadores” e aponta principalmente “os da circuncisão”; judeus que insistiam que os gentios precisavam cumprir leis, regras e ritos judaicos para serem salvos (1.10).

Paulo fala novamente da sorrateira ação desses falsos mestres, que “transtornavam casas inteiras”, o que denota o mesmo problema de Éfeso, envolvendo as mulheres (1 Tm 4.7; 2 Tm 3.6,7). É provável que tais mestres estivessem explorando a imprudência dessas mulheres, enganando-as assim como o Diabo fez com Eva no Éden (Gn 3. 1-6; 1 Tm 2.14).

O trato com esses ardilosos falsos mestres deveria ser firme. Paulo usa a expressão “tapar a boca” para demonstrar como Tito deveria ser diligente no seu trabalho. De igual modo, o presbítero precisaria ter suficiente autoridade moral e espiritual a fim de que fosse “poderoso, tanto para admoestar com a sã doutrina como para convencer os contradizentes” (1.9). Não se pode confundir amor com condescendência. Erros devem ser corrigidos (Hb 12.5-9).

Má Influência na Igreja

A correção a ser feita por Tito visava não apenas aos falsos mestres. A expressão “repreende-os severamente para que sejam sãos na fé”, feita logo após a referência aberta aos cretenses (1.12,13), permite-nos entender que as igrejas em Creta deveriam receber semelhante ensino (3.1-9). A má conduta dos cretenses, impregnada na cultura da ilha, estaria reinando entre os cristãos, o que também se denota pela necessidade de pôr “em boa ordem as coisas que ainda [restavam]” (1.50).

De fato, não é incomum que vícios impregnados em culturas locais insistam em infiltrar-se e permanecer no seio de comunidades cristãs. São comportamentos e costumes antiéticos que até parecem ser inofensivos a princípio, mas que, na verdade, são destrutivos, assim como raposinhas que fazem tão mal às vinhas (Ct 2.15).

Viver em meio aos “cretenses” não nos autoriza a compartilhar da sua má conduta. Precisamos ser “sãos na fé” (1.13). O evangelho não pode render-se a nenhuma cultura pecaminosa. É preciso haver transformação de caráter.

Ensino para toda a Família

O tom de praticidade do ensino de Paulo a Tito é semelhante ao que o apóstolo transmitiu a Timóteo (1 Tm 5,6). Tito, de igual forma, deveria transmitir a correta doutrina para toda a igreja, dos mais velhos aos mais jovens. Paulo volta a enfatizar a importância da educação cristã para as mulheres idosas, destacando o papel delas no ensino das mais novas (2.3-5).

O valor de constituição da família é mais uma vez enfatizado por Paulo, ao tratar da nobre missão da mulher como esposa e mãe, dedicada ao lar, “a fim de que a palavra de Deus não seja blasfemada” (2.5), isto é, para que o Senhor seja glorificado pela vida exemplar das famílias cristãs. Essas tarefas atribuídas à mulher têm sido muito desprezadas pela sociedade moderna.

A mulher cristã pode exercer atividades fora do lar, desde que não negligencie a missão precípua que lhe foi outorgada por Deus. A ausência da mulher como esposa e mãe traz prejuízos incalculáveis à família, com nítidos reflexos na igreja e em toda a sociedade. A vida cristã deve ser pautada sempre nas Escrituras Sagradas, que jamais envelhecem ou se tornam ultrapassadas (Sl 119.89; Is 40.8; 1 Pe 1.22-25).

Paulo, por fim, dirige-se aos jovens, aos quais destaca a moderação (2.6). Exercer o autocontrole é fundamental para que o jovem não tome decisões erradas na vida. É melhor suportar o jugo dos tempos de mocidade (Lm 3.27-29): “Tudo tem o seu tempo

determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu” (Ec 3.1).

Salvação para todos

Paulo também aborda na carta a Tito uma das doutrinas centrais da fé cristã: Soteriologia, a doutrina da salvação. A graça de Deus foi manifestada “trazendo salvação para todos os homens” (2.11). Esse é um dos muitos textos que apontam o propósito universal de Deus para a humanidade, que é oportunizar a todos o alcance à vida eterna. Conforme observa o pastor Elinaldo Renovato, no texto de Tito 2.11, o termo *graça* “ultrapassa o conceito de e o sentido da ‘graça comum’, que é disponível para ‘todos os homens’, independente de crerem em Deus ou não”.¹⁶⁹

O mesmo autor explica que “a ‘graça comum’ é manifestada pela ‘revelação natural’, pela natureza (Sl 19.1ss) [enquanto] a graça salvadora também está à disposição de ‘todos os homens’, mas só é alcançada ou eficaz por aqueles que creem em Deus, e aceitam a Cristo Jesus como seu único e suficiente Salvador Pessoal”. O pastor Elinaldo ainda diz que essa “graça”, que é salvífica, é “também chamada de ‘graça especial’, conhecida por meio da ‘revelação especial’ de Deus, que é a sua santa Palavra”.¹⁷⁰

Pela sua graça, Deus não apenas nos salva no presente e preserva-nos da ira futura, como também cumpre um papel pedagógico constante, pois nos ensina ao longo da vida a renunciar a todo pecado e viver bem conosco mesmos, com nosso próximo e com o Senhor Deus (2.14). Conforme Kelly,

Paulo está ressaltando o que podemos chamar de aspecto educativo ou disciplinar da atividade salvífica de Deus. Negativamente, os cristãos sob a orientação da graça (é quase personificada) fizeram um rompimento total com falsos conceitos de Deus (*a impiedade*), e também com as inclinações que são exclusivamente deste mundo. [...] Mais positivamente, têm a oportunidade de aprender, sob a influência da graça divina, a conduzir sua vida de um modo plenamente cristão.¹⁷¹

Essa vida deve ser alimentada na esperança da volta de Jesus, que prometeu buscar “um povo seu especial, zeloso de boas obras” (2.14). Não basta, portanto, receber a salvação. É preciso viver de acordo com a vocação celestial (Ef 4.1-3; 1 Pe 1.13-16; Hb 12.14). O que mais vale a pena: viver segundo os padrões da sociedade moderna ou em obediência à Palavra de Deus?

Lições para todos os Tempos

Assim como em Creta, vivemos num mundo cheio de impiedade, no qual os ministros do evangelho devem primar pela exposição da sã doutrina, a despeito de qualquer oposição, ensinando a todos os cristãos a viver de acordo com a vocação que abraçaram, principiando pelo cumprimento dos deveres em família e no trabalho.

Nosso testemunho deve ser exemplar na igreja e em toda a esfera secular ou pública, rejeitando o comum comportamento mundano e as intrigas religiosas, inclusive as que são tratadas no ambiente virtual, tão poluído ultimamente. Identificar as heresias e fugir delas são atitudes sábias a ser tomadas, a fim de que nos apliquemos à prática das boas obras, nas coisas necessárias, para que nossa vida não seja desprovida de bons frutos (Tt 3.14).

¹⁵⁶ Eruditos como Gordon Fee ressaltam o melhor sentido das traduções que dão conotação da fé dos eleitos como “alvo ou propósito” do apostolado de Paulo. Assim, conforme Fee, a tradução poderia ser “com o objetivo de”. (FEE, Gordon D. **Novo Comentário Bíblico Contemporâneo. 1 & Timóteo, Tito**.1.ed. São Paulo: Editora Vida, 1994, p. 180).

¹⁵⁷ **Bíblia de Estudo Holman**.1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2018, p. 1958.

¹⁵⁸ Conforme Hans Bürki, “A tradição da igreja noticia que Tito teria se tornado bispo, permanecendo solteiro e falecendo aos 94 anos de idade” (BOOR, Werner & BÜRKI, Hans. 2007, p. 391).

¹⁵⁹ In: **Comentário Bíblico Pentecostal. Novo Testamento. Volume 2**.4.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2009, p. 336.

¹⁶⁰ BOOR, Werner & BÜRKI, Hans. **Carta aos Tessalonicenses, Timóteo, Tito e Filemom**.1.ed. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2007, p. 390.

¹⁶¹ Ibid, p. 391.

¹⁶² O **Dicionário Bíblico Wycliffe** apresenta Creta como a quarta maior ilha do Mediterrâneo, só que essa classificação costuma variar. Algumas publicações apresentam Creta como sendo a quinta maior ilha do Mediterrâneo.

¹⁶³ (v. **Comentário do Novo Testamento Aplicação Pessoal, Vol. 2**.1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2009, p. 547).

¹⁶⁴ **Dicionário Bíblico Wycliffe**. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2006, p. 472.

¹⁶⁵ Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Creta>. Acesso em 30/01/2023.

¹⁶⁶ CRAIG, S. Keener. **Comentário Histórico-Cultural da Bíblia. Novo Testamento**.1.ed. São Paulo: Vida Nova, 2017, p. 746. Ainda segundo Keener, “segundo uma tradição, foi [Epimênides] quem recomendou edificar altares aos deuses desconhecidos (cf. At 17.23) (*Op.cit.*,p. 450).

¹⁶⁷ *Op.cit.*,p. 390, 401.

¹⁶⁸ *Op.cit.*,p. 744.

¹⁶⁹ LIMA, Elinaldo Renovato. **As Ordenanças de Cristo nas Cartas Pastorais**.1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 146.

¹⁷⁰ Ibid.

¹⁷¹ KELLY, John N.D. **I e II Timóteo e Tito. Introdução e Comentário**. 1.ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1983, p. 221.

SEJAM FIRMES

Dos 27 livros do Novo Testamento, 1 e 2 Timóteo e Tito foram os únicos escritos a pastores, com notas pessoais e, principalmente, exortações práticas a respeito da função dos dirigentes eclesiásticos, especialmente o seu testemunho pessoal e o compromisso com a ortodoxia, que Paulo seguidas vezes denomina de “boa doutrina” (1 Tm 4.6), “sã doutrina” (2 Tm 4.3; Tt 2.1), “sãs palavras” (1 Tm 6.3; 2 Tm 1.13) ou, simplesmente, “doutrina” (1 Tm 1.4.16; 5.17; 6.1,3).

Além do caráter eclesiológico prático, um dos aspectos mais impressionantes das Cartas Pastorais é como elas se encaixam na história do Novo Testamento, e, especialmente, da vida e do ministério de Paulo, complementando a narrativa que ficou visivelmente inacabada com o relato produzido por Lucas em Atos.

Nas Pastorais encontramos dois jovens que não desistiram de servir a Deus do jeito certo – compreendendo todos os aspectos do verdadeiro ministério, o que inclui a submissão e obediência a um autêntico e equilibrado líder espiritual. Nelas, Timóteo e Tito dizem o mesmo para a nossa geração.



SILAS QUEIROZ é pastor na Assembleia de Deus em Ji-Paraná (RO) e procurador-geral no mesmo município. Formado em Direito pela Universidade Luterana do Brasil e bacharel em Teologia pela Faculdade de Teologia Logos (FAETEL). Casado há 30 anos com Jocineide Machado de Almeida Queiroz e pai de Silas Junior, Gabriel e Ana Carolina.



ISBN 978-65-5968-221-8







SILAS QUEIROZ

Jesus, o Filho de Deus

Os Sinais e Ensinos de Cristo
no Evangelho de João

Jesus, o Filho de Deus

Queiroz, Silas

9786559681488

160 páginas

[Compre agora e leia](#)

O apóstolo João não apenas compôs o grupo dos Doze, mas também, nesse grupo, integrou o círculo mais próximo de Jesus, junto com Pedro e Tiago. Agora, já velho, amadurecido na fé e diante de um cenário em que a doutrina mais atacada era a que pregava a divindade de Jesus, João viu a necessidade de escrever seu Evangelho. Nos primeiros séculos da era cristã, o Evangelho de João foi uma fonte fundamental para a definição da Cristologia ortodoxa quanto à divindade, posição e papel de Cristo na Trindade.

[Compre agora e leia](#)



O ETHOS PENTECOSTAL NA ESFERA PÚBLICA

Valores Cristãos, Política
e suas Relações com o
Estado Democrático de
Direito à Luz da Declaração
de Fé Assembleiana

Douglas Baptista

O Ethos Pentecostal na Esfera Pública

Baptista, Douglas

9786559682195

290 páginas

[Compre agora e leia](#)

A participação na esfera pública de cidadãos que professam sua fé é cada vez maior, porém não sem crítica de grupos laicistas e irreligiosos. Essa obra procura demonstrar que essa participação, em especial de pentecostais, no debate público é um direito que não deve ser cerceado em nome de visões equivocadas do que seja Estado laico. Com sólida fundamentação acadêmica, o autor apresenta, à luz da Declaração de Fé das Assembleias de Deus, a vitalidade da doutrina teológica institucional na formação do "ethos", isto é, da identidade

pentecostal e demonstra sua influência na esfera pública

[Compre agora e leia](#)



JOSÉ GONÇALVES



OS ATAQUES CONTRA A IGREJA DE CRISTO

As Sutilezas de Satanás nestes Dias
que Antecedem a Volta de Jesus Cristo

Os Ataques Contra a Igreja de Cristo

Gonçalves, José

9786559681105

160 páginas

[Compre agora e leia](#)

Neste livro, o pastor e escritor José Gonçalves mostra as esferas sociopolítica, ético-moral e espiritual onde o ataque a fé cristã tem se concentrado. Banalização da Graça de Deus, imoralidade sexual, normalização do divórcio, mídias sociais, materialismo, enfraquecimento da identidade pentecostal são algumas entre diversas outras sutilezas do inimigo abordadas nessa necessária.

[Compre agora e leia](#)



Aviva a Tua Obra



*O chamado das
Escrituras ao
quebrantamento e
ao poder de Deus*

Elinaldo Renovato

Aviva a Tua Obra

Lima, Elinaldo Renovato de

9786559682645

160 páginas

[Compre agora e leia](#)

A realidade espiritual do mundo, nos últimos tempos, tem afastado a muitos que já tiveram conhecimento do evangelho, no seio das igrejas. É tempo de buscarmos um avivamento espiritual. Neste livro, o leitor aprenderá o conceito de avivamento e o reconhecerá descrito no Antigo e no Novo Testamento. Além disso, essa obra também aborda o avivamento espiritual no mundo e no Brasil e, por fim, a necessidade de um grande clamor nestes tempos que antecedem a vinda de Jesus.

[Compre agora e leia](#)



A JUSTIÇA DIVINA

A Preparação do Povo de Deus para
os Últimos Dias no Livro de Ezequiel



ESEQUIAS SOARES
& DANIELE SOARES

A Justiça Divina

Soares, Esequias Soares & Daniele

9786559682911

160 páginas

[Compre agora e leia](#)

O livro de Ezequiel inaugurou o estilo literário apocalíptico no Antigo Testamento e revela a soberania e o poder de Deus sobre todas as nações da terra e sobre a história. Este livro será de grande ajuda para a compreensão da mensagem de Ezequiel pois a restauração da nação de Israel predita pelo profeta é um sinal importante da proximidade da vinda de Cristo.

[Compre agora e leia](#)